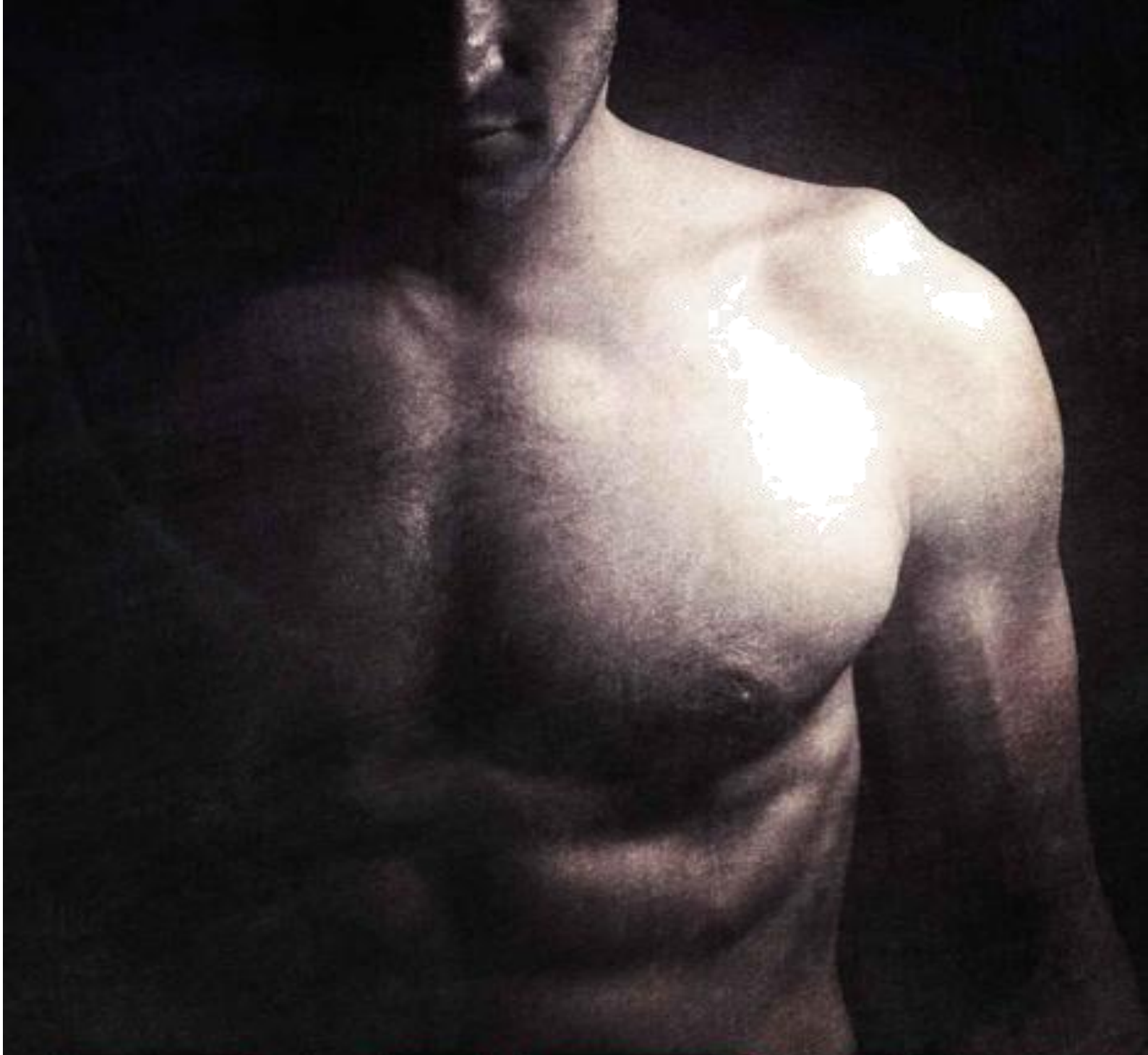




DIRE

The Dire Wolves Chronicles

ALYSSA ROSE IVY





EQUIPE PEE

TRADUÇÃO: PERSÉFONE & ALÊ

REVISÃO INICIAL: GABBIE

REVISÃO FINAL: BEE QUEEN

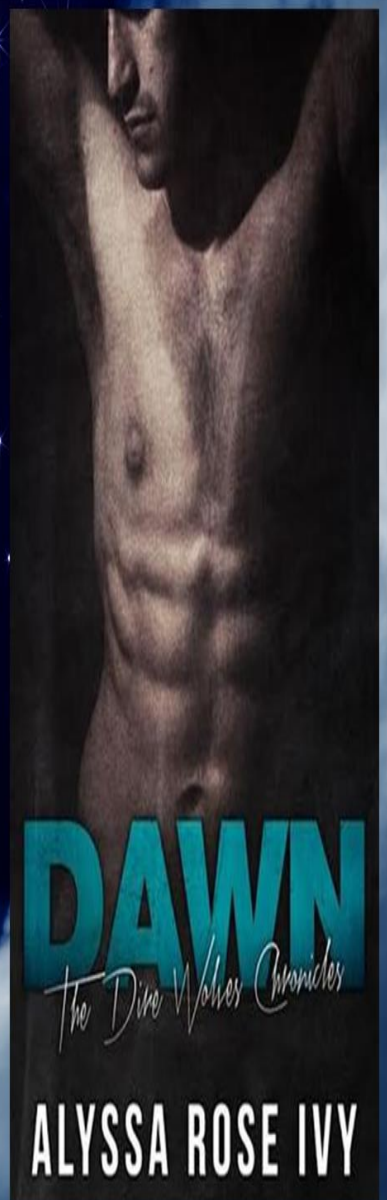
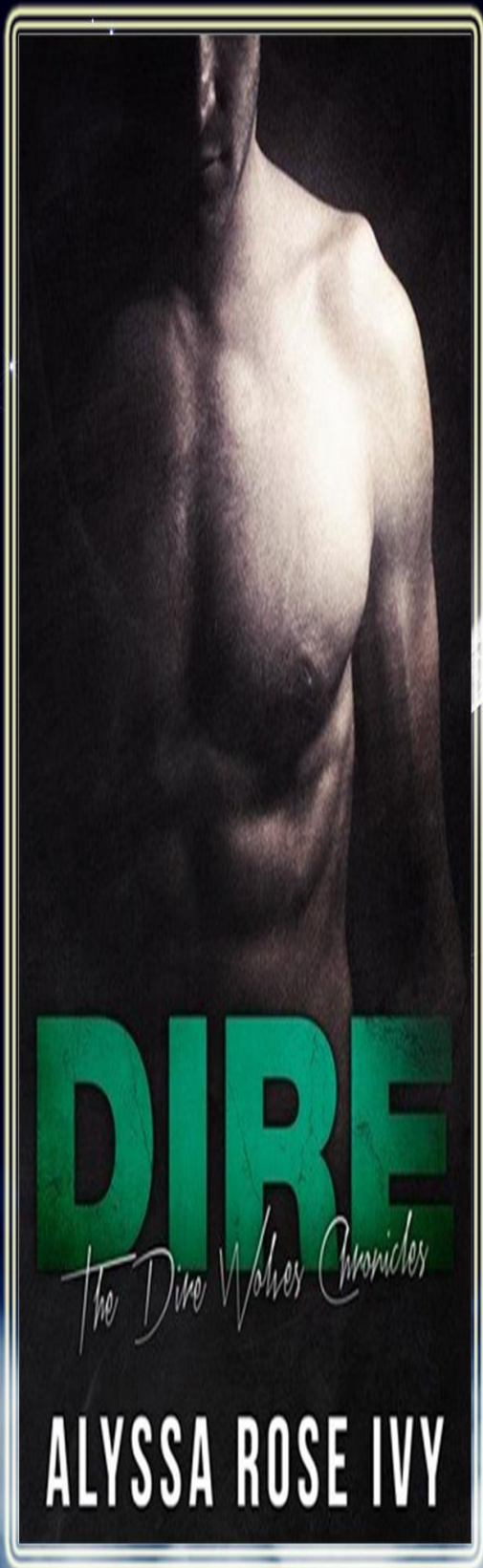
LEITURA FINAL: LINA KAYALA

FORMATAÇÃO: PERSÉFONE



LANÇAMENTO

EM BREVE



SINOPSE

Gage foi o primeiro cara que eu sempre quis. Ele foi minha primeira paixão e minha primeira fantasia, mas ele não foi o meu primeiro de qualquer outra maneira, porque ele nunca me viu como algo mais do que uma amiga - pelo menos não até a noite que tudo mudou.

Foi tudo culpa do Gage. Ele insistiu para que atravessássemos a tempestade e pegássemos as estradas secundárias. No momento em que a tempestade atingiu a força total, não tivemos chance. Uma noite de sexo com neve mudou nossa relação para sempre. O problema foi que, ao mesmo tempo eu peguei a atenção de outro cara. Esse outro cara era o alfa de um bando de lobos shifters. Eu pensei que os lobos eram o pior dos meus problemas, mas eu estava errada.

Quando as coisas iam de mal a pior, eu tive que fazer um sacrifício para salvar Gage, mas



qual preço é alto demais para salvar aquele que
você ama?



PREFÁCIO

Um único uivo me fez parar.

— Os lobos!

— Vamos esperar que eles estejam mais distantes do que parecem. — Gage apertou sua mão e me puxou para frente.

Mais três uivos encheram a noite. — Eles soam mais perto.

Pegamos o ritmo e eu dei uma olhada atrás de mim. Isso foi um erro. Vários grandes lobos cinzentos apareceram.

— Corre!

Gage não precisou ser informado duas vezes. Ele começou a correr sem soltar a minha mão.

Corri o mais rápido possível sobre a neve congelada, mas não chegamos longe antes que os lobos começassem a circular em torno de nós. — Oh, meu deus.

As coisas poderiam ficar piores? — Você tem que correr. — A voz de Gage estremeceu. — Eles vão nos matar.

— Eu não vou te deixar. — Eu tentei ficar forte, e mantive meus olhos fixos nos lobos. Havia cinco deles. Todos eles eram enormes, muito maiores do que qualquer lobo que eu já tinha visto antes, mas um deles era ainda maior e tinha uma grande faixa prateada descendo pelas costas. Aquele lobo parecia estar olhando diretamente para mim.

— Eu vou distraí-los. Você corre. Eu vou alcançar você.



Eu avistei uma abertura ao lado de um dos menores dos lobos e fui em frente. Eu não fui muito longe antes de um dos lobos pisar na minha frente. Eu congelei, paralisada de medo, antes de minhas pernas serem derrubadas debaixo de mim. De repente, eu estava deitada na neve com um lobo gigante pairando sobre mim.

— Estamos fodidos. — Gage expressou exatamente o que eu estava pensando.

O lobo raiado de prata olhou para mim. Seus olhos brilhantes, quase entediados, nos meus. Eu realmente iria morrer como comida meio congelada para um animal selvagem gigante?

Então as coisas ficaram nebulosas e o ar pareceu zumbir. Momentos depois, não era um lobo em cima de mim - era um homem. Um homem completamente nu com uma leve cicatriz no rosto.

— O que diabos? — Eu tentei voltar a me levantar e correr, mas o lobo não se moveu. Suas partes muito expostas quase me tocaram. Eu não queria notar seu tamanho, mas eu fiz. Ele era enorme. Ele também não parecia remotamente preocupado com o frio.

Seus lábios roçaram meu ouvido. — Você estava indo para algum lugar?



CAPÍTULO UM

MARY ANNE

Ele usava bermuda atlética preta que estava pendurada baixa em seus quadris e me dava uma visão fantástica de seu abdômen perfeitamente esculpido. Eu tive um forte desejo de tocar aqueles abdominais com minhas mãos e possivelmente minha língua. Seu peito nu era igualmente atraente, todo o músculo com apenas um pouco de suor deslizando para baixo.

— Obrigado por esperar por mim. — Ele entrou em seu quarto e fechou a porta. — Eu estava preocupado que você já tivesse adormecido. — Ele tirou os shorts pretos e caminhou em direção a sua cama que incrivelmente eu já estava enfiada. Ele puxou o cobertor para trás. — E você está vestindo a lingerie que eu mais gosto. — Ele sorriu maliciosamente quando ele deslizou ao meu lado.

— A melhor parte não é tirá-la de mim? — Eu mordi meu lábio, sabendo que isso só iria transformá-lo em mais.

— Você se lembrou. — Ele tirou a alça do meu ombro direito.

— Eu me lembro de tudo sobre você. Eu sempre lembro.

— Como eu tive tanta sorte? — Ele tirou a outra alça enquanto deixava pequenos beijos no meu ombro em direção ao meu pescoço.

— Você sabe que você é o único que eu sempre quis.



— *Eu sei. — Ele empurrou meu top para baixo e fora do caminho. — Eu me sinto exatamente da mesma maneira. — Sua boca se fechou ao redor do meu peito.*

— Mary Anne!

Meus olhos se abriram quando alguém bateu na porta do meu dormitório. Eu pisquei algumas vezes, tentando segurar os restos do meu sonho.

— Mary Anne! — A voz gritou mais alto.

Adormecida me arrastei pelo quarto e abri a porta. Não fiquei surpresa ao ver Genevieve parada ali.

— Finalmente! — Ela me empurrou para o quarto. Fechei a porta e a interrompi antes que ela pudesse se sentar na minha cama. Eu precisava arrumá-la primeiro. Eu puxei para trás a minha manta e estiquei os lençóis verdes e azul marinho. Assim que eu alisei o edredom, ela se sentou.

Eu sentei na minha cadeira e a observei. — Por mais adorável que seja te ver, acho que há uma razão pela qual você está aqui.

— Você não está um pouco ranzinza esta manhã? — De repente, seus lábios brilhantes se torceram em um sorriso. — Espere... você estava sonhando com ele novamente.

— Por que você tem que dizer como se fosse algo ruim? A maioria das mulheres tem algum tipo de sonho sexual. Não é de todo anormal. Passei meus dedos pelos meus longos cabelos ruivos para tirar os emaranhados.

— Mary Anne, só estou dizendo isso porque sou uma amiga e me preocupo com você, mas você está obcecada. — Ela cruzou as pernas. — A maioria das mulheres pode ter sonhos



sexuais, mas elas são sobre celebridades, não um cara que elas realmente conhecem. Além disso, a frequência é a parte louca.

— Não há nada de errado em sonhar com Gage.

— Há sim. Se você o quer tão mal, é só ficar com ele. Não é como se ele dissesse não. Ele já esteve com metade das garotas neste campus.

Eu gemi. — Isso não é inteiramente verdade. Eu admito que ele tem uma reputação, mas ele não dorme com todas. Além disso, não posso simplesmente dormir com ele. Nós temos uma história. Somos da mesma cidade. — Talvez alegar que tínhamos uma história era um pouco exagerado, mas eu o conhecia praticamente toda a minha vida.

— Ele ainda está te levando para casa para o intervalo?

— Ela se inclinou para trás em suas mãos.

— Claro. Por que isso mudaria?

— Eu pensei que você poderia ter pensado em aceitar a oferta de Roy de levá-la quando ele fosse para a casa dele. — Ela levantou uma sobrancelha.

— Gage e eu estamos indo para o mesmo lugar. Faz sentido que ele me leve. Além disso, meus pais o conhecem.

— Mary Anne. — Genevieve tinha o hábito de dizer meu nome muito mais vezes do que o necessário. Ela era a melhor amiga que eu tinha na Eastern University, então eu não a lembrava de quão irritante era a prática. — Você sabe o que está fazendo, certo?

— Ainda estamos discutindo meus planos de ir para casa com Gage?



— Mais especificamente, estamos discutindo sua decisão de dizer não à oferta de Roy. Você é covarde. Você tem medo de aceitar uma proposta de um cara com quem você realmente tem uma chance. Um cara que está realmente interessado em você.

— Eu me pergunto por que você quer que eu dê outra chance a Roy? — Eu mordi de volta o sorriso que estava pronto para sair. — Isso não teria nada a ver com o seu melhor amigo, teria? — Eu saí em um encontro com Roy, e embora não houvesse nada particularmente errado com isso, eu não tinha intenção de vê-lo novamente.

— O quê? — Ela colocou a mão em seu peito. — Claro que não.

— Oh? Não seria conveniente para você se eu estivesse namorando Roy?

— Claro, seria conveniente ter uma desculpa para passar um tempo com Tony, mas não é por isso que quero que você dê outra chance a Roy. Ele é um cara legal.

— Ele é legal. Ele também é inteligente e fofo, mas isso não significa que eu queira passar quatro horas em um carro com ele.

— Não quando você pode gastar a mesma quantidade de tempo em um carro com Gage.

— Gage dirige um caminhão.

Genevieve suspirou. — Mesma coisa. Meu ponto é que você não tem desculpa para ficar sentada ao redor de um cara quando você tem boas opções reais derrubando sua porta.



Eu não mordi a isca. Eu estava muito estressada para entrar em uma briga sobre a minha vida amorosa. — Eu estou indo pro banho. — Eu andei até o meu armário e peguei meu par favorito de jeans. Eu tirei uma camisa roxa térmica da minha penteadeira. Dezembro em Boston era frio.

— Tenho certeza que vai ser um banho frio. — Genevieve não fez nenhum movimento para sair do meu quarto.

— Eu ainda não tinha conseguido a melhor parte do meu sonho, então um banho quente estará perfeitamente bem.

— Eu vou esperar aqui. — Ela deitou-se na minha cama. — Podemos caminhar para o exame juntas.

Eu hesitei com a mão na maçaneta da porta. — Isso soa bem, mas por favor, não iremos analisando a minha escolha de homens. Eu preciso manter minha mente focada no teste.

— Você vai passar. Você conhece a matéria de cabo a rabo.

— Assim espero. Recuso-me a ser o primeiro membro da minha família a não conseguir a bolsa de estudos de Youngston, e preciso passar em cálculo para obtê-la.

— Você vai passar, mas e daí se você não conseguir a bolsa? Você ainda vai entrar na pós-graduação e poderá fazer exatamente o que quiser de qualquer maneira.

— Você não conhece meus pais.

Ela se sentou. — Eu os conheci.

— Encontrá-los é diferente de conhecê-los.

— Sim, mas você disse que eles não se importariam de você pegar uma carona para casa com Gage. Isso me faz



questionar sua sanidade. — Ela riu. — Ok, tome aquele banho. Nós não temos muito tempo.

—Eu me pergunto por que não.

— Não comece. Seu alarme estaria apenas começando.

Como se para provar seu ponto de vista, o barulho do meu alarme começou. Genevieve desligou e eu segui pelo corredor até o banheiro. Quatro horas no carro com Gage. Eu mal podia esperar.



CAPÍTULO DOIS

GAGE

— Você quer sair daqui? — Uma garota cujo nome eu apenas lembrava vagamente empurrou um monte de cabelo loiro do ombro dela. Ela inclinou a cabeça ligeiramente para revelar seu pescoço para mim. Quer ela soubesse ou não, essa era à sua maneira subconsciente de me dizer que estava disponível e disposta.

O problema com a especialização em Psicologia, e ter uma mãe que era psiquiatra, é que você percebe essas coisas. Você percebe quando uma garota estava agindo da mesma forma que um animal, mostrando que ela era submissa. Alguns caras podem curtir isso, mas eu não. Infelizmente, esse era o único tipo de garota que eu costumava atrair. As mais desafiadoras, o tipo que não entregaria o controle até que eu ganhasse, eram mais difíceis de encontrar na Eastern U. Ou isso, ou elas simplesmente não estavam interessadas em um cara como eu.

— Eu estou bem, na verdade. — A festa era chata, mas eu não estava com vontade de sequer considerar levar a garota para casa. Eu estava mais preocupado com o quão ruim seria minha viagem para casa no dia seguinte se a neve chegasse cedo.



— Você tem certeza? — Ela colocou a mão no meu antebraço e se inclinou. — Nós poderíamos estar nos divertindo muito em outro lugar.

— Vou sair cedo amanhã. — Essa era a desculpa mais ridícula do livro, mas era melhor do que qualquer outra linha que eu pudesse inventar.

— Oh. Ok. — Seu rosto caiu quando ela soltou meu braço. — Vejo você por aí. — Ela caminhou para a multidão. Eu tinha certeza que ela encontraria outra pessoa para ocupar seu tempo. Eu não me iludi pensando que era algo especial para uma garota assim. Eu era um corpo com um pau e alguns músculos. Ela encontraria um substituto facilmente.

O riso alto me fez girar ao redor. — Frio, cara. — Era Josh, claro.

— Cale-se. Eu não tenho que dormir com todas as garotas que me procuram.

— Não, mas aquela era fofa o suficiente. — Ele olhou na direção que ela desapareceu. Ele provavelmente estava olhando para a bunda dela.

— Eu não estou interessado. — Eu olhei para a neve caindo novamente.

— Você tem confundido o gosto. Você ainda nem pegou aquela nerd sexy que está sempre se agarrando a cada palavra sua.

— Quem, Mary Anne? — Nerd sexy era provavelmente uma boa descrição para a menina. Eu nunca pensei que Mary Anne Andrews iria ganhar o rótulo ‘sexy’, mas de alguma forma nos meses desde que apareceu na escola ela se tornou apenas isso.



Eu notei o jeito dela mais do que deveria, e ela até estrelou uma fantasia ou duas. Seu irmão mais velho teria a minha bunda por sequer pensar nela dessa maneira.

Josh riu. — Então você admite que ela é sexy.

— Ela é atraente, eu nunca neguei isso.

— Mas, você ainda tem que explorar esse recurso?

— Explorar esse recurso? Isso é patético mesmo para você.

— Você sabe o que eu quero dizer. Ela é da sua cidade natal. Se você a tivesse como amiga com benefícios, você também voltaria para casa.

— Não vai acontecer. Eu a conheço há muito tempo, e não é assim com a gente. — Até alguns meses atrás eu ainda pensava nela como uma criança. Isso estava definitivamente mudando, mas não mudava o fato de que eu não iria tocá-la.

— Essa é a desculpa que você pode usar quando você é um bom amigo, mas você não é um bom amigo. Não há amizade para arruinar.

— Ainda há muito a arruinar. Mas por que diabos você se importa? Josh sempre teve segundas intenções.

— Estou ficando entediado. Ela parece um novo desafio divertido.

Eu balancei minha cabeça. — Nem pense nisso.

— Por que não? Se você não está interessado, o que importa se eu quero entrar?

— Porque ela está fora dos limites. — Fora dos limites. Eu não tinha certeza de onde o forte instinto de proteção veio. Como Josh salientou, não éramos amigos íntimos, mas



Mayville, nossa cidade natal, era pequena o suficiente para que você conhecesse todo mundo. Acrescente a isso que eu joguei futebol e basquete com seu irmão mais velho, e isso pareceu bastante natural.

— Seja como for, alguém vai tocar nela em breve. Se eles ainda não tocaram.

Ele estava certo. Eu sabia. Eu a tinha visto em um encontro na semana anterior e achei que isso me incomodava mais do que eu queria admitir. Mary Anne definitivamente tinha crescido, e eu não era o único a perceber o quão atraente ela era. Ela ainda não havia percebido isso. Eu poderia dizer pelo jeito que ela olhava para baixo em vez de fazer contato visual.

— Você está realmente planejando sair amanhã cedo? — Ele sabiamente deixou cair o assunto Mary Anne.

— Sim, eu não quero ficar preso nas montanhas quando a neve chegar.

— Quantas horas são?

— Apenas quatro, mas leva dez vezes mais tempo na neve.

— Gage, o que há homem? — Tad, meu companheiro de quarto, às vezes chato.

— Eu estou praticamente o mesmo que eu estava há alguns minutos atrás, quando você perguntou. — Ele riu bêbado.

— Oh, eu esqueci.

— Por que nós somos amigos dele de novo? — Josh perguntou.

— Eu poderia fazer a mesma pergunta sobre você.



CAPÍTULO TRÊS

MARY ANNE

— Uau, isso é divertido. — Revirei os olhos para Genevieve enquanto fazíamos uma meia tentativa de nos misturar com os colegas. Nós estávamos em uma festa na casa de um estudante de segundo ano com quem eu tive algumas aulas nesse semestre. Não é que Genevieve e eu fôssemos completamente antissociais, mas não gostávamos muito de beber cerveja barata e usar saias curtas com a esperança de pegar o olho do cara certo. Ok, eu teria usado quase qualquer coisa para obter esse tipo de atenção de Gage, mas eu sabia que ele não estaria nessa festa. Mesmo na faculdade, Gage e eu fazíamos parte de diferentes multidões. Eu acho que algumas coisas nunca mudam.

— Estamos aqui há quase uma hora. Vamos adiar até as dez e meia e depois podemos ir embora. Genevieve era do tipo que sempre dava uma resposta. Ela nunca vacilou, o que fez dela a pessoa perfeita para sair.

— Combinado. Eu me forcei a tomar outro gole da cerveja que eu estava segurando. O gosto era tão pútrido quanto o último gole. Eu desisti da cerveja e foquei na música fraca tocando ao fundo. A música parecia fora de lugar em uma festa da faculdade. Sentia-se o errado naquilo, 'isto é o que meus pais ouviam' de certa forma.



— Acabamos o primeiro semestre. Isso devia ser excitante. — Ela bebeu sua própria cerveja. Pela expressão no rosto dela, ela não estava gostando também.

— Deveria ser. Estamos no meio do caminho com o primeiro ano. — De alguma forma, o primeiro semestre da faculdade tinha sido uma decepção. Minhas altas expectativas tendem a levar à decepção.

— Talvez haja algo errado conosco. Nós não nos empolgamos com coisas normais.

— Ou talvez nós sejamos os normais. — Eu abaixei o copo vermelho.

— Mary Anne?

Eu fiquei tensa. Eu reconheci a voz, e não era uma que eu estava ansiosa para ouvir. Eu me virei devagar. — Oi, Roy.

— Eu não tenho certeza se você recebeu minhas ligações. — Roy me olhou desconfiado. Ele não estava realmente fazendo uma pergunta.

— Oh, desculpe. Tem sido um par de dias ocupado.

— Eu tenho ligado desde a semana passada, e você definitivamente me evitou depois do laboratório no outro dia.

Genevieve riu e eu olhei para ela.

— Sinto muito. — Quando a hora da verdade chega, por vezes você tem que cortar suas perdas e confessar alguém, mesmo se isso for uma situação complicada.

— Eu não te entendo. — Ele cruzou os braços.

— Como assim? — Isso seria interessante.



— Por que sair comigo se você iria me ignorar depois? — Esta era uma boa pergunta, uma que eu não tinha vontade de responder.

— Você realmente nem vai me deixar te dar uma carona no meu caminho para casa? Eu prometo que sou um bom motorista.

— Eu não duvido da sua experiência de condução, mas eu te disse que eu já tenho uma carona.

— Ele suspirou. — Você está realmente bem esta noite.

Eu olhei para o meu jeans e suéter. Nada excessivamente especial. Ele estava procurando por um assunto. — Obrigada.

— Pelo menos você terá um elogio de mim. Isso é melhor do que me ignorar completamente.

Eu me senti mal. Eu nunca deveria ter dito sim para ele em primeiro lugar. Eu apenas estava curiosa. E solitária. Eu tinha dezoito anos de idade. A solidão não deveria ter sido um problema. — Eu realmente sinto muito.

— Ei, senhoras. — Tony caminhou em sua maneira Nerd. Eu não tinha ideia do que Genevieve viu nele, mas ela não era a única. Ele parecia sempre ter uma namorada, e eles geralmente eram o tipo de garota do grêmio muito bonita. Talvez tenha sido o ângulo — ele poderia ser o próximo desenvolvedor de software bilionário. Não fazia nada para mim. Eu preferiria fazer o dinheiro sozinha.

— Ei, Tony. Genevieve sorriu e olhou para ele.

— Vocês viram a atualização do tempo? Parece que vai ser uma tempestade maluca.



— O relatório mudou? — Como eu não sabia? Eu geralmente estava no topo desse tipo de coisa. Eu peguei meu telefone. — 60 Cm? Nós deveríamos ter 60 cm agora? Eu esperava que a previsão mais severa não mexesse com a nossa viagem para casa.

Genevieve suspirou. — Não há como meu voo sair amanhã. — Eu gemi.

— Se nevar assim também não vou chegar em casa.

— Isso resolve, podemos ter uma festa na neve então. — Tony colocou um braço em torno de nós duas. Às vezes eu queria lembrá-lo de que ele, na verdade, não era legal.

— Uma festa na neve? — Perguntou Roy enquanto lançava um olhar sujo para o amigo. Eu estava certa de que o olhar era dele tendo o braço em volta de mim. Olhei para Genevieve. Ela tinha que perceber o quão ridículo ele soava. Em vez disso, ela estava sorrindo. Eu me perguntei se eu parecia tão ridícula quando conversava com Gage.

Tony pareceu alheio à atenção de Genevieve. — Sim, podemos muito bem aproveitar ao máximo.

Eu dei de ombros debaixo de seu braço. Eu precisava descobrir o que Gage decidiu quanto à tempestade. Conhecendo-o, isso não o preocuparia. — Eu vou mandar um texto para o Gage.

— Por quê? Então ele sabe que pode ficar fora a noite toda festejando? Genevieve deu uma espiada. Ela entendia meu fascínio por Gage tanto quanto eu entendia o dela com Tony. Pelo menos nós nunca teríamos que nos preocupar em lutar pelo mesmo cara.



Eu revirei meus olhos. — Não, então podemos fazer planos alternativos.

— Gage? Gage Morris? — Roy olhou entre nós. — Você ainda está pendurada nele?

Eu ignorei Roy. Ele estava realmente irritando meus nervos, e pela centésima vez eu me arrependi da decisão de sair para jantar com ele. Não era que ele fosse malvado, ele não era. Ele era inteligente, geralmente legal e muito melhor do que a maioria dos caras que eu atraía, mas eu não estava interessada. A pequena voz na minha cabeça que nunca cala a boca me lembrou do meu problema. Eu não queria me conformar com ninguém além de Gage. Eu estava obcecada, mas não tinha planos de mudar isso.

— Eu estou supondo que ela nunca disse a você que ele que está dirigindo para casa, — Genevieve respondeu por mim enquanto eu mandava uma mensagem.

Você viu o boletim meteorológico?

Gage não respondeu imediatamente, então eu coloquei meu telefone no bolso.

Roy me lançou um olhar de desaprovação. — Gage está te levando para casa? Você realmente acha isso inteligente?

— Somos vizinhos. Faz mais sentido do que você sair do seu caminho para parar na minha cidade.

— São quinze minutos fora do caminho. O que são quinze minutos quando passarei horas na sua companhia?

Genevieve me deu um olhar “eu te avisei”

Dei de ombros. O cara era legal, mas eu acabei de dar-lhe esperança.



Roy tocou meu braço. — Parece que a neve já começou.

Segui seu olhar para olhar uma das pequenas janelas que alguém abriu. Uma rajada de neve soprou para dentro.

Genevieve assistiu com um beicinho quando Tony saiu para falar com outro grupo de garotas. — Pronta para ir para casa?

— Claro, bom ver você, Roy. — Eu tentei ser educada. Lição aprendida: não namore com caras que você tem que ter aulas em todos os quatro anos de faculdade.

— Ouça, Mary Anne. Acho que devemos tentar de novo. Eu me diverti muito na outra noite, e eu sei que você também. Eu ia esperar até depois das férias para perguntar, mas com o tempo e tudo, e que provavelmente vamos ficar presos aqui outro dia. Talvez possamos assistir a um filme ou algo assim amanhã à noite?

— Oh, eu não sei. — Eu lutei para encontrar uma desculpa aceitável.

Genevieve sacudiu a cabeça. Eu não deveria ter dado esperança ao cara, mas não estava acostumada a recusar as pessoas. Não foi algo que eu tivesse que fazer muito.

Eu me despedi de bom grado de Roy antes de seguir Genevieve para fora do apartamento até a escada. Descemos as escadas e saímos para a neve fraca. Eu me arrependi de trazer um casaco sem capuz. Eu olhei para baixo enquanto caminhávamos para evitar os flocos ardentes no meu rosto.

— Estamos quase lá. — Genevieve estremeceu ao meu lado. Ela provavelmente estava com o mesmo casaco que eu estava. — Lembre-me de novo, por que estudamos no ártico?



Eu ri apesar do desconforto. — Você acha que isso é frio, tente viver de onde eu venho. É pior.

— Estou apenas visitando no verão.

— Você tem certeza? Eu teria pensado que você gostaria de aprender a esqui.

Ela puxou a jaqueta mais apertada ao redor dela. — O único tipo de esqui que eu gosto acontece na água.

— E esse é o tipo que eu nunca fiz. — Eu abri a porta do nosso dormitório. Genevieve correu atrás de mim e deixamos a porta se fechar.

Subimos as escadas até o quarto andar e fomos automaticamente para o meu quarto. Eu era uma das poucas sortudas que acabaram com um quarto individual. Genevieve tinha uma colega de quarto cujo namorado havia se mudado bastante no primeiro dia. Eu estava tentada a me oferecer para trocar de quarto com sua colega de quarto, mas eu adorava ter meu próprio espaço quando chegava a hora de estudar - ou de me preocupar com Gage. Sua colega de quarto já havia saído de férias, mas alguns hábitos são difíceis de quebrar.

Genevieve olhou para o celular. — Droga. — Ela bateu a minha porta.

— O quê? — Eu pendurei meu casaco no armário.

— Eles já cancelaram meu voo.

— Sério? Mas a neve está apenas começando.

Ela encolheu os ombros. — Bem, pelo menos eu não tenho que me preocupar com isso. Eu sei que estou presa aqui.



Sentei-me de pernas cruzadas na minha cama. — Eles vão ter o aeroporto escavado rapidamente, e eles vão remarcarlo em breve.

— Vamos torcer. — Ela caiu ao meu lado.

Meu telefone tocou na minha bolsa, então levantei para olhar para ele. — Gage? — Meu coração acelerou, mesmo sabendo por que ele estava chamando.

— Hey, Mary Anne. — Sua voz mudou um pouco quando ele disse meu nome. Ou isso ou eu estava imaginando coisas.

— Você está com as malas feitas?

— Sim, mas parece que estaremos aqui mais alguns dias.

— Sem chance. Eu vou passar para pegar você em dez minutos.

— O quê? Você não viu o boletim meteorológico?

— Sim, é por isso que estamos saindo agora. — Sua voz profunda me distraiu até que ouvi uma porta bater. — Não é como se eu estivesse morrendo de vontade de voltar para a casa dos meus pais, mas eu não quero ficar preso no campus sem energia ou qualquer coisa. Eu preciso ir arrumar o caminhão. Eu vejo você em dez. Você vai estar lá fora?

Dez minutos? Ele realmente queria sair em dez minutos?

— Você tem certeza disso? E se a tempestade piorar?

— Eu tenho as correntes prontas. Estamos bem, eu prometo.

— Gage, eu não sei

— Você quer uma carona para casa ou não?



Se fosse outro alguém perguntando, eu teria dito não, mas era Gage. Qualquer pensamento lógico saiu pela janela quando se tratava dele. — Sim, eu preciso de uma.

— Então eu vou ver você em dez. — Ele desligou.

Genevieve sacudiu a cabeça. — Não há como vocês pegarem a estrada agora.

Eu olhei para o meu celular.

— Eu acho que tem

— Por quê?

— Ele acha que nós vamos vencer a tempestade dessa maneira. Seria bom chegar em casa...

— Então, você só vai me deixar aqui?

— Ele é minha carona para casa. O que eu devo fazer? — Eu finalmente saí da minha neblina o suficiente para começar a coletar minhas coisas.

Ela cruzou os braços.

— Roy deixou claro que sua oferta ainda estava na mesa. Faz mais sentido.

— Eu estou indo com Gage. — Meu raciocínio não era sensato, mas era Gage Marshal. Nada sobre mim funcionava quando ele estava perto.

— Não deixe seus hormônios causarem problemas. Você realmente quer passar essa tempestade em algum hotel decadente? — Ela fez uma pausa. — Espere. Não responda isso.

Eu ri.

— Nós ficaremos bem. Vou ligar para você quando eu chegar.



— Quanto tempo você tem?

Eu olhei para o meu relógio.

— Cerca de oito Minutos.

— Sério? É isso aí?

— Basicamente. — Eu procurei em torno do meu quarto por qualquer coisa que eu possa ter esquecido de embalar. — Ótimo. Esqueci de pegar lanches para a estrada.

— Vamos verificar as máquinas de vendas automática. — Genevieve me conhecia bem o suficiente para saber que não havia nada que ela pudesse fazer para mudar minha mente.

Eu coloquei minha bolsa por cima do ombro e levei minha mala grande para trás. Apaguei as luzes e tranquei a porta.

— Até logo quarto, eu vou sentir sua falta. — Genevieve me cutucou.

— Pare de se vangloriar.

— Oh, vamos lá, sua colega de quarto saiu hoje, você realmente tem seu próprio quarto hoje à noite.

— Verdade. Eu poderia muito bem aproveitar isso. Ela liderou o caminho para as escadas.

— Pena que Tony não está interessado.

— Há tantos caras melhores lá fora.

— Diz a garota obcecada com uma cabeça de músculo que pensa em você como uma criança. — Ela segurou a porta aberta para a área de vendas do saguão.

Eu tentei encolher os ombros, mas isso só compensou a minha bolsa.

— Não podemos escolher por quem nos apaixonamos.



— Não é o ditado que não podemos escolher quem amamos?

— Sim, mas eu não quero admitir que eu amo Gage. —

— Mas você ama. — Ela me deu um olhar conhecedor.

— Sem comentários.

As máquinas de venda automática estavam praticamente vazias, então me acomodei em uma sacola de M & M's, duas garrafas de Coca-Cola para que pudéssemos ficar acordados, e um pacote de Reese's de manteiga de amendoim

Genevieve pegou as xícaras de manteiga de amendoim. — Eu pensei que você não gostasse de manteiga de amendoim.

— Eu não gosto. — Gage, no entanto, adora.

Eu olhei para o meu relógio. Restava-me um minuto. — Eu preciso sair.

— Tudo bem, esteja segura. — Ela me puxou para um grande abraço.

Depois de alguns momentos me afastei.

—Você também! Faça uma viagem segura e sentirei sua falta.

— Nós teremos que conversar quando eu chegar em casa. Eu quero saber tudo sobre a sua viagem.

— Tenho certeza de que não vou ter nada para relatar, mas vou lhe contar todos os detalhes chatos.

Uma buzina soou e eu sabia exatamente quem era.

— É melhor eu ir. — Ela segurou a porta e eu levei minha bolsa para fora.

Gage saltou de seu caminhão enquanto mantinha o motor em marcha lenta.



— Você teve que buzinar? Estou com menos de trinta segundos de atraso.

Ele sorriu. — Eu tenho que mantê-la em seus dedos. — Ele pegou minha mala antes de caminhar até a parte de trás de seu caminhão e abrir a porta traseira. Ele tinha uma daquelas capotas que fechava a traseira como um furgão, então pelo menos não precisávamos nos preocupar com o fato de nossas coisas ficarem molhadas na neve.

Eu balancei a cabeça e dei a volta para o lado do passageiro. Ele já estava no banco do motorista quando fechei a porta. — Você tem certeza disso? A neve está ficando mais pesada lá fora.

— Relaxe, Mary Anne. Você não confia em mim? Ele colocou os olhos castanhos dele em mim e eu estava perdida.

Eu balancei a cabeça distraidamente. — Claro.

Ele sorriu novamente, provavelmente percebendo exatamente o efeito que ele tinha em mim. — Apenas sente-se, relaxe e aproveite o passeio.



CAPÍTULO QUATRO

GAGE

Merda, ela estava tensa. Mary Anne era fofa, mas cara, ela estava mais afinada do que uma corda de violão. Se ela fosse qualquer outra garota, eu provavelmente teria encontrado maneiras de me livrar dessa tensão, mas ela estava fora dos limites - até para mim.

Eu dirigi pelas ruas quase vazias da cidade enquanto ela lutava para sair de sua jaqueta azul escura.

— Você precisa de alguma ajuda com isso? — Meu lado cavalheiresco não suportava ver sua luta.

Ela puxou um braço para fora. — Você deveria estar dirigindo.

— Eu posso dirigir e ajudá-la ao mesmo tempo. — Eu era bom em multitarefa. Ela corou, o que me fez pensar se ela estava pensando em mim ajudando ela de outra maneira. Agora isso tornaria as quatro horas mais rápidas. Meu corpo respondeu a esse pensamento e eu amaldiçoei silenciosamente. Ficar duro com isso no início da viagem não era uma coisa boa. Talvez eu não devesse ter concordado em levá-la para casa.

Ela dobrou o casaco no colo. Eu precisava de um casaco no meu colo no momento, mas eu já tinha jogado o meu na parte de trás. — Não importa. Eu tirei isso.



— Ótimo. — Liguei o rádio e comecei a percorrer as estações para me distrair. Como essa garota estava tendo esse efeito em mim? Talvez fosse sua proximidade.

Ela empurrou minha mão fora do mostrador. — Eu posso fazer isso.

— Oh, você pode? — Eu provoquei, enquanto tentava ignorar o quão bom era o contato físico momentâneo. Eu estava perdendo e tínhamos acabado de chegar na estrada.

— Eu prefiro sair desta cidade em uma peça. Por favor, dirija e deixe-me fazer as outras coisas.

— As outras coisas. Entendi.

Ela folheou as estações até pousar em uma estação de rock.

— Você ouve essas coisas? — Eu perguntei com surpresa genuína. Eu a identifiquei como o tipo de música clássica ou folclórica.

— Sim. Meu pai me criou no rock clássico.

— Oh, meu erro.

Ela cruzou os braços. — Que tipo de música você ouve?

— Rock. — Eu sorri.

— Você escolheu bem.

— Ótimo. — Ela se recostou contra seu assento. — Eu sinto muito.

— Por? — Eu olhei para cima, esperando que meu lapso momentâneo de manter meus olhos para frente não a detivesse novamente.

— Pegar no seu pé. Eu fico nervosa dirigindo na neve.



— É uma coisa boa que você não está dirigindo então. — Eu coloquei um braço atrás de seu assento e olhei para os densos flocos de neve que pareciam estar caindo mais rápido do que dez minutos antes. — Mas como você pode estar nervosa dirigindo na neve crescendo em Mayville, eu não tenho ideia.

— Você não lembra do meu acidente?

— Espere, sim. Você não bateu o carro do seu pai no dia em que obteve sua licença? — Essa história se espalhou pela cidade como um incêndio.

— Sim. — Ela caiu. — Eu não acho que meu pai já me perdoou.

— Pelo menos você não se machucou.

— Não fisicamente... levei seis meses antes de tentar dirigir de novo.

Eu toquei seu braço gentilmente. — Eu vou dizer de novo. É bom que você não esteja dirigindo.

Ela empurrou meu braço.

— Obrigado.

— Ah, vamos lá. Todos nós já tivemos esse tipo de coisa acontecendo.

— Não minha família, — ela murmurou baixinho.

— Justo— Ela teve um ponto. Não apenas seu irmão era o craque em quase todas as equipes esportivas que você poderia nomear, ele também foi o orador da turma. Ele era o tipo de garoto que todo mundo odiava.

— A neve está piorando. — Ela mudou de assunto quando eu virei para o Mass Pike.



— De volta ao clima, estamos? — Eu provoquei.

— É apropriado considerar o que parece fora.

— Pense nisso como uma aventura, então.

— Uma aventura? Certo.

Ela se virou para olhar pela janela, mas eu peguei um sorriso no rosto primeiro. Ela tinha um sorriso bonito, do tipo que realmente mostrava os dentes.

Agradável. Pelo menos eu estava fazendo algum progresso com ela.

Nós dirigimos por cerca de uma hora antes de chegarmos perto do trânsito. As filas de carros continuavam até onde eu podia ver. Provavelmente foi um acidente. — Fantástico.

— Você quer parar? Ainda podemos voltar ou encontrar um lugar para passar a noite.

Eu ficaria mais do que feliz em encontrar um lugar para a noite com ela, mas isso não estava nos cartões.

— Não, a neve não está muito louca agora. Vamos sair na próxima cidade para que eu possa colocar as correntes. — Eu não queria admitir, mas a neve estava ficando mais pesada. Com correntes eu seria capaz de atravessar as montanhas, mas sem elas poderia ficar arriscado.

— Ok, podemos reavaliar então.

Eu sorri. Reavaliar. Essa garota era outra coisa.

Nós nos arrastamos por mais vinte minutos antes de finalmente chegarmos à saída. Eu saí, procurando por um posto de gasolina com uma área coberta e uma loja aberta de vinte e quatro horas para que Mary Anne pudesse nos pegar um pouco de comida. Metade de uma milha abaixo da estrada,



encontrei algo melhor, um cantinho improvisado numa lanchonete que ainda tinha as luzes acesas. Eu decidi lidar com qualquer resposta irritada de frente.

— Um de nós precisa colocar as correntes e o outro precisa pedir comida. Eu não sou sobre estereótipos de gênero, mas...

— Eu vou pegar a comida. O que você quer?

Eu ri. Eu acho que eu estava errado sobre a resposta dela.

— Surpreenda-me. — Eu pisquei.

Ela deslizou de volta em seu casaco e fechou o zíper. Ela parecia adorável com o capuz, mas eu mantive essa avaliação para mim mesmo.

Eu abri o porta malas e tirei as correntes. Provavelmente levaria mais tempo para ela conseguir a comida, mas eu queria acabar com as correntes. Mesmo sem a neve, estava frio como o inferno, e eu estava pronto para entrar.

Quinze minutos depois, entrei e olhei em volta procurando por Mary Anne. Ela estava sentada em uma cabine conversando com um casal mais velho sentado na mesa ao lado.

— Hey. — Eu deslizei em frente a ela.

— Ei. Você já as colocou?

— Sim. Não é minha primeira vez fazendo isso.

— Eu sei. Eu me senti mal deixando você lá fora assim.

— Ela olhou para o estacionamento nevando.

— Awww, obrigado.

Eu notei uma xícara de café.

— Como você sabia que eu queria isso?



— É tarde e temos horas para dirigir. Se você queria o café é sem creme. Você precisava disso.

Eu tomei o café quente, aproveitando o calor no caminho.

— Obrigado.

— Você não quer saber o que eu pedi para você comer?

— Eu te disse para me surpreender, eu vou descobrir quando chegar aqui.

— Você não mencionou que seu amigo era tão bonito. — A mulher mais velha sorriu para Mary Anne.

Eu sorri abertamente.

— Você estava falando de mim?

Ela se mexeu em seu assento.

— Eu estava garantindo a este casal que eu não estava sozinha neste clima.

— Claro que não. Quero dizer, garotas não podem nem viajar sozinhas, podem? — Eu sorri.

Mary Anne me chutou debaixo da mesa.

— Bem, vocês dois fariam um casal adorável. — A mulher sorriu.

— Nós gostaríamos, não é? — Eu não sabia por que estava mexendo com Mary Anne, mas era incrivelmente divertido. Suas expressões faciais eram inestimáveis. Eu até tenho outro rubor dela.

Ela balançou a cabeça. — Oh olha, nossa comida está chegando.

Uma garçonete se aproximou com dois grandes pratos brancos. Ela colocou o meu na minha frente.



— Perfeito. — Agarrei uma batata frita da pilha no prato ao lado do meu lanche de peru.

Ela corou novamente.

— Que bom que você gosta. — Ela deu uma mordida em seu sanduíche idêntico.

— Você assumiu que eu gosto da mesma coisa que você?

— Não, eu lembrei, — ela murmurou antes de tomar um gole de café.

— Lembrou de? — Eu estraguei meu cérebro. Tivemos uma refeição juntos antes?

— Isso é o que você pediu quando saiu para comer com minha família no ensino médio.

— Uh... — Ela se lembra seriamente do que eu comi há muito tempo?

— Eu tenho uma memória muito boa. — Ela enfiou uma batata frita na boca.

— Uau, eu estou lisonjeado que você se lembra.

— Não esteja. Eu te disse que só tenho uma boa memória.

— Tudo o que você diz. — Eu forcei de volta um sorriso. Boa memória ou não, ela estava em mim. Esse pensamento me fez mais feliz do que deveria.

— Eu preciso falar com você sobre algo.

— Uh, oh. Eu me preocuparia que você fosse dizer que estava grávida, mas não fizemos sexo. — Ainda não. Porra, eu não conseguia pensar assim. Ela estava fora dos limites. Completamente fora dos limites. Eu não deveria ter brincado com ela desse jeito. Apenas aconteceu. Ela estava trazendo esse lado em mim.



Ambos os membros do casal mais velho olharam. Mary Anne olhou com raiva.

— Muito engraçado.

— Ok, o que é isso?

— Há alguns hotéis decentes por perto. Talvez devêssemos ver se podemos encontrar um com quartos disponíveis.

— Mary Anne, estou lisonjeado por você querer me colocar em um quarto de hotel, mas estou meio que com vontade de chegar em casa. — Totalmente besteira. Minhas calças estavam apertadas só de pensar nela em um quarto de hotel, mas isso levaria a problemas.

Ela me chutou de novo, desta vez mais forte. — Com todas essas piadas sexuais eu acho que é você quem me quer.

— Quem disse que eu não quero? — Não adianta mentir para a menina.

Seu rosto empalideceu e ela não disse nada. Eu realmente a deixei sem palavras? — Nós temos as correntes e um caminhão. Estamos bem.

— Está bem. Eu vou usar o banheiro. Eu já volto. Ela deslizou para fora da cabine e foi embora.

— Ela é uma protetora. — O homem mais velho se inclinou.

— Sim, obrigado. — Eu tive que me controlar. O que estava acontecendo comigo? Talvez tenha sido o que acontece quando eu fico quase dois meses sem transar. Foi o meu maior período de celibato desde que eu tinha dezesseis anos, mas eu não tinha encontrado ninguém que valesse o meu tempo em



algum tempo. Todas as garotas que eu atraía pareciam desesperadas ou algo assim.

— Quero dizer. Não seja idiota. Garotas assim são difíceis de encontrar, e quando você as encontra, você precisa mantê-las. — Ele estendeu a mão e apertou a mão da mulher que eu assumi ser sua esposa.

— Ok. — Eu não estava pensando em mantê-la. Eu estava mais preocupado com como eu ia manter minhas mãos para mim pelas próximas horas.

Voltei ao meu sanduíche. Eu terminei antes que ela voltasse para a mesa. Pelo menos eu poderia cuidar desse apetite. — Minha vez para o banheiro.

Alguns minutos depois, estávamos saindo pela porta e de volta para o caminhão.

Eu abri a porta dela. Ela me olhou engraçado antes de entrar. Ela achava que eu não sabia ser um cavalheiro? Eu nunca fui rude com ela antes.

— A rodovia está fechado na quarenta e um por causa de um acidente, — disse um caminhoneiro. — Se você está indo para o oeste, eu voltaria para dentro.

— A 20 ainda está aberta? — Não seria a minha primeira escolha para uma estrada, mas ela dava uma reviravolta.

— Claro, mas quem tomaria essa estrada neste tempo?

— Eu. — Eu entrei no banco do motorista e recuei. Pelo menos nós tínhamos correntes. Mary Anne olhou interrogativamente. — O que ele estava dizendo a você?

Eu debati o quanto dizer a ela enquanto dirigia de volta para o pedágio. Nós só precisávamos ir mais uns quinze



quilômetros antes que eu pudesse me desligar e nos levar para outra estrada. Eu não queria que ela ficasse desnecessariamente preocupada, então tentei jogar fora. — Oh, só que a rodovia está fechada a cerca de cinquenta quilômetros.

— O que?' Ela se endireitou. — Então, por que estamos de volta a rodovia? Precisamos encontrar um hotel.

— Não, nós não precisamos. Está fechada por um acidente. Podemos pegar uma estrada e passar a parte que está fechada.

— Uma estrada? Neste tempo?

— Vamos lá, temos correntes e são apenas algumas centenas de quilômetros.

— Pagarei pelo hotel. Realmente, não me importo.

— Mary Anne, relaxe. Eu coloquei as correntes. Estamos bem.

Ela agarrou seu assento. — Mas e se outras pessoas não estiverem? E se os condutores sem correntes colidirem com a gente...

— Então nós morremos.

— GAGE!

— Desculpa. Vai ficar tudo bem. Qualquer um sem correntes vai ficar longe das estradas menores neste clima. Não se preocupe.

Ela cruzou os braços e bufou. — É melhor você estar certo.



— Eu estou sempre certo. Se você se lembrou do tipo de sanduíche que eu gosto, acho que você teria lembrado desse detalhe.

— Eu só consigo lembrar o que realmente acontece.

Eu ri. — Ouch

— Tudo bem, se estamos fazendo isso, quero seus olhos na estrada.

— Sim, senhora.

— E sem distrações. — Ela desligou o rádio.

— E se isso estava ajudando a me manter acordado? — Além disso, minha maior distração era a que me repreendia.

— Era isso?

— Não, mas você só vai ter que me manter acordado. — Eu deixaria ela interpretar o comentário da maneira que ela quisesse.

— Eu posso garantir-lhe, eu não vou deixar você cair no sono.

— Você disse a seus pais que estávamos saindo hoje à noite?

— Não. Eu não tive tempo. Se eu contasse a eles agora, eles surtariam. Eles já deixaram uma mensagem sobre esperar até quinta-feira para dirigir.

— O mesmo com o meu. Eu acho que nós vamos apenas surpreendê-los esta noite.

— Os meus ainda vão enlouquecer.

— Não. Eles ficarão felizes em ver você.

— Eles só me viram no mês passado.



— Espera. Eu pensei que você não fosse para casa no Dia de Ação de Graças. — Eu me ofereci para lhe dar uma carona também.

— Eu não fiz. Nós nos encontramos na minha avó em Nova York. Eu peguei o trem.

— Oh, ok. — Eu deveria saber. Seu irmão não estava em casa também.

Nós dirigimos em silêncio por um tempo. Quanto mais a oeste chegamos, menos feixes de luz vimos. Eu sabia que não seria fácil, mas pelo menos eu tinha companhia. Uma inacreditavelmente distrativa.



CAPÍTULO CINCO

MARY ANNE

A neve caiu do céu em lençóis, cobrindo a estrada e as árvores. Gage dirigia devagar e parecíamos ter uma boa tração, mas era impossível relaxar. De sua parte, Gage não parecia incomodado com o clima. Ele apenas ficou lá olhando para frente.

A culpa me atingiu. Ele foi forçado a dirigir, mas eu não deixaria nem ouvir música? — Podemos ligar o rádio, se você preferir. Quer que eu veja se existem boas estações de rock por aqui?

— Eu não me importo com o silêncio. — Ele me olhou antes de voltar rapidamente os olhos para a estrada.

— Eu aprecio o passeio. Eu provavelmente deveria ter dito isso no começo. — Eu esperava que não fosse tão dramática.

Ele riu. — Não é um problema, mas obrigado. Não me importo com tempo, mas é bom ter companhia.

Eu amei sua risada. Era tão profundo e sexy. E o que em Gage não era sexy? — Você tem grandes planos enquanto estiver em casa?

— Grandes planos? Em Mayville? Ele arqueou uma sobrancelha.

— Está bem. É verdade, mas se há alguma coisa acontecendo, você saberia sobre isso.



— Joey vai dar uma festa amanhã à noite. Quer vir?

Joey nunca teria me convidado, o que significava que eu não deveria ir. — Oh, tudo bem.

— Você não quer ir comigo? — Às vezes era difícil saber se Gage estava brincando ou não.

— Eu não quero ser o convidado não convidado que alguém tira sarro.

— Tirar sarro? Quem tiraria sarro de você?

— Vamos, Gage. Nós dois sabemos o que seus amigos pensam de mim.

— O quê? Você não estava na minha turma, mas isso não significa que eles zombaram de você.

— Cam fez. — Aquele cara tinha sido a ruína da minha existência em um ponto.

Gage sorriu. — Isso é porque Cam gostava de você. Ele te convidou para sair e você o esnobou.

— O quê? Para o baile no meu segundo ano? Isso foi uma piada. Uma piada fraca.

— Uma piada? Você achou que era uma piada?

— Claro. Um cara como ele não pede a uma garota como eu para ir ao baile. Nem um cara como Gage.

— Não foi uma piada. Você feriu o ego dele.

— Oh. — Eu não tinha certeza se Gage estava dizendo a verdade ou não, mas eu não me importei o suficiente para empurrar o assunto. Lembrei-me de chorar para dormir na noite em que Cam me convidou para sair na frente de cerca de vinte crianças.



— Você deveria vir amanhã à noite. Eu prometo que não vou abandonar você ou qualquer coisa.

— Talvez. — Eu dei de ombros.

— Talvez soa como não. — Ele olhou para mim. — Diga sim.

— Gage!

Ele olhou para a frente a tempo de pisar nos freios. Um segundo a mais e teríamos colidido com o carro à nossa frente.

Em uma reação atrasada, Gage colocou a mão na minha frente como se quisesse me segurar.

— Foda-se. — O carro não tinha luzes acesas e ocupou a faixa e o ombro da direita.

— Anotado. — Qualquer conversa despreocupada acabou. Este não era mais um passeio vagaroso.

Ficamos sentados esperando o carro se mover, mas isso não aconteceu.

— Está quebrado. É por isso que não vimos nenhuma luz. Gage recuou e foi para a pista da esquerda para passar o carro parado. Tentei espiar as janelas escuras, mas não vi nada.

— Ok, perto do acidente, você pode apenas dizer sim para a festa para que possamos seguir em frente?

— Por que você se importa? — Sua insistência quase causou um acidente.

— Porque eu faço. Nós vamos para a mesma faculdade. Nós somos da mesma cidade. Podemos muito bem ser amigos.

— E ser amigo significa ir à festa do Joey?

— Sim. — Ele sorriu.



Eu não tinha certeza se era o plano dele, mas voltar para a conversa do grupo ajudou a acalmar meus nervos. Quase rearranjando aquele carro abandonado tinha feito um número neles.

— Nós vamos sair na próxima saída.

— Por quê? Achei que não precisávamos sair por mais quarenta milhas?

— A rodovia não é reprovada, então não há razão para ficar nisso e arriscar o que aconteceu. Estamos pegando as estradas secundárias.

— Você tem certeza de que sabe para onde vai?

Ele assentiu.

— Sim, eu já dirigi dessa maneira antes.

Ele não parecia excessivamente confiante, mas eu não podia discutir com as evidências. A neve estava pesada na rodovia, e provavelmente havia muito mais carros abandonados à frente. Ainda assim, eu não gostei da ideia de ficar presa em uma estrada secundária em algum lugar. Pelo menos eu não estava sozinha.

Gage colocou o pisca-pisca e fez uma curva lenta para a rampa. A neve caía e metade da pista estava cheia de neve. — Vou precisar de uma bebida quando chegarmos em casa hoje à noite.

— Seus pais deixam você beber em sua casa, mesmo que você não tenha vinte e um anos?

Ele assentiu, felizmente mantendo os olhos fixos à frente enquanto nos levava cuidadosamente para a estrada. — Eu tenho vinte. Isso é perto o suficiente.



— Eu queria que o meu sentisse assim.

— Veja, essa é outra razão para vir à festa amanhã. Caso contrário, você terá que ir sóbria.

— Eu não bebo muito na escola de qualquer maneira.

— O que você faz?

— O quê?

— Você vai às festas, certo? — Ele ajustou as mãos no volante.

— Claro. Eu estava em uma festa na noite passada. — Uma coxa, mas uma festa, no entanto.

— Eu deveria apresentá-la a alguns dos meus amigos quando voltarmos para Boston.

— Uau, primeira festa de Joey e agora isso? O que é isso 'pena do pobre perdedor'?

— Perdedor? Não exatamente. Eu não entendo porque nunca saímos com as mesmas pessoas. Nós não estamos mais no ensino médio.

— Sim, mas ainda existem diferentes turmas.

— Você não acha que eu gostaria de conhecer seus amigos? — Eu ri.

— Oh sim, você adoraria isso.

— O quê? Eu te vi no campus. Você tem amigos.

— Claro que tenho amigos, mas eles não são o seu tipo.

— Meu tipo? Eu tenho um tipo de amigo? Isso também significa que eu tenho um tipo de garota?

— Claro. — Não eu.

— Ok, deixe-me ouvir.

— Seu tipo? — Eu perguntei.



— Sim, isso deve ser interessante.

— Atraente, legal. — Fiz uma pausa enquanto tentava chegar a mais adjetivos.

— Muito descritivo. Você percebe que a descrição cobre você. — O quê? Gage estava me chamando de atraente?

— Tanto faz. — Eu tentei dar de ombros.

— Você não acha que é legal? Você tem que perceber que é atraente.

— Eu não tenho que fazer isso. — Não é como se eu tivesse uma autoestima horrível, mas eu sabia que era bem mediana.

Ele olhou por cima.

— Espero que seja uma piada. Você percebe quantas garotas dariam tudo para se parecer com você?

— Como eu? Não é provável. É mais como se todo cara quisesse se parecer com você... — E eu acabei de dizer isso em voz alta.

— Oh? Você acha que eu sou atraente, então?

Suspirei. Não há razão para negar isso agora.

— Quem não faz? — Ele riu.

— E agora a verdade sai.

— A verdade?

— Sim. A verdade. Você entrou neste caminhão com planos para me seduzir.

Eu ri secamente.

— Oh sim, é isso. — Não, eu só considerei isso em meus sonhos. A neve caiu mais forte, e Gage sentou-se para a frente para ver o para-brisa. — Cara, isso não é bom.



— Não. Não, não é.

Seguimos pela rodovia vazia de duas pistas por mais quarenta e cinco minutos sem ver um único carro. Claramente ninguém mais era louco o suficiente para estar na tempestade.

— Estamos obviamente indo para o norte, mas onde estamos exatamente? Perto de Albany ainda?

— Ainda estamos um pouco longe de lá. — Ele diminuiu a velocidade do caminhão.

— Oh. Mas estamos bem. Pelo menos não vamos atingir o tráfego.

— Muito engraçado.

— Eu sabia que essas correntes seriam úteis. Eu quase os tirei do caminhão durante o feriado de Ação de Graças.

— É uma coisa boa que você não fez. — Eu descansei minha cabeça para trás.

— Eu me ofereceria para fazer um pouco da direção, mas...

— Sim, você não está dirigindo meu caminhão.

— Você teria dito isso mesmo que eu não tivesse mencionado meu acidente?

— Sim. Ninguém dirige Bessy além de mim.

— Bessy? Você nomeou seu caminhão de Bessy? Cruzei as pernas e me virei para ele.

— Há algo de errado com esse nome?

— Não. É apenas surpreendente. Gage não parecia o tipo que nomeia um veículo. Eu achava que ele estava mais preocupado com a potência.

— Veja, você não sabe tudo sobre mim.



— Eu não sei muito sobre você.

— Eu não sei quase nada sobre você. — Ele mudou para a quarta marcha enquanto subíamos a próxima colina.

— Me fale sobre você.

— O que você quer saber?

— Comece com— Algo escuro zuniu pelo caminhão, e Gage pisou no freio duro. Nós giramos para fora, o caminhão voando pelo terreno coberto de neve e descendo até uma vala, sem parar até que batemos de cabeça em uma árvore. Meu coração estava quase batendo no meu peito.

— Você está bem? — Gage estendeu a mão sobre os airbags já vazios em minha direção. Nada doía, mas eu estava definitivamente abalada.

— Eu acho que sim. E você? — Eu olhei para fora. Entre a escuridão e a neve eu não consegui distinguir o quão longe nós estávamos da estrada.

Ele acendeu a luz.

— Sim, mas o que foi isso? Veio do nada.

— Eu não sei. Algum tipo de animal.

— Eu vou olhar. — Ele abriu a porta, deixando entrar uma rajada de ar frio. Eu olhei pela janela enquanto ele andava ao redor. Menos de um minuto ele voltou para o caminhão.

— Não há nada lá fora.

— Pelo menos nada que você pudesse ver. — Eu tremi.

— Tecnicamente você está certa, mas nós temos problemas maiores do que um animal.

— O quê?



Ele olhou pela janela. — Vai levar algum trabalho para colocar o caminhão de volta na estrada. Isso é se o caminhão mesmo ligar. Eu não sei que tipo de dano nós fizemos.

— Estamos tão longe da estrada?

— Há uma camada de gelo e, mesmo com as correntes, será difícil. A neve está ficando louca lá fora.

— Mas ainda podemos sair, certo? — A temperatura só ia cair.

Ficar encalhado pode ser perigoso.

— Eu não estou desistindo ainda. — Ele tentou o motor. Ele cuspiu e depois não fez nada.

Eu tentei ficar calma. Era o século 21. Você nunca estava realmente fora da grade.

— Acha que alguém poderia vir nos buscar?

Ele encolheu os ombros. — Vale a pena tentar.

— Concordo. Veículos de emergência nesta área estão equipados para a neve. Peguei meu telefone e notei que não havia sinal. Ainda tentei informação, assistência na estrada, e até mesmo 911. Nada.

— Deixe-me tentar o meu. — Ele pressionou alguns botões em seu telefone antes de jogá-lo no painel.

— Foda-se. — Gage amaldiçoou mais do que eu me lembrava, mas, novamente, eu nunca estive com ele durante uma situação como essa antes. Ele tentou o motor novamente. Nada. Meu Deus.

— Estamos presos aqui. — Ele expressou a realidade que já estava nadando mim.

— Sério? Como, em nós estamos aqui para a noite?



— Sim.

Seus lábios foram pressionados em uma linha firme.

— Eu sabia que isso ia acontecer. Eu deveria ter ouvido Genevieve. Eu nunca deveria ter concordado com este plano maluco.

— Plano maluco? Nós estávamos bem até que o animal correu na nossa frente. Estávamos nos movendo devagar, mas estáveis.

— Mesmo se não fosse pelo animal, teríamos ficado presos de qualquer maneira. — Eu fechei minhas mãos em punhos.

— E agora? Estamos presos no meio do nada maldito durante a maior tempestade de neve da década.

— Parece que sim. — Ele colocou as mãos atrás da cabeça.

— Nós vamos passar a noite. Eu tenho um saco de dormir lá atrás.

— Você acha que estamos dormindo na parte de trás do seu caminhão? Em um saco de dormir?

— Não é mais frio lá do que aqui. Pelo menos podemos nos esticar.

— Vai estar congelando. E eu repito. Em um saco de dormir? Que tipo de alongamento você espera fazer? — Gastar tempo em um carro com Gage era intenso para mim, mas em um saco de dormir? Eu não conseguia imaginar.

— Você tem um plano melhor? Eu não vejo exatamente nenhum.

— Não. — Eu segurei minha cabeça em minhas mãos.



— Só temos que encontrar uma maneira de nos mantermos aquecidos. Vai estar perto de zero hoje à noite.

— Você é o gênio, como vamos fazer isso?

Gênio? Não exatamente. — O calor do corpo é o melhor método, então o saco de dormir. — A ideia veio para mim e apesar do meu nervosismo habitual com Gage, eu apenas fui em frente e expressei isso.

— Calor corporal?

— Sim. — Toquei a tela do meu telefone para mantê-lo iluminado.

Ele sorriu. Considerando as circunstâncias, aquele sorriso cheio de dentes dizia muito.

— Eu sabia que você queria me deixar nu.

— Eu nunca disse nu—

— Mas não é assim que funciona o calor corporal? Não podemos ficar vestidos.

— Eu não acho que a calcinha vai causar um problema.

— Meu corpo aqueceu com a ideia de estar nua com Gage.

— Você quer se mudar para lá agora? Vai ficar mais frio. Ele desligou a luz do telefone.

— Vamos aproveitar o calor residual que está aqui em cima agora. — Eu passei meus braços em volta de mim. Eu estava com medo de nossa situação, mas animada com a perspectiva de chegar perto de Gage. Meu corpo e minha mente estavam em guerra. A maior parte de mim estava aterrorizada, mas uma pequena parte estava pulando e gritando. Eu estava prestes a ficar seminua e em um saco de dormir com Gage. A combinação de sentimentos era intensa.



— Você acha que foi um cervo?

— O animal? Eu não sei. Tudo o que vi foi um borrão.

— Sinto muito. — Ele se mexeu fazendo sua jaqueta fazer um som farfalhante.

— Não sinta. É tanto minha culpa.

— Como você pensa assim?

— Eu concordei em vir. Achei que você estava certo e poderíamos vencer a tempestade.

— Nós quase fizemos. — Ele exalou alto.

— Sim. Quase.

Ficamos no caminhão até que os últimos pedaços de calor desaparecessem. Minhas mãos esfriaram primeiro. Eu empacotei minhas luvas na minha mala.

Ele acendeu a luz novamente.

— Deixe-me ir arrumar as coisas primeiro. Não há razão para nós dois ficarmos mais frios do que o necessário —

— Isso não é justo. É a minha vez.

— Salve seu calor corporal. Eu vou usá-lo. Ele saiu e bateu a porta atrás dele. Fui deixada na escuridão até acender a luz do meu telefone. Eu o ouvi se movendo na parte de trás, e esperei um minuto antes de sair para segui-lo.

Minhas botas afundaram na neve enquanto eu fazia meu caminho para trás. Eu mantive minha cabeça baixa, tentando evitar o vento e a neve que giravam em torno de mim.

Ele me ajudou a subir e fechou a porta traseira.

— Não é perfeito, mas vai ter que servir.

Ele usou seu telefone para iluminar a parte de trás. Ele colocou o saco de dormir em cima de um cobertor que foi



colocado em cima de um tapete de borracha grossa que cobria a cama do caminhão. Ele me entregou o telefone para poder barricar a porta traseira com nossas malas. O resto dos lados já estavam alinhados com as outras coisas aleatórias que ele tinha na traseira. A capota mantinha o vento e a neve afastados, mas não conseguia impedir que o frio penetrasse.

— Eu quero saber por que você tem um saco de dormir aqui? — A bolsa parecia ainda menor do que eu imaginei, meus nervos elevados.

— Você nunca sabe quando vai precisar. — Ele hesitou com a mão no zíper de seu casaco.

— Você está falando sério sobre essa coisa de calor corporal?

— Eu acho que é a melhor opção para se manter quente esta noite.

— Eu não tenho nenhum problema com isso. — Ele abriu o casaco e chutou os sapatos.

Eu ainda segurava seu telefone, e a luz estava me dando uma visão clara dele. Eu lentamente abri o zíper da minha jaqueta enquanto o observava deslizar para fora de sua calça jeans e tirar sua camisa. Eu pensei que meu coração poderia parar.

— Estou feliz que você esteja gostando do show, mas não se esqueça que você deveria estar nua também.

— Nós não estamos ficando nus.

— Ok, fique de calcinha, mas o calor do corpo significa despir-se. — Vestindo apenas um par de boxers xadrez, ele



deslizou para dentro do saco de dormir. Ele não tremeu, me dando esperança de que o forro da saco estivesse quente.

— Você poderia se virar? — Eu ainda segurava seu telefone com a lanterna acesa.

— Você me assistiu, é justo. — Ele sorriu perversamente.

— E se você pudesse ir em frente e começar o show agora eu apreciaria isso.

Joguei-lhe o telefone e reuni toda a minha confiança. Eu queria que Gage me notasse. Esta certamente não era uma situação ideal, mas era provavelmente a única que eu iria conseguir. Eu joguei meu casaco de lado e chutei minhas botas. Eu soltei uma respiração profunda antes de tirar meu suéter.

— Tire tudo isso, baby.

— Cale-se!

Ele riu.

— Desculpe, não pude resistir.

Abri o zíper do meu jeans e tirei-o, rapidamente me movendo para dentro do saco de dormir.

— Deixe espaço para mim. — Ele desligou a luz enquanto eu lutava para encontrar espaço no saco de dormir.

— Nós vamos estar próximos. — Ele se ajustou para que ele tivesse os braços em volta de mim. Próximos foi um eufemismo. — Eu estava errado sobre você.

— O quê? — Eu segurei nele, apreciando o calor de seu corpo.

— Você é mais do que atraente.

— Oh. — Eu sorri. — Obrigado.



— E quanto a mim?

— Eu já tinha visto você sem sua camisa. — Eu tinha cada centímetro de seu peito memorizado, até o pequeno agrupamento de sardas que eu estava morrendo para correr meus dedos.

— Oh?

— Você tira para correr e praticar esportes. — Eu era muito bom em passar aleatoriamente os campos de jogo no momento certo.

— Então, eu estou em um saco de dormir com a minha perseguidora?

— Não sou uma perseguidora. — Eu ajustei minha cabeça em seu peito. — Só uma fã.

— Você é virgem?

— O quê? — Eu tinha ouvido direito?

— Eu suponho que você sabe o que a palavra significa.

— Claro! — Eu tentei me afastar, mas isso era impossível no pequeno espaço.

— Então você é?

— Por que isso importa? — Meu coração estava batendo de forma irregular. Nós estávamos realmente tendo essa conversa enquanto estamos quase nus?

— Eu acho que não, exceto que eu estou querendo saber se você percebe o que está fazendo comigo agora.

— O que eu estou fazendo com você? — Eu sabia exatamente o que ele queria dizer. A evidência de sua excitação foi pressionada firmemente contra mim.



— Diga-me você. Mas primeiro responda a minha pergunta.

— Eu não sou virgem. — É certo que minha experiência foi limitada e nada vale a pena escrever em casa, mas minha resposta foi honesta.

— Bom.

— Por quê?

— Eu não quero te corromper.

— Você não está me corrompendo. Eu não sou tão inocente quanto você pensa.

— Oh sim? — Sua voz era grossa com curiosidade. — Quando foi a última vez que você fez sexo?

— Os sonhos sexuais vívidos contam? — De onde vinha essa ousadia? Talvez sabendo o quanto eu estava fazendo com que ele tivesse algo a ver com isso.

— Eles não contam, mas estou curioso sobre com quem eles são. — Ele apertou os braços em volta de mim.

— Cada um deles é sobre o mesmo cara.

— Sim? — Sua respiração estava quente no meu rosto.

— Quem é?

Seu coração batia mais rápido em seu peito - eu podia sentir cada batida com ele pressionada tão intimamente.

— Você sonha comigo?

— O tempo todo.

— E isso é bom? O sexo?

— Sim. — Tão bom que eu nunca quis acordar dos sonhos. Seu corpo não foi o único a responder. Sua proximidade estava dificultando pensar coerentemente.



— Quão não inocente você é? — Eu podia ouvir a luta em sua voz.

— Eu não sou virgem, eu já te disse isso.

— Sim, mas isso não significa que você está bem com algo acontecendo agora.

— Eu queria mais do que eu vou admitir.

Ele gemeu. — Você está me matando.

— Você já pensou em me ter?

— Sim. Quero dizer, não o tempo todo, mas o pensamento passou pela minha cabeça. Sua respiração estava quente no meu rosto.

— Está definitivamente em minha mente agora.

— Sim, eu percebi isso.

— Sim... é difícil esconder.

— Nesse ritmo, você pode não ter esses boxers.

— Tire-os de mim então.

— Tirá-los? — Minha voz vacilou.

— Sim. Você vai ter que fazer isso aqui, Mary Anne, eu preciso saber que você realmente quer isso.

— Eu quero isso. — Abaixei-me e peguei ele. Ele já estava cutucando suas boxers, então não foi difícil.

Ele gemeu. — Isso é tão bom.

— Sim? — Ele era tão grande quanto eu imaginava, e me senti poderosa segurando-o na minha mão. Eu era o único a fazê-lo se sentir bem, e não era apenas um sonho.

— Você quer que eu te toque? — Sua voz saiu sem fôlego.

— Claro. — Eu não tinha acabado de admitir ter muitos sonhos sexuais sobre ele?



— Onde?

— Você está dificultando isso para mim de propósito?

— Eu te disse, eu preciso saber que você quer isso. Não estou me aproveitando de você. Ele estava lutando. Ele não queria levar as coisas devagar.

Eu ia ter que guiar as coisas.

— Tudo bem. — Eu tentei soltar meu sutiã, mas levou três tentativas e um cotovelo no rosto de Gage para conseguirlo.

— Eu quero que você toque meus seios.

— Bom, mas a questão permanece, com o que você quer que eu toque eles? — Eu não hesitei com a minha resposta.

— Sua boca.

Em poucos segundos ele teve meu sutiã descartado e sua boca se estabeleceu em um dos meus seios. Ele provocou meu mamilo com os dentes e eu gemi.

Ele levantou a cabeça apenas o suficiente para falar.

— Qualquer outra coisa com a qual eu deveria tocá-los?

— Suas mãos. — Como ele precisava de mim para dizer isso a ele? Eu estava imaginando o quão boas suas grandes mãos fortes se sentiriam em mim por anos.

Ele segurou meu outro peito com a mão. A combinação de sua boca e mão me impediu de manter meus olhos abertos. — Você tem camisinha?

— Um preservativo?

— Sim... esse não é o próximo passo mais provável?

— Eu tenho alguns na minha carteira.

— Ok, eu vou pegar suas calças. — Eu me movi.



— Espera. Eu pego isso. Está na frente.

— Droga. — Lá foram os planos da noite. Por mais que eu quisesse Gage, eu não estava fazendo sexo desprotegido.

— Você está tomando a pílula?

— Nuh uh. Não vá por esse caminho. Sem camisinha, sem sexo.

— A chance de engravidar é muito baixa se...

— Sim, isso não é apenas sobre gravidez. Não precisei perguntar sobre sua virgindade.

— Eu sempre usei proteção antes.

— Você quer fazer sexo comigo, Gage?

— Sim! — Ele praticamente gritou.

— Você me quer mal o suficiente para andar e pegar sua carteira? — Ele começou a sair do saco de dormir.

— Sim.

Ele afastou as malas e, quando abriu a porta traseira, deixou entrar uma forte rajada de vento e neve. Eu estava tão quente que a rajada fria não me incomodou. Esperei nervosamente que ele voltasse. Eu tirei minha calcinha e coloquei-as cuidadosamente com o resto das minhas roupas. Ele voltou para o caminhão e fechou o portão da traseira novamente.

— Você vai ter que me aquecer. — Ele tirou sua boxer enquanto eu segurava o saco aberta para ele. Seu corpo nu estava gelado enquanto ele se aproximava de mim.

— É um momento ruim para dizer que mudei de ideia?

— O quê? — Ele continuou vindo.

— Isso é uma piada.



— Oh, graças a Deus. — Sua boca se fechou no meu peito novamente.

— Você saberia se você movesse sua mão para baixo.

Eu não precisava falar a ele duas vezes. Sua mão estava entre as minhas pernas em segundos. Ele levantou os lábios de mim.

— Você está tão molhada.

— Eu disse que tenho sonhos sexuais constantes com você. O fato de eu estar animada não deve ser uma surpresa.

Ele riu. — Tudo sobre você esta noite está chegando como uma surpresa.

Eu abri para ele quando o peguei na minha mão novamente. Ele acariciou meu peito enquanto seus lábios atacaram meu pescoço. Eu gemi, oprimido pelas sensações.

— Eu te quero tanto.

— Não tanto quanto eu quero você. — Ele se atrapalhou com o preservativo no escuro, finalmente desembrulhando-o e colocando-o.

— Você promete que realmente quer isso?

— Sim, — eu respondi com urgência. — E pare de perguntar. Eu quero você e eu quero você agora.

— Bom. — Ele empurrou para dentro de mim, e eu ofeguei. Ele se moveu devagar no começo, mas ele gradualmente acelerou.

De repente ele parou.

— É assim em seus sonhos?

— Mais ou menos.

— Oh? O que é diferente?



— Você sempre faz mais forte em meus sonhos.

— Por que você não disse isso? — Ele empurrou mais e mais até que eu mal conseguia me conter. Fazia tempo o suficiente para doer um pouco, mas a adrenalina, misturada com medo e excitação, me incendiava.

— Você se sente tão bem. — Ele continuou seus movimentos rápidos e profundos até que ele me empurrou para a borda. Ele estremeceu e permaneceu em cima de mim.

— Porra, como eu não tentei isso antes?

Eu mal conseguia recuperar o fôlego.

— Uh, obrigada, eu acho?

Ele não fez um movimento para se mover, mas eu não me importei. Eu gostei da sensação do corpo dele em cima do meu.

— Você ainda está com frio?

Eu ri. — De modo nenhum.

— Bom. Eu tenho mais quatro camisinhas, então isso deve nos ajudar a passar a noite.

— Você tinha cinco preservativos em sua carteira? — Eu acho que a reputação do jogador era um ganho.

— Sim, eu gosto de estar preparado.

Eu cerrei meus olhos fechados. — E eu me torno outro entalhe em seu cinto. Perfeito.

Ele ainda permaneceu em cima de mim. Dentro de mim.

— Você não é um entalhe. Temos um encontro planejado para amanhã à noite.

— Oh sim. Ainda acha que vamos conseguir?



— Nós vamos voltar lá. Quero dizer, teremos que ir quando ficarmos sem camisinha. Ele saiu, e eu me vi sentindo falta da sensação. Ele parecia sentir como eu me sentia.

— Não se preocupe. Eu volto em breve.

— Como você está tão confiante? Como você sabe que eu quero você de novo?

— Você vai fingir que não quer? — Eu suspirei.

— Não.

— Você está cansada?

— Você está de brincadeira? Depois disso?

— Bom. Então conheço a maneira perfeita de nos manter aquecidos.



CAPÍTULO SEIS

GAGE

— Conte-me sobre seus sonhos. Eu quero detalhes. — Eu já estava duro novamente, mas eu precisava dar um tempo a ela. Eu ainda não conseguia acreditar no que havia acontecido, mas sabia que não estava sonhando. Depois de horas de resistir a ela no caminhão, eu tive seu corpo quase nu pressionado contra o meu. Eu perdi toda a força de vontade quando descobri que ela me queria tão mal.

— Eu não estou dizendo isso.

Eu escovei meus lábios sobre a pele sensível do pescoço dela. — Nuh uh, você não pode ficar com vergonha agora.

— Não é ser tímida. Esses sonhos são privados.

— Privado? O que é mais privado do que fazer sexo? Compartilhar seus sonhos sujos não pode ser mais privado do que isso.

— Eles não são sujos. — Ela tentou se afastar de mim, mas considerando que estávamos em um saco de dormir, ela não podia ir muito longe.

— Então eles eram sonhos sexuais limpos?

— Basta deixar ir. — Ela enterrou o rosto na lateral do saco de dormir.

— Ei. Você está bem? Porra. Ela estava chateada?



— Estou bem.

Ela não parecia bem. — Eu pensei que você queria isso. Você disse que queria isso. Para com isso.

— Eu vou deixar cair os sonhos, mas eu não vou desistir do que aconteceu, considerando que ainda estamos nus em um saco de dormir juntos.

— Eu me sinto estúpida.

— Estúpida? Estamos de volta para você concordando em sair durante a tempestade?

Do lado de fora o vento uivou, me lembrando o quão idiota eu tinha sido. Colocar-me em perigo era uma coisa, mas Mary Anne era outra história. Eu já me importava com ela, mas agora era diferente. Nós estávamos envolvidos em um nível totalmente novo.

— Não. Por me importar. Por ter esses sonhos.

— Por quê? Foi uma decepção ou algo assim? — Eu nunca tinha tido queixas antes, mas talvez eu não tivesse correspondido às expectativas dela. Ela tinha subido de nível para mim.

— Não. — Ela descansou a cabeça no meu peito novamente. — Foi bom. —

— Apenas bom? — Passei a mão pelo cabelo dela.

— Como foi para você?

— Fantástico. Eu sempre ouvi que as meninas quietas eram as melhores na cama.

— Você realmente acha que eu me qualifico como um quieta?

— Ok, não quieta, mas estudiosa.



— E não é a mesma coisa?

Deixei escapar um suspiro de alívio. Eu nos trouxe de volta ao solo normal. Eu não sabia tudo sobre garotas, mas sabia o suficiente para perceber que ela estava envergonhada. Ela não tinha absolutamente nenhuma razão para estar, e eu tinha que ter certeza que ela sabia disso. — Perto o suficiente.

— Eu não posso acreditar que você está pronto novamente.

Eu ri. — Eu realmente não posso esconder isso agora. —
— em um espaço muito apertado, eu suponho.

— Apesar de nossa situação precária, não me importo com o espaço apertado - ou a posição.

— Se conseguirmos sair dessa com vida, você pode refletir sobre o seu louco lapso de julgamento quando fez sexo comigo.

— Lapso de julgamento? — Eu peguei seu rosto em minhas mãos. Estava muito escuro para ver muito, mas eu precisava que ela olhasse para mim de qualquer maneira. — Pare. Estou feliz que isso tenha acontecido. Eu quero que isso aconteça novamente, e não apenas aqui.

— Eu não estou me inscrevendo como sua amiga de foda, Gage.

— Quem diz isso?

— As pessoas.

Passei o polegar pelo seu lábio inferior. — Eu não tenho nenhuma intenção de usá-la se é disso que você tem medo.

— Então quais são suas intenções?

— Eu não sei, — eu respondi honestamente. Qual eram elas? Eu não podia fingir que isso nunca aconteceu. Primeiro,



eu não estava deixando isso em uma noite. E além disso, era Mary Anne. Eu a conheço há anos. Nossos pais viviam a dois quarteirões de distância um do outro, e eu ainda via o irmão dela nos intervalos e no verão. Ela não ia a lugar nenhum. Talvez nós descobriríamos. Eu não estava procurando por um relacionamento, mas poderíamos nos divertir. Talvez um pouco de tempo juntos a ajudasse a relaxar. Então, por que eu estava prometendo que ela não seria uma amiga com benefícios, ou amiga de foda, como ela dizia?

Meu pau duro como rocha provavelmente teve algo a ver com essa promessa. Pelo menos foi o que eu disse a mim mesmo. Eu preferia essa desculpa a uma que envolvesse meus próprios sentimentos. Eu tinha que protegê-la, mas protegê-la não poderia envolver cortar-me. Pelo menos ainda não.

— O que você está pensando? — Ela me puxou dos meus pensamentos culpados.

— Você.

— Vamos.

— É verdade.

— E esses pensamentos têm a ver com a parte do corpo pressionada contra mim agora?

— A parte do corpo? Vamos Mary Anne, você pode dizer a palavra. Eu podia imaginá-la corando. Porra, isso só me excitou mais.

— Claro que posso dizer a palavra pênis.

— Você faz parecer tão clínico. Você não está falando de mim especificamente.



— O que é isso? Você continua me empurrando e me empurrando. Eu coloquei para fora, não é suficiente?

— Colocou para fora? Agora você está me fazendo sentir mal. Eu desejei poder ver seu rosto. — Se não fosse tão frio eu sairia desse saco de dormir e me vestiria.

— E o que você faria com isso, então? — Ela me pegou na mão. Eu gemi.

— Espero que você saiba o que está fazendo.

— Eu já não provei isso?

— Sim. — Fechei meus olhos revelando a sensação de sua mão. Com o que eu estava me preocupando?

— O que foi isso? — Ela me soltou.

Eu senti a ausência da mão dela imediatamente. — O que está errado?

— Aquele barulho. Foi como um uivo. — Ela estremeceu, e eu sabia que não era do frio.

— Um uivo? — Eu a segurei com mais força. — Como um lobo?

Ela não precisou responder, um uivo alto encheu a noite silenciosa.

— Parece perto. — Seu corpo inteiro estremeceu. — Você acha que pode entrar aqui?

— Não. O caminhão é sólido. O maior risco hoje à noite ainda é o frio.

— Eu ficaria louca se você não estivesse aqui. O corpo dela relaxou um pouco.

— É difícil para você admitir, não é? Você gosta de se sentir independente.



— Você prefere ficar sozinho?

— Claro que não. E só para ser franco, não há mais ninguém com quem prefiro ficar preso no meio do nada durante uma nevasca.

Ela riu essa risada cantada dela.

Ficamos deitados em silêncio e eu esfreguei suas costas tentando ajudá-la a relaxar. Mary Anne tentou agir tão duramente, mas ela era humana. Ela estava apavorada. Eu provavelmente era uma pessoa horrível por aproveitar a situação, mas eu compensaria isso. Eu me certificaria de que ela entendesse que ela era mais do que um entalhe, mas primeiro eu tinha que ter certeza que ela descansaria um pouco.

Estávamos focados na noite, mas eu sabia que a manhã não nos traria soluções fáceis. A tempestade continuava a cair, e teríamos sorte se um carro aparecesse nas próximas vinte e quatro horas, quanto mais um que nos visse na vala. Eu afastei esses medos e me concentrei em cuidar da garota assustada em meus braços. Ela estava confiando em mim, e não havia como eu decepcioná-la novamente.

Alguns raios de sol penetravam através das janelas do caminhão, cobertas principalmente de neve. Pisquei algumas vezes, lembrando-me rapidamente de onde estava e com quem estava. A respiração de Mary Anne estava regular e eu sabia que ela ainda estava dormindo. Pelo menos ela estava relaxada o suficiente para dormir. Ela parecia tão inocente, tão pacífica,



tão frágil. Talvez ela não fosse frágil, mas ela era vulnerável. Ela se colocou em minhas mãos, e eu fiz o que apenas um idiota faria. Qualquer raciocínio que eu fosse capaz de reunir na noite anterior tinha desaparecido. Eu não tinha desculpa. Eu a queria e eu a levei. A pior parte é que eu a queria de novo e ia tê-la. Um gosto não foi suficiente. Mas eu não poderia ter mais ainda. Eu não merecia mais até que eu saísse da floresta e voltasse para casa.

Ela se mexeu em meus braços, gemendo baixinho.

— Bom dia, linda.

Ela abriu os olhos devagar.

— Gage?

— Como você dormiu?

Ela esfregou os olhos.

— Estou sonhando de novo?

— Não, a menos que seus sonhos envolvam ficar presos na neve. Mas nós dois estamos nus, se isso ajuda.

Ela passou as mãos sobre ela como se para provar que eu estava dizendo a verdade sobre as roupas. Ela me tocou no processo, imediatamente trazendo lembranças de negócios inacabados de volta para mim.

— Eu gostaria que fosse um sonho. — Ela suspirou.

— Uh, por quê? — Eu realmente esperava que ela estivesse se sentindo assim sobre estar encalhada na neve, e não sobre o que havia acontecido entre nós.

— Porque então eu poderia apenas fazer sexo com você de novo sem me preocupar com o resto da bagunça em que estamos.



— Ninguém disse que não poderíamos fazer sexo de novo... — Eu provoquei.

— Eu disse. — Ela suspirou novamente. — Suponho que devamos nos vestir para o dia.

— Para o dia? Você está planejando ficar nua comigo esta noite?

Ela sorriu.

— Não que eu me importasse com isso, mas eu estava meio que esperando que estivéssemos em uma cama hoje à noite.

— Espero que ainda não estejamos aqui, mas você acha que as estradas vão ser limpas hoje? — Ela sentou-se um pouco, ajoelhando-me no processo.

— Ouch

— Desculpe. — Ela olhou para fora a pequena porção da janela do trailer que não estava totalmente coberta de neve. — Parece que está apenas correndo agora.

Ela expôs sua metade superior quando se sentou, e eu não tinha certeza do que estava mais quente. Seus seios pequenos perfeitos, ou a maneira como a luz caiu sobre suas costas. Suas costas eram longas e magras.

Ela notou que eu estava olhando e se cobriu com os braços. — Me passe meu sutiã e suéter por favor.

— E se eu não quiser?

— Gage, está congelando.

— Então deixe-me aquecê-la novamente em primeiro lugar. — Meus planos para adiar foram embora. Dois mamilos cor-de-rosa e um belo dorso acabaram com qualquer restrição.



Ela deitou-se em cima de mim. Era a maneira mais fácil para ela voltar ao saco de dormir, mas foi a minha ruína. Seus seios pressionaram contra mim, e ela se alinhou comigo perfeitamente.

— Temos que ser estratégicos. Devemos começar avaliando o dano. Talvez possamos ligar o caminhão para começar.

— Mmm hmm. — Eu tentei ouvir, eu realmente fiz, mas sem a minha permissão meus dedos encontraram seu mamilo.

— Gage.

— Sim?

— Preste atenção.

— Estou ouvindo. — Eu apertei seu mamilo levemente.

— De alguma forma eu duvido que você esteja ouvindo se você está me acariciando.

— Eu já lhe disse que posso fazer duas coisas ao mesmo tempo. — Eu decidi provar o meu ponto.

Continuei meu trabalho em seu peito enquanto minha mão deslizava entre suas coxas.

— Gage.

— Sim?

— Eu não posso discutir o nosso plano de resgate com você— Ela gemeu.

— O que você estava dizendo?

— Gage. Por favor.

— Por favor, o quê?



— Pare de me distrair. — Seu corpo e boca estavam dizendo coisas completamente diferentes. Ela abriu as pernas o máximo que pôde dentro dos limites do saco de dormir.

— Fique à vontade para continuar discutindo o plano.

— Hmm? — Ela disse distraidamente.

Observá-la em meus braços em prazer pode ter sido minha nova coisa favorita. Ela era tão responsiva e tão molhada.

— Gage.

— Onde estávamos com esse plano? Nós vamos tentar ligar o caminhão novamente?

— Sim. E então, se ligar, podemos tentar cavar.

— Certo. — Eu beijei seu pescoço.

— Se não, nós precisamos tentar descobrir... — Ela gemeu levemente.

— Descobrir onde estamos.

— Claro. — Eu mordi seu pescoço levemente.

— Gage?

— Sim? — Mudei minha boca para o peito dela.

— Não podemos fazer sexo novamente agora.

— Você está mais quente agora?

— Quente.

— Você tem certeza de que não quer estar ainda mais quente? — Eu estava implorando, eu sabia que estava, mas o que eu deveria fazer? Quanto um homem poderia aguentar?

— Se, e eu estou dizendo se, nós fizermos sexo novamente, você vai se concentrar e me ajudar a chegar a um



plano? — Ela rolou, o efeito teve sua bunda empurrando para dentro de mim.

— Absolutamente. — Eu a beijei de volta.

— Você realmente tem mais preservativos?

— Mais três.

— Você não estará usando os dois últimos.

— Mas eu posso usar mais um?

— Sim.

Eu era um homem de sorte. Uma torcida horrível, mas tive sorte.

— Quer ficar onde você está?

— Sim.

— Perfeito. — Eu me movi em cima dela sabendo que eu realmente iria aproveitar essa visão de suas costas.



CAPÍTULO SETE

MARY ANNE

Eu me vesti antes que o calor pudesse se desgastar. O sexo foi ainda mais quente pela manhã. Talvez fosse a posição, ou o fato de que ele tinha me excitado enquanto eu estava planejando, de qualquer maneira me deixava tonta e certa de que eu ficaria infeliz quando finalmente voltássemos para o mundo real.

— Você é incrível, Mary Anne.

— Tire esse sorriso do seu rosto. — Fechei meu casaco.

— Você prometeu que ajudaria.

— E eu vou, mas posso te dizer o quão incrível isso foi. — Ele se inclinou para trás em seus braços.

— Você disse isso.

— Diga também. Eu sei que você concorda.

— Você realmente tem muitas dúvidas sobre suas proezas sexuais? — Eu não podia imaginar que Gage tivesse alguma preocupação nesse departamento. Ele mais do que correspondeu às minhas expectativas, e minhas expectativas eram altas.

— Não, mas eu quero ter certeza de que estou satisfazendo você.



Seus olhos percorreram meu corpo, e mesmo que eu estivesse vestida, eu sabia que ele estava me imaginando nua.

— Estou satisfeita, mas você sabe o que me satisfaria mais?

— O quê? — Seus olhos ficaram com fome.

— Chegar em casa. — Eu já estava ansiando por um banho quente.

Ele riu.

— Eu entendo a dica. — Ele saiu do saco de dormir e começou a se vestir.

Meu estômago roncou alto.

— Hora do café da manhã.

— Você tem alguma comida com você?

— Eu peguei algumas coisas da máquina de venda automática, mas vamos ter que racionar.

— Vamos ver.

— Está na frente.

Eu fechei minhas botas. Eles eram do tipo feito mais pela moda do que pela utilidade real, mas pelo menos eram quentes.

Gage empurrou nossas malas e abriu a traseira. Eu rolei minha língua ao redor tentando tirar aquele gosto bruto da manhã da minha boca. Desembalando minha escova de dentes parecia bobo considerando os problemas maiores que tivemos, então eu lutei contra o desejo e aceitei a mão de Gage quando ele foi me ajudar a descer do caminhão. Quando eu pulei, ele moveu suas mãos para a minha cintura, então quando meus pés encontraram a neve fria e dura, ele estava me segurando



em seus braços. A neve parou momentaneamente, então não me incomodei com o meu capuz.

Ele não me soltou por um momento, ele apenas estudou meu rosto. Finalmente eu tive que quebrar o silêncio que se estabeleceu.

— Viu qualquer coisa que você gosta?

— Sim

Ele beijou minha testa em um gesto surpreendentemente afetuoso e pegou minha mão.

— Mas eu acho que não posso simplesmente olhar para você o dia todo.

Eu mordi de volta um sorriso e olhei ao redor.

— Isso é muita neve.

Embora a queda de neve ativa tivesse parado, a neve no chão estava pesada e havia se transformado em desvios. Essencialmente, o caminhão estava no que parecia uma montanha de neve.

— Você não tem uma pá lá atrás, não é?

— Não.

Ele olhou para a frente do caminhão.

— Quer andar para a frente do caminhão ou eu deveria levar você?

— Eu posso administrar.

Apesar de tudo que aconteceu entre nós, eu me recusei a parecer dependente dele.

— Ok, apenas tenha cuidado, e eu acho que você deveria passar pelo meu lado.

— Lidere o caminho.



Gage caminhou com cuidado pela neve até a frente do caminhão. Eu segui, estremecendo quando afundei na neve até meus joelhos.

— Congelado.

Ele bateu na porta para romper um pouco do gelo e da neve congelada.

— Maravilhoso. Você não teria um raspador?

— Está na cabine.

— Claro.

Eu tremi quando outra grande rajada de vento entrou. Eu puxei meu capuz. Meus ouvidos estavam congelando e provavelmente vermelhos brilhantes.

Eu procurei na neve por uma pedra ou uma vara para nos ajudar a romper a maçaneta da porta congelada. Depois que minhas mãos ficaram vermelhas, eu finalmente voltei para a parte de trás do caminhão para pegar minhas luvas. Elas não eram à prova d'água, mas pelo menos ofereceriam alguma proteção. Andar de volta foi mais fácil porque eu pisei no chão. Eu coloquei minhas luvas de couro. Eu as escolhi porque você ainda podia dirigir com elas. Isso não ia me fazer bem no momento.

Quando voltei para a frente do caminhão, Gage já estava abrindo a porta. Eu pulei primeiro, cuidadosamente passando por cima do console central para o banco do passageiro. O caminhão estava frio, mas pelo menos quebrou o vento.

Gage tomou seu lugar e tentou ligar o motor. Ele cuspiu.

— Vou dar uma olhada sob o capô novamente.



Eu coloquei a mão em seu braço para detê-lo. Parecia muito mais natural agora tocá-lo.

— Não se incomode. Mesmo que consigamos ligar o carro, não é como se pudéssemos superar esses problemas.

— Nós podemos obter algum calor com isso.

Eu pensei sobre isso. O tanque estava meio cheio, e seria útil ter algum tempo para se aquecer.

— Tudo bem, vamos verificar o suprimento de comida primeiro.

Eu abri minha bolsa.

— Eu tenho M & Ms, reeses de manteiga de amendoim e duas Coca-Cola congeladas.

— Congeladas?

Ele puxou um da minha bolsa e balançou levemente a garrafa.

— Eu provavelmente chamaria isso de lama. Que doce você quer?

— O M & Ms, eu não gosto de manteiga de amendoim.

— Então por que você tem isso?

Ele pegou os reeses de manteiga de amendoim.

— Adicione-o à lista de perseguidora—

— Você quer dizer a boa lista de memória.

Ele desembulhou o doce.

— Eu estava fingindo.

O doce era duro e frio, mas pelo menos era alguma coisa. Eu tentei saborear cada mordida, desejando ter gasto os cinquenta centavos extras na versão king size.

Gage torceu o topo da coca.



— Eu acho que isso conta como o nosso café da manhã.

— Eu acho que sim.

Eu tentei tirar um pouco da lama congelada.

Eu amassei minha embalagem de doces e a coloquei em um dos lugares da xícara antes de colocar a garrafa de refrigerante em cima dela. Eu queria pelo menos tentar manter seu caminhão limpo.

— Você acha que está pronto para tentar superar a deriva e verificar a estrada?

— Não vejo outra escolha. Depois disso, podemos tentar o motor novamente. Achei que deveríamos poupá-lo até que realmente precisássemos; isto é, se funcionasse.

— Eu vou ter que sair pelo seu lado novamente.

— Venha para cá. — Ele segurou os braços abertos.

— Sim, você desce primeiro.

— Você sabe que quer se sentar no meu colo.

— Tanto quanto eu aprecio que você ainda tem o seu senso de humor, precisamos ficar sérios.

— Eu tenho que tentar.

Eu coloquei um casaco e um brilho labial, pelo menos meus lábios estariam confortáveis.

— Eu sei.

Gage colocou as mãos em volta da minha cintura e me ajudou a descer novamente. O movimento foi mais natural desta vez.

— Obrigada.

— A qualquer momento.

Eu olhei para a neve espessa.



— Eu acho que o desvio é um pouco menor lá.

Eu aponte para um ponto atrás do caminhão.

— Concordo.

Gage pegou minha mão com firmeza na sua, e nós andamos pela neve para alcançá-la.

— E se eu te impulsionei lá em cima? Ou eu poderia te jogar. Quer que eu faça isso? É o que fazemos com os cachorros em casa.

— Você está seriamente indo me comparar com seus cães?

— Não estou comparando, estou simplesmente afirmando que pode ser mais fácil do que qualquer um de nós exercer o esforço para escalar. Vai demorar um pouco para descobrir isso e, para todos, sabemos que nossos celulares funcionarão na estrada.

— OK. Faça.

Ele colocou as mãos na minha cintura novamente.

— Tente pousar em seus pés.

— Puxa, obrigado.

Eu sabia que Gage era forte, mas ainda estava surpresa ao me ver catapultada no topo da deriva. A neve começou a desmoronar debaixo de mim, então me arrastei mais para a estrada. A neve fria atravessou meu jeans.

— Você está bem? — Gage gritou.

— Molhada, mas bem.

— Molhada de novo já?

— Cala a boca Gage!

Ele riu.



— Apenas mantendo a luz. Vou dar uma olhada no caminhão novamente. Eu não estou desistindo de Bessy ainda.

Se não fosse pela linha das árvores, seria impossível dizer onde a estrada começava. Tudo estava coberto de neve pesada, e as nevascas eram loucas. Mas não foi a neve que fez tudo parecer tão sobrenatural, foi o silêncio. Além do som de Gage lutando com o caminhão, não ouvi nada. Eu peguei meu celular. Nenhum serviço. Os números de emergência ainda não estavam funcionando. Eu mudei para roaming, mas nada. Eu tentei meu Wifi para mandar mensagens apenas para ter certeza, mas nada para qualquer um.

— Nenhum serviço. — Eu gritei para baixo.

— Maravilhoso.

— Não há absolutamente ninguém aqui.

— O que você esperava? Tráfego?

Eu revirei meus olhos.

— Quer começar a andar? Nós teremos que bater em uma cidade eventualmente.

A neve era mais leve na estrada, mas nada na caminhada seria fácil.

— Mas serão horas. Está congelando. Nós não temos nenhum abrigo e olha para essas nuvens. — Eu apontei para cima, mesmo sabendo que ele provavelmente nem estava olhando.

— Vai começar a nevar mais pesado novamente.

— Exatamente.

— Eu vou mexer com o motor.

— O que devo fazer?



— Por enquanto, pule de volta para baixo. Eu quero ser capaz de te ver.

— Preocupado que eu vou fugir?

— Eu preciso trazer os lobos novamente?

Apenas a menção dos lobos me preparou para pular.

— Estou pulando!

Eu esperei até que o vi diretamente abaixo de mim antes de saltar. Ele facilmente me pegou e me colocou no chão.

— Seu rosto está todo vermelho.

Ele tocou meu nariz com a mão enluvada.

— Está frio.

— Você pode esperar no caminhão se quiser. Pelo menos você estará fora do vento.

— Tudo bem. Eu vou esperar com você.

Eu me orgulho de ter uma base de conhecimento substancial, mas não sabia nada sobre carros. Eu não ia ser de muita ajuda para Gage, mas fiquei parada e observei.

— Você pode entrar no lado do motorista e tentar iniciá-lo?

— Claro. — Eu abri a porta e entrei. Tentei ligar o motor quando ele me disse. Nada.

Eu abri a porta e saí.

— O que nós fazemos?

— Temos duas opções. Um de nós fica aqui outra noite, ou dois nós começamos a andar.

— Você sempre deveria ficar com o carro. Essa é uma das primeiras lições de sobrevivência.



Eu não conseguia lembrar onde eu tinha visto ou lido, mas eu tinha certeza que eu tinha.

— Não há como alguém estar dirigindo por aqui durante dias.

Ele cruzou os braços.

— Você tem mais alguma coisa para comer? Duvido que os doces durem mais vinte e quatro horas.

— Não. — Ele tinha um ponto.

— Talvez devêssemos deixar o carro então.

— Eu não gosto da ideia, mas sentir frio é uma coisa, sentir frio e passar fome é outra—

— Talvez tenhamos sorte e conseguiremos o serviço um pouco mais adiante.

— Talvez. Espere.

— O quê?

— Eu acho que tenho alguma coisa.

Voltei para a porta traseira e abri. Abri a mala e tirei o presente embrulhado que escolhi para o meu pai.

— Taffy?

Gage olhou para a caixa cheia de doces de cor pastel.

— Sim. De Ackenson. Meu pai adorava o lugar quando ele estava na faculdade.

Ele franziu o nariz.

— Eu odeio esses.

— Bem, é melhor que nada, certo.

— Sim. Eu não posso acreditar que você esqueceu que você tinha isto.



— Eu também. Eu não tinha outras ideias para um presente.

— Que tipo você acha que é melhor?

— Eu costumo ir para qualquer coisa na família vermelha. Eu apenas acho o gosto desses sabores melhor. — Ele pegou um azul.

— Eu acabei de dizer que o vermelho e o rosa são os melhores.

Ele desembalhou sua peça.

— Exatamente. Eu posso muito bem te salvar aqueles que você mais gosta.

Eu sorri. Apesar de tudo, Gage estava preocupado que eu conseguisse o tipo de doce que eu queria. Talvez as coisas não fossem tão ruins assim.

Eu não estava pensando a mesma coisa horas mais tarde, quando o último pedaço do bolo foi embora. Nós recorremos a beber algumas garrafas antigas de Gatorade que ele encontrou na parte de trás do caminhão para nos manter hidratado, e me lembrei do porque eu odiava acampar, ter que fazer xixi na floresta.

Apesar da falta de comida e banheiros, nós decidimos ficar outra noite esperar a tempestade. Minha previsão estava certa, outra rodada de neve pesada nos cumprimentou durante a tarde. No momento em que o sol se pôs, eu decidi que não precisava ver outro floco de neve para o resto da minha vida.



Entrar no saco de dormir com Gage na segunda noite foi uma experiência totalmente diferente. Nossa intimidade na noite anterior mudou as coisas, e nós dois sabíamos exatamente o que ia acontecer.

— Eu tenho esperado o dia todo por isso. — Gage passou a mão pelas minhas costas.

— Para aproveitar o calor do meu corpo?

— Para desfrutar do seu corpo.

— Quem disse que você começaria a desfrutar do meu corpo? — Eu provoquei.

— Eu disse. — Ele deixou pequenos beijos no meu pescoço.

— Você não pode realmente esperar que eu mantenha minhas mãos para mim esta noite.

— Não é com suas mãos que eu estou preocupada. — Eu mudei para dar espaço para a protuberância crescente atualmente pressionada contra mim. Ele não se incomodou em deixar sua cueca neste momento. Muito para seu desgosto, eu tinha. Eu ainda estava tentando me convencer de que mais sexo não era inevitável.

— Oh, eu não percebi que você estava preocupada com qualquer coisa...

— Não, ficar encalhada no meio do nada perto do tempo gelado não me preocupa.

— Eu posso tirar sua mente disso. — Ele soltou meu sutiã e deslizou de cima de mim. Assim muito por manter algumas roupas neste momento.



— Eu acho que tenho sorte que você só tenha dois preservativos sobrando. Eu só posso imaginar o que aconteceria se você tivesse uma caixa.

— Você não quer dizer que você é azarada?

Ele passou a língua sobre meu mamilo, quebrando qualquer resistência que eu poderia ter.

Fechei meus olhos, tentando fingir que não estávamos no meio do nada.

Um uivo alto me trouxe de volta à terra, e eu tentei me afastar dele.

— Pare!

— O quê?

— O lobo está de volta.

Outro uivo se seguiu. Gage mudou ao meu lado.

— E ele trouxe um amigo.

— Temos que sair amanhã de manhã. Espero que a neve finalmente pare.

O último uivo parecia ainda mais próximo.

— Concordo, mas isso não significa que não devamos nos distrair esta noite.

— Sim, sim. — Como ele estava sendo tão despreocupado? Havia lobos do lado de fora.

— Por quê? — Sua mão segurou meu peito.

— Porque eles são lobos. Nós não queremos atíça-los.

— Atíça-los? O quê? Você acha que eles vão nos cheirar?

— Talvez. Não há razão para dar mais a eles.

— Você realmente acha que eles vão sentir o cheiro do meu sêmen ou algo assim?



— Sêmen, suor e eles ouvirão nossos ruídos. Nós não estamos fazendo sexo.

Ele gemeu.

— A sério?

— Sim.

Os lobos uivaram de novo e eu agarrei Gage.

— Eu só quero ir para casa.

— Eu também, Mary Anne. Eu também.

Nós mal dormimos naquela noite. Entre os lobos uivantes e a realidade que íamos ter que partir a pé no dia seguinte, estávamos nervosos. Espero que o tempo acalme o suficiente para que alguém passe na estrada.

Gage trouxe minha bolsa para que eu pudesse me vestir sem sair do saco de dormir na manhã seguinte. Considerando o frio da cama do caminhão, eu definitivamente apreciei a consideração. Eu coloquei algumas roupas extras. Eu sabia que não ia ficar muito mais quente. Não houve café da manhã desta vez, e até mesmo nossa Coca-Cola lamacenta soava bem.

— Não que nós questionamos, mas definitivamente havia lobos aqui.

— Pegadas frescas espalhadas pela área ao redor do caminhão.

Gage se inclinou para olhar as impressões.

— Eles devem ser alguns lobos enormes, olhe para o tamanho dessas trilhas.

Eu estremeci. Eu realmente esperava que eles só saíssem à noite.



Enchemos a mochila de Gage com o essencial das nossas malas e trancamos o caminhão. Pela centésima vez, fiquei grata por ele estar comigo, mesmo que ele fosse a razão pela qual estávamos nessa confusão para começar. Deixada sozinha, eu provavelmente teria ficado encolhida no carro chorando.

Gage ajudou a me empurrar para o barranco novamente antes de me seguir. A neve diminuía de novo e o céu estava limpo, mas a temperatura ainda estava congelante, de modo que a neve no chão não ia a lugar nenhum. Não era tão profunda quanto era ao redor do caminhão, mas ainda assim seria difícil passar por ela.

As horas passaram dolorosamente devagar. Meus pés estavam congelados, e eu estava me amaldiçoando por comprar as botas fofas em vez das que eram realmente impermeáveis. Minhas meias estavam encharcadas, assim como meu jeans. Eu não achava que eu estivesse entrando em território de hipotermia ainda, mas eu estava com medo que eu estivesse chegando perto. Pelo menos eu encontrei um chapéu e cachecol para ajudar com o vento. Gage ficou bem ao meu lado e percebi que ele estava tentando bloquear o vento. Eu nunca imaginei que ele fosse tão protetor.

Finalmente ele quebrou o silêncio.

—Talvez devêssemos ter ficado no caminhão.

Meu braço roçou o dele enquanto eu tentava ficar perto.

— Nós não tínhamos comida.

— Estou arrumando uma semana de comida da próxima vez que dirigir em qualquer lugar fora da cidade.



— Uma semana? Eu poderia tentar um mês. Meu estômago roncou alto.

Ele colocou um braço em volta de mim.

— Nós vamos sair disso, tudo bem.

— Eu sei. E teremos uma história interessante para contar.

— Uma ótima história se incluirmos o sexo. — Ele sorriu.

— Gage. — Corei, embora meu rosto provavelmente já estivesse tão vermelho do frio que ele não teria notado.

— Desculpe, não pude resistir. Isso tem sido um grande destaque.

— Você é tão obcecado por sexo. Você provavelmente estaria pronto para vir aqui. Brincadeira sobre sexo fez a situação parecer menos intensa.

Ele riu.

— Acredite ou não, eu não poderia. Está muito frio.

— Sim, está.

Levamos até o final da tarde para percorrer alguns quilômetros pela estrada. A neve estava profunda e fria, e com a nossa fome jogada, não estávamos indo muito rápido.

Com o canto do olho vi algo na floresta ao longe.

— Isso é fumaça?

Gage piscou.

— Talvez?

— Você sempre deve ficar na estrada, mas e se essa é a nossa única chance de ajuda?

Eu apontei para a floresta.



— Se fosse apenas eu, eu iria para lá em um piscar de olhos, mas não temos ideia de quem está aí. Por outro lado, podemos congelar até a morte aqui.

— Ficaremos juntos. Essa é a maior regra aqui.

— Claro. — Ele apertou o braço em volta da minha cintura.

Deixei escapar um suspiro profundo antes de dar um passo para fora da estrada e entrar na floresta.

— Eu realmente espero que esta não seja uma decisão ruim. — Eu fui dominada por um sentimento sinistro, como se não houvesse como voltar atrás.

— Pode ser nada. Ou pode ser uma cabana. Precisamos de abrigo, precisamos de um telefone e precisamos de comida.

— Por favor, não nos deixe ser assassinados. — Todos os filmes de terror malucos que meu irmão me forçou a assistir terminaram assim.

— Eu vou tentar. — Ele apertou minha mão, e eu percebi o quanto eu apreciava seu senso de humor. A situação era horrível, não importava como você olhasse, mas pelo menos Gage me impediu de perdê-la completamente.

A neve era apenas um pouco mais profunda na floresta, mas parecia duas vezes mais difícil de atravessar dado o terreno irregular. Cada passo que tiramos da estrada era monumental e, se Gage não estivesse segurando minha mão, eu poderia ter voltado. Eu particularmente não gostava de estar no frio, mas caminhar pelo deserto em direção a uma cabana ou casa, que pode ou não ser amigável, era algo completamente diferente.



— Você ouviu alguma coisa?

Perguntou Gage cerca de vinte minutos depois.

Eu me esforcei para ouvir.

— Não, mas vou tentar ouvir com mais atenção.

Eu estava muito ocupada pensando em como meus pais provavelmente estão se sentindo agora.

— Meu pai provavelmente está ao telefone com o Dean e o Departamento de Polícia de Boston. Quando me esqueci de atender uma ligação certa noite, ele entrou em contato com a polícia do campus. E isso não foi durante uma enorme nevasca.

— Eu acho que eles estão. Eles vão me matar.

— Se eles matarem você, significa que sobrevivemos, então é uma coisa boa.

Ele roçou seu ombro contra o meu.

— Uau, você fez outra piada.

— Acredite ou não, eu sei.

— Se você diz.

O som da neve esmagada tinha meu coração acelerado a uma milha por minuto.

A mão de Gage se apertou ao redor da minha.

— Shh, fique quieta por um segundo.

Eu balancei a cabeça, tentando ficar calma.

Depois de um momento me inclinei para perto para sussurrar.

— Você acha que é uma pessoa?

— Talvez, mas poderia ser um animal.



Meus pensamentos foram imediatamente para as impressões gigantescas de lobo. Eu olhei para o céu. O sol já estava a caminho. Logo estaria escuro.

Ficamos ali imóveis, nenhum de nós tinha certeza do que fazer a seguir. O esmagamento tinha parado quando nós fizemos. Alguém estava nos observando.

— Vamos voltar para a estrada.

— Sim, acho que é uma boa ideia. — Voltamos para a estrada. Olhei por cima do meu ombro enquanto continuávamos nossa caminhada, mas tudo o que vi foram montes intermináveis de neve branca.



CAPÍTULO OITO

GAGE

Mais uma vez eu fiz uma má escolha. Seguir a fumaça parecia uma boa opção, mas quando nós voltamos para a estrada, eu sabia que não era. Alguém, ou algo, estava nos observando. Eu tinha certeza disso. Tentei manter a calma pelo bem de Mary Anne, mas não tinha plano B. Estávamos a horas do caminhão e, embora a próxima cidade tivesse que estar mais perto do que isso, nunca conseguiríamos chegar lá antes do anoitecer. Pela primeira vez desde que nos afastamos da estrada, fiquei com medo. Estávamos em apuros e, pela primeira vez em minha vida, eu não tinha ideia de como me livrar disso.

A estrada estava quase à vista quando ouvi a neve esmagada novamente. Eu me virei, puxando Mary Anne para trás de mim.

— Bem, bem, bem. O que temos aqui? Um homem vestido de jeans e um casaco verde-escuro olhou para nós. Ele tinha uma grossa camada de barba por fazer no rosto, e seus olhos estavam levemente vermelhos como se ele não estivesse dormindo.

Eu olhei bem nos olhos dele. Se esse cara não fosse amigável, eu não queria que ele pensasse que éramos uma presa fácil.



— Oi, me desculpe se estamos invadindo sua terra ou algo assim. Nós estávamos apenas procurando por um telefone.

— Um telefone?

Ele me olhou com ceticismo, enquanto ele tentava espreitar a minha volta para Mary Anne.

Eu continuei a bloqueá-la.

— Sim. Estamos tentando fazer com que alguém puxe o nosso caminhão. Eu não queria dizer a esse cara que estávamos presos, mas se ele queria nos prejudicar ou não, íamos congelar até a morte se não encontrássemos abrigo em breve.

— Onde está o seu caminhão? Ele olhou para a linha das árvores.

— Nenhum caminhão passou por aqui desde que a tempestade começou.

— São algumas horas a pé daqui. Por acaso sabe até onde é a cidade mais próxima?

— Você fala? — Ele se aproximou, e eu sabia que ele estava tentando ter um vislumbre de Mary Anne.

Ela tinha seu capuz, mas não escondia seu rosto ou tamanho. Não havia dúvida de que ela era uma garota.

Ela não disse nada, e tive a sensação de que ela estava com muito medo de falar. O homem se aproximou.

— Bem, você fala?

— Sim. Disse ela em uma voz surpreendentemente confiante.



— Você está bem? — Sua postura mudou de raiva para preocupado. Deixe para uma fêmea derreter um cara com facilidade.

— Frio e com fome, mas tudo bem. Nós realmente apreciaríamos se pudéssemos usar seu telefone.

— Eu não tenho telefone.

— Oh. Ela olhou para mim para obter a minha leitura.

— Você sabe onde podemos encontrar um?

— Você precisa vir comigo.

— Desculpe-me?

Ninguém estava nos dizendo o que fazer. Eu não confiei neste homem da montanha.

— A garota está congelando. Ela precisa de abrigo.

O esmagamento de mais neve anunciou a chegada de outra pessoa. Eu apertei meu abraço em Mary Anne.

— Eu vejo que você encontrou os intrusos.

Uma voz masculina perguntou atrás de nós.

— Nós não somos intrusos. Estamos presos.

Mary Anne respondeu antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

— Olá. O homem, que não poderia ter mais de vinte e cinco anos, sorriu e revelou duas fileiras de dentes brancos. Ele usava uma camiseta vermelha de manga curta. Ele tinha que estar congelando. Como o primeiro homem, ele também estava precisando de um barbeador. Eu provavelmente também estava.

— Oi. Mary Anne se inclinou para o meu lado. Eu queria poder fazer alguma coisa. A situação estava indo de mal a pior.



Esse cara estava olhando para ela como se ele não tivesse visto uma menina em anos. Talvez ele não tivesse.

— Então vamos embora. Sinto muito que estivéssemos em sua terra. Eu puxei o braço de Mary Anne.

— Embora?

O segundo cara perguntou.

— Onde você iria? Você já admitiu que está encalhado.

— Nós vamos descobrir alguma coisa.

Ele encolheu os ombros.

— Se você gostaria de ficar aqui fora, tudo bem.

— Ok, bom. — Eu me virei. Qualquer coisa parecia melhor do que estar com esses caras.

— Espera. Eu disse que *você* poderia. Eu nunca disse nada sobre a garota.

Seus olhos foram para ela

— Ela está comigo. — Não havia nenhuma maneira que eu estava deixando esses caras tocá-la.

— Receio que não posso com uma boa consciência deixar uma garota aqui no frio. Se você quiser congelar até a morte, a escolha é sua. Ela virá conosco.

Mary Anne olhou para mim com olhos petrificados.

Eu a puxei para mais perto.

— Ela não vai a lugar algum sem mim.

— A escolha é sua. Ela vai ser bem cuidada.

Ela estremeceu.

Eu passei de aborrecido a irado, mas não queria piorar as coisas. Eu não podia suportar os dois caras e eles estavam



certos. Nós congelaríamos até a morte lá fora. Tudo ficaria bem se ficássemos juntos.

— Ela fica comigo.

— Vamos nos mover então. Ela precisa sair do frio. O segundo homem pegou o braço dela, mas eu a puxei ainda mais para o lado.

Ambos os homens riram.

— Um pouco protetor você.

— Ninguém toca nela.

Tomei o cuidado de evitar usar o nome dela. Não havia motivo para dar mais informações.

— Vocês dois são um casal?

O primeiro homem perguntou.

— Sim, — eu respondi automaticamente.

Ela sorriu. Apesar de tudo, me senti bem em dizer isso, e percebi que a fazia feliz.

— Homem de sorte, o da camiseta murmurou.

— Eu sei. Eu tentei relaxar. Talvez eu tenha interpretado mal a sua postura inicial. Talvez eles estivessem apenas preocupados com uma jovem mulher na neve. Se esses caras fossem do tipo caipira, eles provavelmente tinham noções muito tradicionais sobre as mulheres. Se nós apenas jogássemos junto com eles, nós estaríamos bem. Eles querem levá-la para casa para seus pais.

— Você gostaria que eu carregasse você?

O segundo homem perguntou a ela.

— Você deve estar exausta.

— Não, eu posso andar.



Ela parecia distante. Tenho certeza de que a fome, o frio e o medo a estavam desgastando.

— Você parece que vai cair.

— Se alguém a carregará, serei eu.

Eu precisava ter certeza de que os dois entendiam como as coisas iriam funcionar.

O primeiro cara balançou a cabeça.

— Você não parece tão bem também. Eles provavelmente estavam certos. Eu estava exausto, mas isso não significava que eu deixaria algum estranho pegá-la.

Ela tocou meu braço tranquilizadamente.

— Estou bem. Você andou tanto quanto eu.

— Sim, mas ele tem botas melhores. Por que você está usando essas coisas? Ele apontou para as botas cor de rosa de inverno.

— Eles parecem fofos e são quentes quando estão secas.

— Então, por que você os usaria na neve? — Ele pressionou.

— Eu não estava planejando andar por aí fora. — Seus dentes batiam. — Nós deveríamos estar indo para uma viagem de quatro horas.

— Entendo. Bem, estou feliz por termos encontrado vocês. Quem sabe o que teria acontecido com vocês de outra forma? Os homens trocaram um olhar estranho.

— Agradecemos a ajuda. Mary Anne juntou as mãos na frente dela. — Podemos compensar vocês por qualquer despesa.



Droga. Ela estava tentando nos tornar ainda mais um alvo?

Os homens trocaram outro olhar.

— Nós não precisamos do seu dinheiro.

Eu mudei de assunto.

— Quanto mais longe é sua casa? Bem, você na verdade nunca nos contou para onde estávamos indo.

— Nossa casa não é longe. — O primeiro homem olhou para a distância.

Verdade? Essa foi uma escolha interessante de palavras.

Continuamos fazendo o nosso caminho através da neve profunda. Eu mantive meu braço firmemente enrolado em torno de Mary Anne. Felizmente os homens pararam de encará-la.

O vento aumentou, soprando neve ao nosso redor. Eu não tinha certeza de quanto mais poderíamos levar, quando saímos da floresta para uma clareira e uma grande cabana apareceu.

O segundo homem olhou por cima do ombro para ela. Se eu não estivesse imaginando coisas, ele lambeu seus lábios. Eu apertei o meu aperto mais uma vez. Mary Anne parecia esperançosa. Eu esperava que estivéssemos andando em segurança e não em uma armadilha.

Entramos na clareira que abrigava várias pequenas casas e uma grande cabana. Os homens dirigiram-se para a grande cabana a que saía fumaça da chaminé.

A porta se abriu antes de chegarmos ao degrau.

— Você os encontrou então? Um homem alto com uma leve cicatriz escorrendo pelo lado do rosto ficou na porta. Ele



parecia estar em torno da idade dos outros, vinte e poucos anos mais ou menos.

— Sim, são apenas algumas crianças. O caminhão deles ficou preso alguns quilômetros ao sul.

— Crianças? — O homem com a cicatriz olhou em volta de mim. Ele notou Mary Anne e sua expressão se suavizou.

— Entre, você deve estar congelando.

Ele estendeu a mão, ignorando-me completamente.

Eu estava tão ocupado assistindo a interação do homem com Mary Anne que eu não estava preparado quando os dois primeiros caras começaram a me revistar.

— Que diabos?

— Temos que ter certeza de que você não tem armas.

Eu quase disse 'você não acha que ela tem?', mas eu me parei a tempo. A última coisa que eu queria era que alguém tocasse Mary Anne desse jeito.

Eles nos levaram para dentro antes de fechar e trancar a porta atrás de nós. Entramos no que devia ser uma cabana de caça de algum tipo. As paredes eram completamente revestidas de madeira, e os móveis esparsos eram definitivamente para funcionalidade e não estética.

— Você está bem? — O homem empurrou o capuz de Mary Anne, e ela não tentou impedi-lo. Eu não tinha certeza se isso era bom ou ruim.

Ela assentiu.

— Nós realmente apreciaríamos se pudéssemos pegar emprestado um telefone. Nós precisamos para chamar nossas famílias e mandar alguém vir e nos pegar.



— Infelizmente não temos telefone aqui, mas você é mais do que bem-vinda para ficar até as estradas estarem suficientemente claras para que possamos chegar à cidade mais próxima.

— Quanto tempo isso vai ser?

— Nós devemos pegar mais 20cm nesta noite, então pode demorar um pouco.

— Mais? — Eu balancei a cabeça.

— Como podemos obter mais neve?

— Você é daqui mesmo?

Mary Anne assentiu. — Bem, tipo isso.

— Mais ou menos? — Ele deu a ela um olhar engraçado.

— Somos de uma pequena cidade daqui a algumas horas em Nova York.

— Que cidade?

Ela olhou para mim. Dei de ombros. Eu não sabia como ela poderia evitar compartilhar o nome. — Mayville—

— Oh sim. Eu já ouvi falar de lá. Então você deve saber que às vezes temos nevascas como essa. Nós deveríamos ter outra.

— Eles estavam prevendo uma queda de neve recorde neste inverno, mas isso é uma loucura.

— A boa notícia é que você está segura agora. Temos muitas roupas, comida e lugares para você dormir.

Ela olhou para mim e eu assenti. Que outra escolha nós tínhamos?



— Nós apreciamos que você nos deixe ficar. Vamos ficar fora do seu caminho e sair assim que as estradas abrirem novamente.

— Não há pressa. — Ele colocou a mão no braço de Mary Anne, mas sorriu para mim.

— Você pode ficar o tempo que precisar.

— Obrigado. Eu sou Mary Anne, e esta é Gage.

— Prazer em conhecer vocês dois. Eu sou o Hunter. Esses homens são Chet e Falcon. Hunter? A sério? O homem da montanha que vive no meio do nada se chama Hunter?

— Prazer em conhecê-lo também.

Mary Anne olhou para a poça de água a seus pés. A neve que cobria nossas botas e calças estava começando a derreter.

— Vamos pegar algumas roupas secas para você.

— Chet, Gage parece do seu tamanho, e tenho certeza que Marni tem algo que Mary Anne pode pegar emprestado.

— Certo. Venha comigo.

Chet apontou para a porta.

— Eu vou te encontrar alguma coisa.

— Nós vamos voltar para fora?

— Só por um segundo. Acha que pode lidar com isso, cara?

— Claro, mas eu não quero que Mary Anne volte lá.

— Ela não precisa. Vamos parar e pegar Marni em nosso caminho. Mary Anne balançou a cabeça.

— Eu posso ir com você.

Dei um suspiro de alívio. Mary Anne entendeu que tínhamos que ficar juntos.



— Não há razão para isso. — Hunter colocou a mão em seu ombro. Ele realmente precisava parar de tocá-la.

— Você ainda parece tão fria. Por que você não apenas espera ali ao lado do fogo?

— Realmente, eu não me importo.

— Eu absolutamente insisto. — Ele moveu a mão para baixo em suas costas.

— Seu amigo estará de volta.

Amigo? Isso não ia rolar. Talvez esse fosse o tipo de cara que respondia apenas ao comportamento territorial evidente.

— Eu sou mais do que seu amigo, então eu apreciaria se você não tivesse suas mãos por toda a minha *namorada*.

— Namorada? — Ele tomou uma respiração. — Eu sinto muito. Não tive a sensação de que vocês dois eram mais que amigos.

— Bem, nós somos.

— É isso mesmo? — Ele olhou para mim.

— Garanto-lhe que cuidarei perfeitamente bem dela enquanto você busca as roupas novas. Ela está em boas mãos.

— Tudo bem, você pode ir. — Mary Anne tocou meu braço suavemente. — Você vai estar de volta. — Seus olhos imploraram por mim. Ela estava nervosa, mas ela também não queria começar uma briga.

— OK querida. Eu estarei de volta em um minuto.

Ela sorriu. — OK.

Eu olhei por cima do meu ombro antes de relutantemente sair pela porta.



CAPÍTULO NOVE

MARY ANNE

— Um pouco protetor, não é? — Hunter perguntou assim que a porta se fechou atrás de Gage. Ele caminhou em direção à lareira e eu segui, desejando o calor do fogo.

Eu tentei engolir meus nervos. Eu não queria admitir para mim mesmo o quanto eu me sentia mais segura com Gage ao meu lado.

— Ele está apenas olhando por mim.

— Olhando por você? Hunter cruzou os braços, acentuando seus bíceps. Cada centímetro de Hunter era músculo. Eu pensei que Gage era grande, mas esse cara era gigante.

— Isso soa mais como um irmão mais velho que um namorado.

— Ele definitivamente não é meu irmão. — Eu pensei sobre todas as coisas que fizemos no saco de dormir.

— Ele é o seu primeiro? Hunter descansou o queixo na mão. Ele tinha características tão fortes que quase pareciam fora de lugar com sua espessa camada de cabelo curto e escuro, quase longo.

— Desculpe-me? Eu olhei para a porta. Eu esperava que Gage voltasse rapidamente.

— Ele é seu primeiro namorado? Acho que as meninas tendem a sentimentalizar o



primeiro homem com quem estão e ficam desnecessariamente ligadas.

— Ele não é o meu primeiro, não que seja da sua conta.

— Eu não estou tentando ofendê-la.

Ele tocou meu braço. O cara continuou encontrando razões para colocar as mãos em mim. Não foi necessariamente inadequado, mas me deixou no limite.

— Eu estou apenas fazendo perguntas para passar o tempo.

— Claro. — Eu olhei para o fogo crepitante na lareira. Eu não podia negar o quão bom o calor sentia no meu corpo frio.

— Por que você não tira o casaco?

A voz de Hunter veio logo atrás de mim e suas mãos se moveram para o zíper do meu casaco.

— Você vai aquecer mais rápido sem isso.

— Oh, tudo bem. — Eu tremi. Onde Gage foi?

— Estou apenas tentando ajudar.

Ele começou a descompactar minha jaqueta lentamente.

— Eu posso fazer isso sozinha.

— Oh, meu erro. Eu pensei que suas mãos estivessem muito frias.

Realmente? Ele estava indo com essa desculpa?

— Elas estão bem.

— Você deixa seu amigo ajudá-la com as coisas? Ou você é uma daquelas meninas que gosta de fazer tudo sozinha?

— Eu posso cuidar de mim mesma, mas se você está perguntando sobre Gage, ele é mais que um amigo. Eu já te disse isso.



— Na verdade você não me contou. Ele fez. Hunter soltou meu casaco.

— Mas namorado, amigo, é a mesma coisa.

— Como eles são a mesma coisa? — Eu tirei meu casaco antes que Hunter pudesse fazer isso por mim.

— Não são permanentes. Nem significa que ele tenha uma reivindicação sobre você. Seus olhos perfuraram os meus.

— Eu não pretendo nunca ter um homem me reivindicando.

— Você diz isso agora. — Ele sorriu.

— Tenho a sensação de que você mudará de ideia mais tarde. Além disso, o que faz você pensar que ser reivindicada ou não, seria a sua escolha?

— Sim... eu tento ficar longe de pessoas que me forcem a coisas. Eu cruzei meus braços. Volte, Gage. Hunter estava se tornando mais assustador do que eu pensava.

Ele parecia sentir o meu mal-estar.

— Oh. Eu não quis dizer isso. Só quero dizer que não podemos escolher por quem nos apaixonamos.

Eu não tinha dito isso a Genevieve no outro dia?

— Isso é verdade.

A porta da frente se abriu e Gage voltou vestido de calça de veludo escuro e uma pesada camisa térmica. Ele estava acompanhado por Chet e uma garota que não podia ser muito mais velha que eu. Ela estendeu sua mão.

— Oi, você deve ser Mary Anne.

— Oi. Marni, é isso? — Eu relaxei imediatamente e aceitei seu aperto de mão.



Há algo de reconfortante em ter outra mulher por perto.

— Sim. Eu trouxe algumas roupas para você. Ela segurava uma pilha de roupas na mão.

— Por que você não mostra a Mary Anne o seu quarto para que ela possa se trocar? Hunter deu-lhe um olhar que eu não conseguia ler.

Marni devolveu o olhar.

— Eu suponho que você quer dizer o quarto de trás no andar de cima? Essa é a parte mais bonita da casa.

— Não precisa me dar um quarto. Eu posso dormir no sofá ou no chão.

Eu não estava dando trabalho a essas pessoas mais do que tínhamos que fazer. A atenção que Hunter estava me dando já estava me deixando nervosa, e eu me recusei a tornar as coisas mais estranhas ou sentir que eu lhe devia mais.

— Absurdo. Você é nossa convidada.

— Ok, podemos ter um quarto, mas não precisa ser o mais bonito. Eu só queria evitar uma discussão. Apesar da simpatia de Marni, algo estava errado sobre essas pessoas. Nós só precisávamos sobreviver à noite e chegar em casa.

— Nós? — Hunter virou a cabeça ligeiramente.

— Sim. Gage e eu.

Hunter sacudiu a cabeça.

— Gage vai ficar com Chet.

Gage disse apressadamente.

— Você tem um problema comigo dormindo no mesmo quarto que a minha namorada? Apesar da situação, eu fiquei emocionada ao ouvi-lo me chamar de sua namorada com tanta



indiferença. Eu sabia que ele só estava fazendo isso para me proteger, mas talvez ele quisesse mais do que sexo.

— Receio que sim. Ela é sua namorada, não sua esposa. Devo ao pai dela manter você na linha.

— Para o meu pai? Meu queixo caiu. — Você é maluco?

— Eu acho que estou sendo muito complacente com vocês dois. Eu abri minha casa e terei prazer em fornecer qualquer coisa que vocês precisarem. Dito isto, mantenho o direito de determinar onde você dorme.

— Por que você se importa? — Gage deu um passo em direção a ele.

— Você não nos quer sozinhos em um quarto por alguma razão religiosa ou moral, claro, eu posso aceitar isso, mas o que vai acontecer se dormirmos aqui no chão ou no sofá?

Ele cruzou os braços novamente.

— Se você está mais confortável em ficar sob o mesmo teto, fique à vontade para ficar no nosso sofá. No entanto, Mary Anne estará em um quarto. Você realmente quer sob os olhos de outros homens durante a noite? Eu não quero que minha namorada esteja.

— Está bem. E Gage, você não precisa dormir no chão. Tentei difundir a tensão crescente entre os dois. Hunter estava ficando aquecido e isso não era nada bom. Eu tive a sensação de que ele preferiria chutar Gage na neve de qualquer maneira. Eu não podia deixar isso acontecer.

— Tudo bem, por que não nos salvamos desse argumento idiota e movido a testosterona e trocamos você?



Marni ligou seu braço ao meu. — Esses jeans não podem estar bons.

— Nem um pouco. — Minha calça jeans molhada parecia pesada enquanto eles se agarravam à minha pele. — Eu aprecio as roupas.

— Claro. — Ela me levou através do espaço principal e até um conjunto estreito de escadas. No topo, havia um corredor igualmente estreito com portas alinhadas em cada lado.

Marni empurrou a porta para um grande quarto com uma cama queen size no meio. Uma colcha escura estava sobre a cama cuidadosamente. Uma cômoda ficava em frente à cama e uma pequena cabeceira de cama ficava ao lado, mas, do contrário, o quarto estava vazia.

— Há um banheiro por ali. — Marni apontou para uma porta.

— Bom quarto de hóspedes. — Considerando que estávamos no meio do nada e essas pessoas não tinham telefone, eu não estava esperando uma suíte.

— Hunter gosta de você. — Ela se inclinou contra um poste de cama. — Ele vai ter certeza de você está confortável.

— Oh. — Peguei a pilha de roupas e entrei no banheiro. O que eu poderia dizer sobre isso? Eu não entendi muito bem o relacionamento que todas essas pessoas tinham. Presumi que ela não estava namorando Hunter, mas talvez eu estivesse errada.

— A roupa íntima é nova, eu prometo.

— Ok. — O pensamento de usar roupas íntimas de outra pessoa não era agradável. Sabendo que era novo ajudou.



— Sempre compro um milhão de pares sempre que vou a um shopping para fazer compras. Eu sou um pouco viciada em Victoria's Secret.

Eu levantei a calcinha de seda preta e sorri. Eu não era uma grande compradora, mas tinha muitos amigos que se sentiam mais em casa em um shopping do que em qualquer outro lugar.

— Ótimo. Eu decidi levá-la em sua palavra sobre sua novidade.

— Eu acho que há xampu e outras coisas lá, mas eu trouxe uma navalha extra para o caso de você precisar.

Com tudo acontecendo, ela estava preocupada comigo me depilando? Eu não tinha certeza se isso era mais estranho ou prestativo. Eu fui com prestativo. Uma menina com um vício em roupa íntima bonita provavelmente coloca um preço alto nas pernas lisas.

— Obrigada.

— Eu vou esperar aqui no caso de você precisar de alguma coisa.

— Ok, obrigada. — Eu entrei no banheiro e fechei a porta. Eu procurei por uma fechadura, mas não vi uma. Pelo menos era Marni do outro lado da porta.

Eu rapidamente tirei a roupa e liguei o chuveiro. O spray quente parecia revigorante. Eu tentei lavar o estresse e o frio, mas não Gage. Eu nunca queria lavar Gage. Eu joguei mais cedo, mas eu ia sentir falta de dormir ao lado dele. Depois de duas noites, não queria dormir sozinha, especialmente naquele lugar estranho. Eu decidi me depilar rapidamente, apenas



para sentir uma sensação de normalidade. Depois de todas as caminhadas e duas noites no caminhão, eu queria ficar o mais limpa possível.

Alguns minutos depois, desliguei a água e me envolvi em uma toalha felpuda. As calças de ioga de Marni estavam um pouco compridas em mim, mas eu as ajeitei e elas funcionaram bem. A parte superior do Top se encaixava perfeitamente, assim como o suéter azul-claro que passava por cima. Eu deixei meu cabelo para baixo depois de secar. Secaria ondulado desde que eu não fiz uma escova. As meias quentes de lã eram a melhor parte. O material pesado forneceu uma barreira satisfatória do piso frio de madeira.

Saí do banheiro.

— Obrigado pela roupa e tudo mais.

— Sem problemas. Estou feliz que vocês tenham vindo.

Vindo? Ela fez soar como uma chamada social.

— Nós tivemos sorte de encontrar seus amigos. Caso contrário, estaríamos congelados até a morte agora.

— Você vai gostar daqui. Hunter é um cara legal, mesmo que seja rude ao redor das bordas. — Mais uma vez ela falou de Hunter. Eu ainda não sabia se eles estavam envolvidos ou se ele era o chefe dela, mas havia algo que tornava o relacionamento deles mais significativo do que amigos ou vizinhos. Além disso, ela o escutou como se ele estivesse dando ordens a ela. A outra possibilidade era que ele era um irmão ou primo.

— Eu estou supondo que esta é a casa dele?

— Sim. O resto de nós vive nos chalés.



Lá foi seu argumento sobre outros homens andando por mim no meio da noite.

— Você todos são família?

— Tipo isso. Nem tudo sangue. Ela sorriu. — Caso contrário, as coisas que eu faço com Chet seria muito nojento.

— Você e Chet? Vocês são um casal? Tentei esconder minha surpresa. Eu não vi isso chegando.

— Sim, embora não oficialmente.

Ela mordeu o lábio como se estivesse debatendo o que dizer.

— Há uma espécie de regra não escrita que Hunter tem que encontrar alguém primeiro.

— Ele é solteiro? — Por seu comportamento comigo mais cedo, isso não me surpreendeu.

— Sim, mas ele parece realmente gostar de você. — Ela levantou uma sobrancelha.

— Estou com Gage.

— Com ele? — Ela colocou algo ao lado de um dos travesseiros.

Eu olhei para ver o que era.

Ela notou meu olhar. — Pijamas. Mas quero dizer, você está falando sério ou apenas se divertindo?

— Por quê?

Ela estava interessada nele? Ela não acabou de dizer que estava com Chet?

— Eu não tenho certeza ainda. — Eu não tinha ideia do que ia acontecer, mas eu sabia que não havia como fingir que nada havia mudado entre nós.



— Ele é fofo, mas eu escolho Hunter. — Ela apertou os lábios e seus olhos brilharam.

— Sim... eu nunca vou ver Hunter novamente depois que sairmos

— Por que não?

Ela estava louca?

— Porque nós estamos indo para casa.

— Eu vejo. Seu sorriso foi embora, substituído por um olhar complacente que eu não entendi muito bem.

— Você está pronta para descer?

— Claro. — Eu peguei minhas roupas molhadas.

— Vou levá-las. — Marni puxou-os de minhas mãos e saiu do quarto.

Hunter nos encontrou no final da escada.

— Como foi o seu banho?

— Foi bom, obrigada.

Seus olhos correram lentamente por cima de mim.

— Você está bonita. Azul é uma ótima cor em você.

— Obrigada. — Eu procurei em torno por Gage. Sua avaliação me deixou desconfortável.

— Você gostaria de um jantar?

— Talvez, mas onde está Gage? — Eu tentei olhar ao redor da grande estrutura de Hunter.

— Ele já está na cozinha.

— Ok, obrigada.

Gage andou pelo corredor do lado de fora da cozinha.

— Ei.

Ele olhou e sorriu.



— Aí está você.

— Tomei um banho.

— Eu posso dizer.

Ele pegou uma mecha do meu cabelo molhado.

— Você quer tomar banho também?

— Você está tentando me dizer que eu cheiro mal? Ele ainda segurava o fio como se estivesse estudando.

— Essa é uma ótima ideia.

Hunter se moveu entre nós, quase pisando em Gage no processo.

— Chet, depois que você terminar, leve Gage para tomar um banho.

— Eu vou jantar primeiro. — Gage deu-lhe um longo olhar.

— Adapte-se. — Hunter devolveu o olhar.

— O banheiro que usei é maravilhoso, Gage não pode usá-lo?

— Ele também pode usar aquele onde ele está hospedado.

— Hunter se virou para mim.

— Nenhuma razão para se mover em torno em uma toalha.

— Ele pode usar minha toalha, não tenho problema em compartilhar.

Gage sorriu.

— Nem eu, e vou ficar aqui.

— Todo mundo pronto para o jantar? Gritou Chet da cozinha.



— Sim, eu acredito que nós estamos. — Hunter fez um gesto para eu entrar primeiro.

Eu olhei para a longa mesa de madeira. A maioria dos assentos estava cheia de homens na faixa dos vinte anos. Eu reconheci Falcon de fora, mas ainda não tinha visto os outros.

Hunter puxou uma cadeira.

— Por favor, sente-se.

— Obrigada.

Sentei-me assustada quando ele me empurrou para a mesa. Hunter sentou-se ao meu lado. Marni e Chet já haviam se sentado, deixando Gage com a única cadeira vazia - uma no extremo oposto da mesa. De alguma forma, não achei que fosse um acidente.



CAPÍTULO DEZ

GAGE

Hunter estava seriamente me dando nos nervos. Aturei sua atitude quando chegamos, mas se ele tocasse novamente em Mary Anne, eu me perderia. Meus sentimentos pessoais de lado, o cara era arrepiante. Ele presidia os outros caras e Marni como um rei, mas pelo que eu poderia dizer, não havia nada de especial nele. E por que ninguém tinha um telefone? Eu entendi vivendo no meio do nada. Talvez houvesse terras agrícolas sob as pilhas de neve, mas elas estavam fora da grade. Se eles não tinham um telefone, eu duvidava que eles tivessem internet.

— Você não vai se juntar a nós? — Hunter sorriu, mas não havia nada amigável sobre a expressão. O que ele achou? Que Mary Anne iria ficar para trás em seu estranho complexo no meio do nada?

— Sim, claro. — Eu puxei a cadeira para trás e me sentei.

— Suponho que nenhum de vocês é vegetariano. Chet passou um prato cheio com o que parecia ser um bife quase cru.

Eu coloquei um pedaço no meu prato e olhei em volta para o resto do acompanhamento, ou melhor, a falta dele.



— Oh, você esqueceu a salada. — Marni empurrou a cadeira para trás e caminhou até o balcão. Ela colocou uma tigela grande na frente de Mary Anne.

— Infelizmente estamos sem opções.

— Oh, tudo bem. — Mary Anne me lançou um olhar por cima da mesa antes de colocar um monte de alface em seu prato.

— Você não vai comer um pouco de bife? — Hunter perguntou.

— Ah, eu pegaria um pedacinho, mas todos são enormes—

Eu me forcei a não rir. Sua tentativa de ser educada foi inestimável.

— Eu ficaria feliz em cortar um pouco para você. — Hunter pegou um pedaço grande de bife e cortou em pedaços como se ela fosse uma criança.

— Oh. Você não precisava fazer isso. Mary Anne pareceu completamente horrorizada.

— Isso é pequeno o suficiente? Ele empurrou a carne para ela. Ele estava brincando?

Quanto tempo ele estava vivendo nas boias? Que garota acharia isso mesmo remotamente atraente?

— Oh, isso é ótimo. — Ela pegou o garfo e deu uma mordida. Ela mastigou enquanto Hunter assistia como um esquisito.

— Delicioso.



Eu cortei meu bife. Ele fez o meu bife médio habitual, parece exagero. Apesar da minha fome, eu não poderia ficar muito animado em comer algo que mal cozinhou.

— De onde vocês dois vieram? Você disse que seu caminhão está ao sul daqui, então você deve estar voltando para Mayville.

— Estávamos voltando da escola.

— Onde você vai para a escola?

Por toda a sua preocupação com Mary Anne comendo, Hunter mal tinha mordido as duas grandes fatias de carne em seu prato.

— Nós vamos para a Eastern University em Boston.

— O que você estuda?

Eu abaixei meu garfo.

— Por que isso Importa?

Hunter olhou para mim.

— É importante porque estou curioso sobre o que Mary Anne estuda.

— Engenharia. Engenharia Biomédica.

— Oh, uau. Você deve ser boa em matemática.

Eu quase bufei um gole de água que tomei.

— Sim, números e eu nos damos muito bem.

— E você, Hunter? Você é bom matemática? Eu não pude resistir.

— Eu me dou bem com os números também. — Ele sorriu para Mary Anne e ela sorriu de volta. Ela estava comprando algo disso?

— E o que você estuda, Gage?



— Psicologia.

Ele assentiu.

— O que você achou que eu ia dizer, drama ou algo assim?

A mesa toda riu incluindo Mary Anne.

Eu peguei os olhos de Mary Anne a cada poucos minutos enquanto comíamos. Foi um testemunho da nossa fome que comemos tudo. Eu tinha a sensação de que Mary Anne não era uma pessoa que consumia carne quase crua. Ela comeu sua salada e eu me vi comendo muito mais do que o habitual. Pelo menos a alface não podia me matar.

— Tenho certeza que vocês dois estão cansados. — Hunter colocou a mão atrás da cadeira de Mary Anne. Ela sentou-se rigidamente para não tocar diretamente no braço dele. Agradável.

— Sim, estamos, foi um dia louco.

— Gage, se você mudou de ideia, tenho certeza que Chet ficaria feliz em mostrar-lhe o quarto de hóspedes em sua casa.

— Não, eu prefiro ficar aqui. — Ele estava brincando comigo? Como se eu estivesse deixando Mary Anne em uma casa diferente com ele?

Mary Anne se mexeu um pouco.

— Se você está mesmo contra eu dividir um quarto com Gage, não me importo de dormir no sofá e dar a ele o quarto.

Hunter sacudiu a cabeça.

— Absolutamente não. Tenho certeza de que Gage não gostaria disso também.



— Ou você poderia dormir no sofá, e eu vou dormir no chão.

Eu tentei essa jogada novamente. Dessa forma eu ainda poderia cuidar dela. Eu não gostava da ideia de estar tão longe dela. Sua porta esperançosamente tinha uma fechadura.

— Nós já não discutimos isso? Hunter olhou.

— Não é apropriado para ela dormir lá.

— Bem. Vou ficar sob o mesmo teto.

— Isso é aceitável. Hunter empurrou a cadeira para trás.

— Eu vou acompanhá-la e ascender o fogo em seu quarto, Mary Anne.

— Está bem. Obrigado.

Ela chamou minha atenção.

— Espero que possamos sair de manhã.

— É por isso que você definitivamente deveria ter uma boa noite de sono.

Hunter a conduziu para cima, e eu estava prestes a gritar. De repente, o caminhão frio não parecia tão ruim.



CAPÍTULO ONZE

MARY ANNE

Felizmente Hunter não ficou no quarto de hóspedes por muito tempo.

— Apenas deixe-me saber se você precisar de alguma coisa.

— Eu acho que estou bem, mas obrigada. Forcei um sorriso, esperando que parecesse genuíno o suficiente.

— Eu estou do outro lado do corredor. — Ele hesitou com a mão na maçaneta.

— Ótimo.

Ele olhou para mim sem jeito por um momento antes de fechar a porta atrás dele. Eu soltei um pequeno suspiro de alívio. Pelo menos o cara não ia pairar.

Dei outra olhada no frágil tecido preto. Marni deixou isso para eu dormir? Era o tipo de coisa que eu ficaria envergonhada de usar sozinha na minha cama no meu próprio quarto e muito menos em alguma casa estranha no meio do nada. Além disso, estava congelando. Onde estavam os pijamas de flanela ou camisola? Pelo menos eu tinha as meias de lã.

Eu coloquei a camisola furtiva para o lado. Eu estaria dormindo na calça de yoga e na regata. Eu tirei meu suéter e deslizei na cama. Eu pensei em desligar a luz, mas no final



deixei a lâmpada de cabeceira acesa. Não havia luzes do lado de fora, e a luz do fogo não era tão brilhante, então desligar o interruptor teria me deixado na escuridão. Eu não estava pronta para lidar com isso ainda.

A cama parecia vazia. Fria. Eu queria Gage ao meu lado. Por que eu estava em uma cama tão grande quando ele estava dormindo no sofá? Se Hunter não fosse tão inflexível contra isso, eu teria dito a Gage para se esgueirar e se juntar a mim. Em vez disso, usei um travesseiro extra para me aconchegar. Eu não era egoísta o suficiente para colocar Gage nessa posição. Estávamos à mercê de Hunter até podermos chegar a uma cidade ou pelo menos a um telefone, então, por enquanto, tínhamos que seguir suas regras.

Eu tinha começado a adormecer quando ouvi a porta se abrir. Prendi a respiração, esperando que fosse Gage, mas apavorada que estivesse errado. Eu mantive minha cabeça baixa enquanto tentava elaborar um plano para me defender.

— Eu sei que você está acordado.

A voz de Hunter cortou a noite silenciosa, eu sentei.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu entrei para ter certeza de que o fogo ainda estava forte. Eu não quero que você fique com frio.

Ele empurrou o espeto ao redor do fogo sem se virar para olhar para mim.

— Eu aprecio a preocupação, mas eu preferiria que você não andasse aqui quando eu estivesse dormindo.

— Por quê? — Ele deixou de lado o espeto e se virou.

— Minha presença incomoda você?



— Sim.

Notei que a porta ainda estava parcialmente entreaberta, o que me deixou à vontade. Se ele ia me matar ou estuprar, ele não a teria fechado?

— Não, não incomoda.

Ele caminhou em direção à cama.

— Sim, e eu gostaria de voltar a dormir.

— Você não estava dormindo. — Ele se sentou na beira da cama.

— Como você saberia?

— Eu ouvi você revirando-se e sua respiração não era um padrão de sono.

Ele alisou a colcha ao lado dele.

— Existe alguma coisa que eu possa fazer para ajudá-la a dormir?

Deixe-me dormir com o Gage. Claro que deixei esse pensamento para mim.

— Não, obrigado.

— Você tem certeza? Talvez algo quente para beber?

— Estou bem. — Eu segurei o cobertor mais contra mim.

— Eu te assusto? — Ele se aproximou.

— Sim.

Ele riu.

— Honesta.

— Não você especificamente, apenas tendo um homem tão próximo que eu não conheço.

— O quão bem você conhece Gage?

— Eu o conheço toda a minha vida.



Eu não conseguia nem lembrar da primeira vez que nos conhecemos.

— Saber quem é alguém não significa que você o *conhece*.

— Eu o conheço. — Eu tentei puxar o cobertor ainda mais alto, desejando que eu mantivesse meu sutiã sob a parte superior do meu corpo

— Você tem certeza?

— Por que você está fazendo isso? Qual é sua opinião?

— Minha opinião? — Ele descansou a palma da mão ao meu lado.

— Sim? Por que você se importa tanto com meu relacionamento com Gage?

— Porque eu posso ver pelo que é.

— E o que é isso?

— Um menino usando você.

— Gage não está me usando.

— Ele não está? — Hunter se inclinou para mais perto de mim. Apesar de quão pouco ele sabia da nossa situação, ele provavelmente estava certo. O sexo foi porque eu era conveniente, mas o que aconteceria quando chegássemos em casa? Ele ainda me quereria? De qualquer maneira, nós estávamos mais próximos agora, e ele era a única coisa que eu tinha até nós voltarmos.

— Não. Pelo menos não mais do que eu estou usando-o. Eu tinha dito isso? Eu tinha pensado isso? Quer dizer, eu também não fui santa em nada disso. Eu queria Gage, mas eu realmente entendia esses sentimentos? Eu estava pronto para transformar as coisas em algo real?



Hunter riu. — Entendo.

— Mas eu me preocupo com ele, e ele se preocupa comigo.

— E o cuidado é suficiente?

— Sim. — Pelo menos por agora.

— Você merece mais do que carinho.

— Você quer dizer amor?

Eu não tinha certeza do porque eu estava falando com Hunter. Talvez fosse a hora tardia ou a realidade de que eu nunca mais veria esse homem.

— Amor, paixão, completa adoração. Você é uma garota única. Há algo mais para você do que mostra na superfície.

— Você terminou de me analisar?

— Você acabou de ter medo de mim?

— Sim.

Se ele ia me machucar, ele já teria feito isso, mas eu estava definitivamente pronta para sair de sua casa.

— Então eu vou deixar você. Durma bem. Ele se levantou e desligou a lâmpada.

— Não é bom dormir com as luzes acesas. Ele fechou a porta atrás dele deixando-me na escuridão. Apenas a luz do fogo fornecia qualquer iluminação.

Hunter tornou ainda mais difícil para eu dormir. Fiquei pensando em Gage, sobre o que significávamos um para o outro, e decidi que não me importava. Eu não ia analisar demais as coisas. Eu também decidi que precisava dele. Esperei o máximo que pude, esperando que Hunter tivesse voltado para a cama.



Saí do meu quarto e desci as escadas escuras. Havia um leve brilho de luar vindo através de uma janela, mas fora isso era escuro como breu.

Eu senti meu caminho ao longo do corrimão. Uma vez lá embaixo, a luz do fogo foi o suficiente para me ajudar a ir até onde Gage estava dormindo no sofá. Eu escorreguei debaixo de seus cobertores.

— Mary Anne. — Ele murmurou meu nome quando ele me puxou para perto.

— Sou eu. — Eu me aconcheguei ao seu lado.

— Temos que sair daqui, — sussurrou Gage. Ele estava mais acordado do que eu pensava inicialmente.

— Eu sei. Algo está errado com essas pessoas.

— Eu ouvi alguns dos caras conversando. Estamos a apenas dezesseis quilômetros de uma cidade pequena. Nós podemos andar isso.

— Eu andaria cem se isso significasse chegar em casa.

Ele apertou minha mão. — Eu vou te levar para casa.

— Eu vou te levar para casa também. — Fechei os olhos, facilmente adormecendo em seus braços agora familiares.

Meus olhos se abriram. Eu estendi meus braços, surpresa por encontrar muito espaço. Esta não era a minha cama do dormitório.

Em um borrão, tudo voltou para mim. Eu estava na cama de hóspedes na casa de Hunter. Mas por que eu estava de volta naquele quarto? Eu tinha certeza que tinha adormecido no sofá com Gage.



O fogo estava completamente apagado e o quarto estava frio quando saí da cama. Como eu tinha voltado? Não havia como Gage me levar até o andar de cima, o que só deixava uma possibilidade. Hunter. E essa possibilidade me assustou. Ele parecia um pouco normal quando conversamos, mas fisicamente me remover dos braços de Gage sem que eu soubesse? Nós tínhamos que sair de lá.

Eu puxei o suéter de volta antes de usar o banheiro e correndo para baixo. Minhas botas ainda estavam um pouco úmidas, então eu as carreguei em vez de vesti-las.

Eu encontrei Gage sentado no sofá. Antes de chegar a ele, ele acenou para o lado e eu percebi que ele estava me dizendo para me virar.

Eu relutantemente fiz exatamente isso, sabendo exatamente quem estava esperando.

— Mary Anne? — Hunter me assistiu com diversão.

— Sim? — Eu forcei um sorriso no meu rosto.

— Você dormiu bem?

— Sim, obrigada. Eu dormi maravilhosamente.

— É uma cama confortável, não é? — Ele me observou com cuidado.

— Muito confortável, mas o calor foi a parte mais importante.

— Estou feliz por ter verificado seu fogo então. Hoje à noite vou assisti-lo mais de perto.

— Isso não será necessário. Além disso, não parece que está aceso lá? — Passar outra noite nesse lugar não estava nos cartões.



Ele cruzou os braços.

— Sim, mas há uma camada sólida de gelo no topo da neve. Não podemos tirar os caminhões.

— Eu realmente preciso de um telefone para ligar para meus pais, então acho que podemos apenas andar. Nós podemos pagar pelas roupas.

— Andar? Para a cidade? Neste tempo? A mandíbula de Hunter se apertou.

— Não é impossível

Gage pulou dentro

— Com a roupa certa e equipamentos é factível.

— Absolutamente não. Podemos tentar começar a cavar mais tarde nesta manhã, mas vai ser pelo menos mais uma noite.

— Eu não acho que você entende. — Gage entrou na minha frente. — Estamos saindo hoje.

— E eu não acho que você entende. — Hunter empurrou um dedo no peito de Gage. — Eu não vou deixar Mary Anne congelar até a morte. Eu não vou permitir isso.

— E você acha que eu faria? Ela vai ficar bem. Eu vou cuidar dela.

— Cuidar dela? Não foi você quem a deixou encalhada na neve?

Eu tive que intervir.

— Não foi culpa de Gage, e eu posso cuidar de mim mesma. Hunter me deu uma expressão de pena.

— Tanto quanto eu aprecio sua força, você não entende o perigo.



— Eu sei tudo sobre congelamento e hipotermia, nós vamos ficar bem.

— Não é apenas o frio. — Ele olhou pela janela.

— O que é que isso quer dizer? — Eu coloquei a mão no meu quadril.

— Isso significa que você vai ficar aqui esta noite.

Eu me endireitei para me fazer parecer mais alta.

— Você não pode nos obrigar.

— Eu não posso? Os olhos de Hunter se fixaram nos meus.

— Esta é a minha casa.

— E nós podemos deixar. Gage acenou para mim.

— Vamos lá, Mary Anne.

— Chet, Falcon e Marni, venham aqui por favor? Gage grunhiu.

— O que eles têm a ver com alguma coisa?

Todos os três entraram. Chet ficou na frente dos outros dois.

— O que foi, Hunter?

— Gage e Mary Anne parecem interessados em sair.

— Agora? — Marni descansou o queixo em seu punho.

— Vocês estão loucos?

— Parece que não estamos sendo bons anfitriões.

— Isso não tem nada a ver. Agradecemos tudo o que você fez, mas precisamos ter contato com nossas famílias e chegar em casa. Eu duvidava que ele estivesse ofendido, mas tentei andar com cuidado.

— Mary Anne? — O rosto de Hunter se suavizou.



— Sim?

— Eu vou lhe dar duas escolhas.

— Não. Você não está dando a ela nenhuma escolha.

Gage agarrou meu braço.

— Estamos indo embora.

Eu me virei para a porta, mas fui puxada de volta para o peito de Hunter. Chet e Falcon seguraram os braços de Gage.

— Deixar não é uma das suas opções.

— O que está acontecendo? Por que você se importa se formos embora? Meu coração estava acelerado.

As coisas estavam ficando loucas.

— Você está pronta para ouvir suas opções?

Havia algo de assustador no modo como a voz de Hunter permanecia tão plana.

Suspirei.

— Está bem.

— Solte-me. Gage lutou.

— Mary Anne, eu sugiro que você diga ao seu amigo para calar a boca. Ele pode não gostar do que vai acontecer se ele continuar me interrompendo.

Eu olhei diretamente para Gage.

— Por favor.

— Ok, vamos tentar de novo. Você tem algumas opções.

— E quais são elas?

Eu decidi jogar junto. Que outra escolha nós tínhamos?

— Estou feliz que você finalmente perguntou. Ele escorregou a mão sob as costas do meu suéter e blusa enviando arrepios através do meu corpo.



— Sua primeira opção é que você e Gage permaneçam aqui. Ele concorda em se comportar e nós não o expulsamos. A outra opção é que você fique, e Gage sai de boa vontade ou não.

— Eu não vou deixar Mary Anne! Gritou Gage.

— Ok, então vamos tirar essa opção. Ou vocês dois ficam ou Gage sai sem querer.

— Essa é uma escolha fácil. Eu quero o Gage comigo.

— Justo. Agora acredito que falei errado mais cedo.

Seus lábios roçaram meu ouvido, e eu pude ouvir a respiração de Gage aumentar. Ele estava com raiva. Eu implorei a ele com os olhos para ficar calmo, não ia ajudar.

— O que você quer dizer com você errou?

— Não é só o Gage que precisa se comportar. Você precisa também.

— E o que se comportar envolve?

Eu sabia que não ia gostar de sua resposta.

— Você vai se mudar para o meu quarto.

— Que porra é essa? Você acha que vai tirar vantagem dela?

Gage lutou contra Chet e Falcon, mas eles apenas apertaram as mãos.

— Eu não vou tirar vantagem dela. Eu não vou forçar nada. Eu só preciso saber que ela está segura e aquecida. Evidentemente, ela ficou com frio ontem à noite e foi à procura de calor no lugar errado.

— Eu estou perfeitamente quente dormindo sozinha.

— Mentir para mim não conta como se comportar.



— O que acontece se eu não me comportar? Se eu me recusar a dormir no seu quarto?

— Gage sai a contragosto e não posso prometer sua segurança. Como eu disse, há sérios perigos além do frio.

— Que tal uma terceira opção?

Eu pensei rápido. Tinha que haver uma maneira de tornar as coisas toleráveis até que pudéssemos fugir.

— Nós dois ficamos e eu durmo no meu próprio quarto. Prometo não sair à noite.

— Mas isso ainda deixa você com frio.

Sua mão desceu até a minha cintura.

— A neve pode ter parado, mas a temperatura está programada para cair hoje à noite. Essa é outra razão pela qual eu simplesmente não posso deixar você sair.

Eu olhei para ele com a boca aberta. Esse cara era completamente louco.

— Então, o que vai ser?

— Por que você estava tão disposto a me deixar ficar no quarto de hóspedes há apenas alguns minutos? Você disse que verificaria o fogo.

— Eu ia dar-lhe mais uma noite para se acostumar, mas mudei de ideia. Não adianta ficar acordado a noite toda vigiando a sua porta quando eu posso ter você comigo.

— Por quê? Por que você está fazendo isso? Você rotineiramente tenta forçar as mulheres a dormir com você? Toda essa situação tinha ido de mal a pior.

— Pare de fazer parecer que vou te estuprar. Eu só estou tentando te proteger.



Me proteger? Okay, certo. Mas em vez de retroceder com o que eu queria dizer, respirei fundo. Se eu perdesse a calma, Gage também perderia, e então estaríamos em mais problemas.

— Bem. Eu tomarei essa opção.

— Adorável. E eu pensei que teria que demonstrar exatamente como faríamos Gage sair.

Eu estremei. Não havia a menor chance de ir para a cama com aquele homem. Ele era louco e eu não confiava nele. Talvez ele estivesse falando sério sobre não me forçar em nada, mas e quanto a Gage? E se eles fizessem alguma coisa para ele?

Gage assentiu levemente, deixando-me saber que ele entendia o que eu estava fazendo. Em um curto período de tempo, aprendemos tão bem os gestos um do outro que serviram como uma forma de comunicação não verbal que estava realmente se tornando útil. Era meio da manhã e tínhamos até a hora de dormir para sair da casa maluca. O problema era que, mesmo depois de sairmos da casa, ainda teríamos que chegar à próxima cidade a dez quilômetros de distância.

Hunter não nos deu um segundo sozinho o resto do dia. Ele mandou Gage para fora e insistiu que eu ficasse dentro. Quando tentei argumentar que era capaz de ajudar, ele sugeriu que eu encontrasse um livro para ler. Eu teria assumido que ele era sexista, mas Marni estava fora com o resto deles trabalhando fora. Para ser honesta, ela parecia uma das mais fortes do grupo.



Quando Gage estava dentro, Hunter garantiu que os outros também estivessem por perto. No almoço e no jantar, acabamos em lados opostos da mesa, mas ambos ficamos quietos. Se quiséssemos alguma chance de escapar, teríamos que fazer parecer que estávamos indo junto com as ideias malucas de Hunter.

Depois de outro jantar insuportável, desta vez foram hambúrgueres - também quase não cozidos, eu ajudei com os pratos antes de todos nós mudarmos para a sala de estar.

Como esperado, Hunter sentou-se ao meu lado no sofá antes que Gage pudesse. Gage parecia prestes a explodir, mas respirou fundo e sentou-se em uma poltrona à minha frente.

Marni sentou-se de pernas cruzadas no chão à minha frente.

— Devemos jogar um jogo.

— Um jogo?

Eu não tinha certeza se estava interessada em jogar qualquer jogo que essas pessoas inventassem. Marni não tinha sido nada além de agradável para nós, mas ela ainda estava disposta com o resto desses lunáticos. A menos que ela não fosse. Um pensamento horrível me atingiu. Ela tinha começado assim como eu? Ela era uma garota normal que, involuntariamente, acabou presa no lugar errado? Então eu notei ela dando a Chet esses olhares amorosos. Ela pelo menos gostava genuinamente dele.

— Claro, nós temos um monte de jogos de tabuleiro aqui.

— Marni soou estranhamente tagarela novamente.

— Jogos de tabuleiro? — Perguntou Gage.



— Como monopólio ou algo assim?

Marni assentiu. — Claro que temos Monopólio, mas você tem que deixar Chet ser o carro. Ele reclama como um bebê se ele acaba com o dedal ou algo assim.

Chet sacudiu a cabeça.

— Ignore-a. Eu nunca faço isso.

— Sim, você faz. — Semy, um dos mais quietos do grupo, acrescentou.

Estava ficando tarde. Por mais que eu não quisesse ir para a cama com Hunter, eu não poderia sair até que ele estivesse dormindo. Poderia muito bem acabar com isso.

— Eu acho que vou me deitar, mas fiquem à vontade para jogar sem mim.

— Eu estou pronto também. — Hunter endireitou-se. Evidentemente ele estava com pressa de ir dormir também.

— Vendo que vou dormir bem aqui, vou ficar acordado, mas estou bem cansado. — Gage se esticou.

Precisávamos de todos na cama antes de sairmos.

— Oh. Talvez amanhã à noite. Marni levantou-se em um movimento rápido. Eu gostaria de parecer tão graciosa quando me levantava depois de me sentar no chão.

Hunter se levantou.

— Eu vou deixar o resto de vocês se acomodarem.

Tomei minha sugestão e me levantei também.

— Boa noite.

— Boa noite, Mary Anne. Gage falou meu nome. Nenhum de nós queria que eu tivesse que entrar na cama de Hunter, mas que outra escolha nós tínhamos? Eu tive que aceitar a



palavra dele de que ele não tentaria nada. Eu gritaria como um assassinato sangrento se ele fizesse, e eu sabia que Gage viria por mim.



CAPÍTULO DOZE

MARY ANNE

Eu segui Hunter pelas escadas lentamente. Tão ansiosa quanto eu estava para sair, eu estava com medo dessa parte do plano. Ainda assim, tínhamos que ser estratégicos sobre nossa fuga. Nossa fuga, como a situação ficou tão maluca que estávamos correndo para temperaturas abaixo de zero?

O quarto de Hunter estava exposto de forma semelhante ao quarto de hóspedes. Uma grande lareira ocupava a maior parte da parede em frente à sua enorme cama, e a entrada para o que eu achava que era o banheiro estava a poucos passos de distância.

— Quando você acendeu o fogo? — Eu não tinha notado ele escapar.

— Enquanto você estava ajudando com os pratos. Eu queria ter certeza de que nosso quarto estava quente o suficiente para você hoje à noite.

Nosso quarto? Ele estava falando sério?

— Ótimo... uh ficaria tudo bem se eu pegasse um cobertor extra e dormisse no chão?

— Você é tão avessa a dormir ao meu lado?

— Eu não te conheço. Claro que sim.

— Então vou dormir no chão.



— Por que você está fazendo isso? — O plano era seguir em frente, mas eu não conseguia mais segurar as perguntas.

— Se você vai dormir no chão, então por que me fez ficar aqui?

— Eu estou tentando te manter segura.

Ele tirou a camisa da marinha, e eu desviei o olhar.

— Eu estaria segura no quarto de hóspedes.

— Mary Anne? — Ele disse meu nome tão suavemente que eu tive que me virar para olhar para ele. Eu desejei que não tivesse. Seu peito largo estava em exibição para mim, e notei que ele tinha uma pequena cicatriz no peito que combinava com a do seu rosto. Como ele conseguiu as marcas?

— Eu sei que você não vai acreditar em mim, mas eu estou tentando te manter segura. Você e Gage.

—De alguma forma, duvido que esteja preocupado com a segurança de Gage.

— Não da maneira que me preocupo com a sua, mas vou dar algum crédito ao cara. Ele está mais determinado a proteger você do que eu esperava.

— Você vai nos deixar partir amanhã?

Ele parecia mais santo no momento, e embora eu ainda planejasse sair naquela noite, parecia valer a pena tentar convencê-lo.

— Mandá-los para fora agora estaria assinando seus atestados de óbito, ou pior.

— O que é pior do que a morte? — Eu tremi. Apenas o pensamento disso mexeu comigo. Eu estava tão pronta para estar em casa.



— Você não quer saber. — Ele puxou a colcha e lençóis.

— Eu realmente não me importo de dormir no chão.

— Mas eu me importo de você fazer isso. — Ele olhou para mim com uma intensidade que me assustou.

— Eu sempre lhe darei um lugar aconchegante e confortável para dormir. Eu preferiria que estivesse ao meu lado, mas se você ainda não confia em mim, posso esperar.

— Como você pode esperar que eu confie em você?

— Por que não? Se eu fosse te machucar, não teria feito isso? Eu não teria me livrado de Gage e já tinha feito o mesmo com você?

— Talvez você tenha suas razões.

Ele deu um passo em minha direção, me apoiando na cama até que minha única escolha fosse sentar nela.

— Eu estou atraído por você, Mary Anne. Meu corpo sofre para se juntar ao seu, mas isso não significa que eu vou ouvir esse desejo. Eu posso me controlar e nunca me forçar a uma mulher. Eu tenho paciência. Ele se inclinou sobre mim, suas mãos fazendo impressões na cama em ambos os meus lados.

— Mas o que não posso controlar é minha necessidade de proteger você. Essa necessidade não é uma que pode ser afastada ou negada. Eu não posso e não vou permitir que algo aconteça com você.

— Você nem me conhece. Isso é só porque eu sou uma garota?

— Eu protegeria qualquer pessoa digna, mas eu iria mais longe por você. Você é exatamente o que eu passei anos esperando.



Agora ele estava ficando assustador novamente.

— Eu entendo que você não sai muito?

Ele riu e se moveu para ficar em pé.

— Não, eu não saio, mas não pense que minha falta de vida social tem algo a ver com o quanto sou atraído por você.

— Ouça, Hunter.

Ele sentou-se ao meu lado.

— Essa é a primeira vez que você disse meu nome.

— Oh. Parece que sim. Só acho que precisamos esclarecer algumas coisas.

— Eu já sei o que você vai dizer.

— Você sabe?

Ele assentiu.

— Você estava prestes a me dizer que eu sou um homem atraente, mas você não está interessada. Você tem um namorado e só quer ir para casa.

— Como você sabia?

Ou ele era perspicaz ou podia ler minha mente. Eu realmente esperava que fosse o primeiro.

— Está escrito em todo o seu rosto. Ele se levantou e colocou a mão debaixo de mim, me movendo tanto que eu estava debaixo das cobertas.

— Mas essa atração vai crescer dado algum tempo.

— Eu vou embora amanhã, Hunter.

Ele beijou minha testa.

— Se for seguro. Ele puxou um cobertor extra sobre mim.

— Eu gostaria que você me deixasse te aquecer, mas se eu não posso pelo menos você tem cobertores suficientes.



Se o cara não fosse louco, ele poderia ser considerado doce.

Deitou-se no chão de madeira em frente à porta.

— Você pode desligar a lâmpada de cabeceira quando estiver pronta.

O quê? Ele ia dormir no chão? Sem cobertores? E na frente da porta? Essa era a pior parte. Não havia como eu conseguir sair sem acordá-lo. Eu desliguei a lâmpada para que eu pudesse me dar a privacidade da escuridão para planejar.

— Boa noite.

— Boa noite, Mary Anne.

Eu me deitei na escuridão pensando em Gage e minha família. Eu assisti a cintilação do fogo e imaginei todas as tradições estúpidas de férias que eu nunca tomaria como garantidas novamente. Pensei em ir para casa e tomei uma decisão arriscada.

— Hunter?

— Sim? — Ele falou do chão.

— Eu mudei de ideia.

— Sobre?

— Está frio.

— Você quer mais cobertores?

Ele se levantou, seu peito nu iluminado à luz do fogo.

— Não. Eu quero você mais perto.

— Você quer que eu deite ao seu lado?

Havia tanta esperança em sua voz. Apesar de quão assustador ele era, me senti mal jogando com ele dessa maneira, mas não tive escolha.



— Sim, mas eu não estou interessada em fazer nada.

Ele se aproximou e puxou os cobertores do outro lado da cama.

— Eu já assegurei que não tentaria nada.

— Por favor, lembre-se disso.

— Mas eu não posso te manter aquecida deste lado da cama. Ele rolou para o lado e olhou para mim.

— Você se incomodaria se eu me aproximasse?

— Não muito perto.

— Você gostaria de dormir em meus braços, Mary Anne.

Ele se aproximou.

— Você estaria quente e segura. Você sentiria e ouviria o meu batimento cardíaco, lembrando que você não está sozinha. Nunca sozinha.

Suas palavras eram sedutoras, como se estivessem sendo entremeadas em uma canção de ninar. Meus olhos piscaram. De repente eu estava tão cansada.

— Não há nada para se preocupar quando você está comigo, Mary Anne. Você está segura. Ele se aproximou mais.

— Eu não posso. Gage.

Eu estava tão cansada que mal conseguia pronunciar as palavras.

— Ele não é realmente seu namorado. Ele disse isso como uma declaração.

— Sim ele é.

— Shh. Mary Anne, eu sei. Eu posso dizer. Você se entregou a ele e agora não sabe o que acontece. Eu já te disse



que ele está te usando, e você admitiu que estava fazendo o mesmo.

— Eu não admiti. Por que era tão difícil falar? Tudo que eu queria fazer era ir dormir.

— Sim, você fez. Eu meio que tenho esse efeito nas pessoas. Eu os ajudo a perceber o que seu subconsciente está tentando lhes dizer.

— O que meu subconsciente me dizendo agora?

— Você está assustada. Você está com medo de como vai chegar em casa. Você está com medo do que vai acontecer com Gage, mas ainda mais do que isso, você tem medo de como eu me sinto. Você não entende como você pode ter sentimentos por mim quando finalmente tem o homem que você queria há anos.

— Não. Eu não estava pensando nisso. — Mas eu estava pensando em todas as outras coisas. Como ele sabia tanto sobre o que eu estava pensando? Eu não poderia ser tão fácil de ler.

— Seu subconsciente pensou.

Ele tocou minha testa.

— E a resposta é que você realmente não o tem. É temporário. Não seria temporário comigo. Você sempre estaria protegida e aquecida. Ele passou a mão pelo meu braço.

— Você também seria querida. Seu corpo adorado e amado. Todas as suas necessidades e desejos se realizariam porque os conheço melhor do que você mesmo.

— Pare.

— Parar o quê? Deixando você saber que há opções?



— Eu preciso dormir.

— Então durma. Podemos conversar mais sobre isso amanhã à noite.

— Eu não estarei aqui amanhã à noite.

— Sim, você vai, — ele sussurrou, seus lábios bem ao meu ouvido.

Eu rolei, não confiando no efeito que ele tinha em mim, e olhei para a parede. Eu precisava sair de lá. Rápido.

Eu acordei com um sobressalto, lembrando exatamente onde eu estava e quem estava deitado ao meu lado. O braço de Hunter estava colocado sobre mim enquanto eu estava deitada de lado. Eu tentei dar de ombros, mas não se mexeu. Tanto para uma saída fácil.

Tentei novamente com cuidado e ele se mexeu.

— Eu lhe disse para não sair. Eu implorei a você para não fazer - disse ele em um sussurro.

Eu segurei minha respiração.

— Você deveria ter ficado. — Sua voz soou mais fraca desta vez. Ele estava dormindo?

— Fique— ele murmurou contra o meu cabelo.

Ele estava definitivamente dormindo. Ele estava falando de mim? Seu medo da minha segurança realmente transcendeu em seus sonhos?

Eu não consegui pensar nisso por muito tempo. Eu me empurrei contra o braço dele pela terceira vez, e desta vez eu consegui sair de debaixo dele. Ele murmurou novamente antes de rolar. Ufa!



Esperei alguns instantes para ter certeza de que ele estava realmente dormindo antes de sair da cama. Tão silenciosamente quanto possível eu vesti meu suéter e calça - eu estava com meu jeans de volta. Eu deixei meu casaco e botas no andar de baixo.

No meio da escada eu colidi com um corpo. Meu peito se apertou.

— Sou só eu.

Eu relaxei quando ouvi a voz de Gage.

— Obrigada, Senhor.

Nós descemos as escadas apressadamente. Gage me entregou meu casaco. Eu fechei tudo antes de puxar minhas botas.

— Estamos prontos?

— Sim. Vamos fazer isso.

O chão ainda estava coberto por pelo menos 30 centímetros de neve, e Hunter estava certo sobre a camada de gelo. Pelo menos era mais fácil andar desde que minhas botas não afundaram tanto.

Os primeiros passos hesitantes pelo o chão congelado foram lentos, mas depois aumentamos o ritmo, determinados a sair da propriedade de Hunter antes que ele percebesse que eu estava desaparecida. O vento aumentou mais quando nos movemos, e o efeito fez a neve soprar ao nosso redor.

Nós estávamos chegando perto da estrada. Nós tínhamos que estar. Chegar à estrada seria apenas o começo de uma jornada de um dia inteiro, mas era mais fácil me iludir pensando que era o objetivo.



A mão de Gage permaneceu enrolada em volta da minha. Mesmo através de nossas luvas, o contato proporcionou conforto. Apesar das dúvidas que Hunter tentou colocar na minha cabeça, eu sabia que havia mais entre nós do que sexo. Os sentimentos de Gage por mim eram mais do que isso, e os meus também. Foi uma loucura quanto mudou entre nós em poucos dias. Eu acho que circunstâncias extremas podem fazer isso para as pessoas.

Um único uivo me fez parar.

— Os lobos!

— Vamos esperar que eles estejam mais distantes do que parecem. Gage apertou sua mão e me puxou para frente.

Mais três uivos encheram a noite.

— Eles soam mais perto.

Pegamos o ritmo e eu dei uma olhada atrás de mim. Isso foi um erro. Vários grandes lobos cinzentos apareceram.

— Corre!

Gage não precisou ser informado duas vezes. Ele começou a correr sem soltar a minha mão.

Corri o mais rápido possível sobre a neve congelada, mas não chegamos longe antes que os lobos comessem a circular em torno de nós.

— Oh, meu deus. — As coisas poderiam ficar piores?

— Você tem que correr para longe daqui. A voz de Gage estremeceu.

— Eles vão nos matar.

— Eu não vou te deixar. — Eu tentei ficar forte, e mantive meus olhos fixos nos lobos. Havia cinco deles. Todos eles eram



enormes, muito maiores do que qualquer lobo que eu já tinha visto antes, mas um deles era ainda maior e tinha uma grande faixa prateada descendo pelas costas. Aquele lobo parecia estar olhando diretamente para mim.

— Eu vou distraí-los. Você corre. Eu vou atrás.

Eu avistei uma abertura ao lado de um dos menores dos lobos e fui em frente. Eu não andei muito antes de um dos lobos pisar na minha frente. Eu congelei, paralisada de medo antes de minhas pernas serem derrubadas debaixo de mim. De repente, eu estava deitada na neve com um lobo gigante pairando sobre mim.

— Estamos fodidos. — Gage expressou exatamente o que eu estava pensando.

O lobo raiado de prata olhou para mim. Seus olhos brilhantes, quase entediados, nos meus. Eu realmente iria morrer como comida meio congelada para um animal selvagem gigante?

Então as coisas ficaram nebulosas e o ar pareceu zumbir. Momentos depois, não era um lobo em cima de mim, era um homem. Um homem completamente nu com uma leve cicatriz no rosto.

— O que diabos?

Eu tentei sair correndo, mas Hunter não se moveu. Suas partes muito expostas quase me tocaram. Eu não queria notar seu tamanho, mas eu fiz. Ele era enorme. Ele também não parecia remotamente preocupado com o frio.

Seus lábios roçaram meu ouvido.

— Você estava indo para algum lugar?



Sua voz saiu arranhada, e seus olhos não deixaram meu rosto.

— Sim. Estamos dando o fora deste lugar.

Gage parecia confiante. Fiquei impressionada. Eu mal conseguia respirar. Então, novamente, talvez ele não tivesse um homem nu e gigante quase em cima dele.

— Eu não estava falando com você. Eu estava falando com ela.

Eu tentei me virar para olhar para Gage, mas Hunter capturou meu queixo e me fez olhar de volta para ele.

— Comigo?

Minha voz não soou como a minha. Era instável e baixa.

— Sim. Eu pensei que nós tínhamos um acordo, Mary Anne?

Eu tentei ficar calma. Talvez eu tenha imaginado a parte do lobo. Mas então por que ele estava pelado?

— Nós estávamos apenas indo para uma caminhada. Eu estava tendo problemas para dormir. Eu tive que tentar.

— Tenho certeza que é o que você estava fazendo. Hunter balançou a cabeça.

— Se eu fosse você, não tentaria isso de novo. Eu não me dou bem em perder algo meu.

Em um movimento rápido, ele me pegou e me jogou por cima do ombro.

Eu lutei contra ele.

— Coloque-me no chão!

— Coloque-a para baixo, idiota! Agora de volta em seus pés, Gage gritou.



Eu olhei a tempo para vê-lo cair na neve. Alguém deve ter dado um soco nele. Quando olhei ao redor, percebi que Hunter não era o único nu.

— O que você quer com a gente? Bati contra as costas nuas de Hunter.

— É você que eu quero, mas agora Gage já viu demais. Eu estou supondo que você preferiria mantê-lo por perto?

— Não o machuque. As lágrimas começaram quando Hunter me levou de volta para a casa.

— Por favor, traga-o para dentro. Eu prometo que farei o que você disser.

— Tenha cuidado com o tipo de promessas que você faz. A voz de Hunter estava rouca.

— Você tem sorte de eu não planejar te segurar nisso.

— Você disse que sou eu quem você quer. O que você quer comigo?

Meu instinto me disse que era mais do que o óbvio, sexo. Ele poderia ter tido isso já.

Ele deu um tapinha na minha bunda.

— Você está prestes a descobrir.



CAPÍTULO TREZE

GAGE

Nós estávamos mortos. Quando o carro saiu da estrada, morremos. Não havia outra explicação para os homens-lobo nus. Eu permaneci esparramado na neve onde eles me deixaram. Baseado no sexo com Mary Anne, eu teria pensado que estávamos no céu, mas considerando os lobos, tínhamos de estar no inferno. Talvez o sexo no carro fosse mais como um teste. Um purgatório de algum tipo. Algo irresistível tinha sido pendurado na minha frente, algo que eu não deveria ter, e não resisti. Eu não resisti em tudo.

— Você está ouvindo? — Uma mulher gritou.

— Não. — Se isso era o inferno, ela provavelmente sabia o que eu estava pensando.

Eu fui agradecido pela minha honestidade por um tapa no meu rosto. Marni, claro que ela era a única deles que não estava parada nua na frente de nós. Apenas minha sorte. Não que eu estivesse ansioso para ver ninguém além de Mary Anne nua, mas eu já estava no Inferno, poderia muito bem aproveitar ao máximo.

— Eu sugiro que você ouça.

Ela acenou para onde Hunter tinha Mary Anne pendurada em suas costas. Presumi que os outros lobos já haviam voltado para a casa porque eu não os via em nenhum



lugar. Eu levantei como um começo. Morto ou não, eu não a deixaria com ele.

Eu corri de volta pela neve até a casa. Eu fiquei esperando alguém me parar, mas ninguém fez. Eu acho que eles estavam confiantes de que eu não iria longe. Eu era rápido, mas não podia fugir de um lobo. Eu também não deixaria Mary Anne para trás. Isso era no que eles provavelmente estavam apostando.

Dentro Hunter colocou uma calça e fez Mary Anne se pressionar firmemente contra o peito dele. Ela parecia tudo menos confortável. Pelo menos ele estava perto do fogo. Se ela tivesse que estar perto do monstro, ela também poderia estar quente.

Eu dei dois passos em direção a ela quando meus braços foram agarrados por trás. Eu acho que o exercício de confiança acabou.

— Que diabos são vocês?

— Não é óbvio? Chet sorriu. Ele estava gostando muito da situação.

— Lobisomens? A voz de Mary Anne vacilou.

— Vocês são lobisomens?

— Nós não usamos esse nome. Hunter ajustou a mão ao redor de sua cintura. Eu queria bater nos braços dele. Este monstro estava tocando nela.

Mary Anne se mexeu desconfortavelmente.

— Mas eu não estava imaginando coisas. Vocês eram lobos.



— Sim, — sussurrou Hunter em seu ouvido, mas sua voz permaneceu alta o suficiente para eu ouvir.

— O que você acha disso?

Ela suspirou. — Acho que perdi a cabeça.

— Acho que estamos mortos, mas não consigo imaginar como Mary Anne acabou no inferno. Ela é muito doce para isso. Eu a observei melancolicamente.

— Você não está morto, — Hunter retrucou. — Eu lhe asseguro, você está completamente vivo.

— Mas vocês são homens-lobos. — O rosto de Mary Anne estava completamente esgotado de cor. Ela estava entrando em choque.

Hunter estreitou seu aperto.

— Você pode nos chamar de Weres por enquanto.

— Por enquanto? Ela perguntou tremulamente.

— Eu não vou entrar em mais detalhes até que eu saiba que posso confiar em você.

Eu ri secamente.

— Se não estamos mortos, e você é realmente *Weres* — acentuei a palavra para mostrar que eu estava tentando jogar junto. — O que você quer com a gente?

— Mary Anne já fez essa pergunta.

— E a sua resposta? Ela perguntou, sua voz um pouco mais forte.

— Estamos mantendo você segura.

Desta vez foi Mary Anne quem riu.



— Mantendo-me segura? Eu fui sequestrada por um bando de lobos e você está me dizendo que é para minha segurança?

— Você não tem ideia do que está lá fora.

— O que há lá fora? — Eu ri.

— Você vai fingir que há algo pior do que vocês?

— Se quiséssemos ferir vocês, nós teríamos. Os olhos de Hunter se fixaram nos meus.

— Não, você só quer nos manter contra a nossa vontade e manter a minha namorada em sua cama. Senti minha raiva prestes a explodir. — Eu não chamaria isso de amistoso.

— Isso é amistoso. Você não quer ver como ficamos quando não somos amigáveis. Falcon fez uma careta.

— Por favor, deixe-nos ir embora. — Mary Anne começou a tremer. Eu precisava chegar até ela.

Eu lutei contra o Semy.

— Está tudo bem. — Hunter a virou em seus braços. — Eu não vou deixar nada acontecer com você.

— Corte a porcaria. — Eu não ia ficar lá apenas e ouvi-lo falar com ela como se ele fosse um herói esquisito.

— Ela sabe exatamente o que você é. Ela não quer um *lobo*.

— E ela quer você então? Ele me olhou por cima da cabeça.

— Sim. Mary Anne respondeu.

Ele a ignorou. — Você acha que ela quer um homem que a esteja usando?



— Ah, e você vai tratá-la como uma porra de princesa então? Você quer viver uma fantasia de 'A Bela e a Fera'? É isso? Bem, ela pode ser uma beleza, mas ela não é sua.

— Nada disso é real. — Mary Anne falou suavemente.

— Não há homens que possam se transformar em lobos. Talvez você esteja certo, Gage. Estamos mortos. Ou talvez eu esteja em coma, ou estou sendo medicada com analgésicos. O acidente foi pior do que pensávamos.

— Ainda me recuso a acreditar que você estaria no inferno, mas poderíamos ter imaginado coisa de lobo.

— Imaginado? Hunter virou-se para Mary Anne.

— Chet, mostre-os. Chet tirou as calças.

— Ah não. Por favor, eu já vi o suficiente.

Eu olhei para longe de seu pau, mas não precisei me preocupar por muito tempo. Um segundo depois, o ar zumbiu, e ele se transformou em um gigante lobo cinzento.

Mary Anne choramingou.

Hunter moveu uma mão para o ombro dela.

— Você precisa se acostumar conosco em nossa forma animal.

— Ela precisa de uma bebida. Marni levantou-se de onde ela estava sentada no braço do sofá.

— Talvez todos nós façamos.

— Uma bebida? — Eu perguntei incrédulo

— Você quer que nós aceitemos uma bebida de você?

— Você já comeu nossa comida por alguns dias.

Chet havia se transformado novamente. Felizmente ele colocou as calças de volta antes de falar.



— Eu preciso me deitar. Mary Anne piscou algumas vezes.

Eu lutei contra o Semi. Eu precisava chegar até ela.

— Você pode se deitar. — Hunter a pegou nos braços e a deitou no sofá.

— Uma bebida pode ajudar seus nervos embora. Há algo em particular que você gosta?

Mary Anne sacudiu a cabeça.

— Eu não tenho vinte e um anos.

A sala inteira riu. Eu sorri. Eu não pude evitar. Em um momento como esse, Mary Anne estava preocupada em ser menor de idade.

Irritante o suficiente, Hunter sorriu também.

— Está tudo bem. Nenhuma identificação é necessária. Mary Anne não estava rindo ou sorrindo.

— Eu quero Gage.

Hunter parecia ter sido ferido.

— Eu não acho que seja uma boa ideia.

— Por que não? Eu cuspi fora.

— Você continua dizendo que quer protegê-la. Por que não dar a ela o que ela quer também?

— Porque o que alguém quer pode não ser o que eles precisam. O que, ele era um filósofo agora também?

— Eu preciso dele. Sua voz implorou.

— Não! — Hunter balançou a cabeça.

— É melhor que vocês dois se acostumem a ficar separados.



— E me diga, Hunter. Por que precisamos nos acostumar com isso?

— Porque vocês não ficarão juntos.

— Isso é um fato? Eu desafiei.

— E deixe-me adivinhar, ela vai estar com você agora? Porque ela precisa de você, mesmo que ela não queira você?

— Ela me quer.

— Não, ela não quer. — Ele fez uma careta.

— Ela quer. Ela simplesmente não está pronta para admitir isso ainda.

— E se eu não estiver bem com isso? Eu lutei contra Semi novamente.

— Você vai me expulsar?

— Expulsar você? — Ele zombou.

— Você sabe o que somos. Nós não podemos fazer isso. Ou nós te guardamos ou te matamos.

— E como você vai decidir o que fazer? — Eu não ia agir como um submisso. Isso só pioraria as coisas.

— Tudo depende dela. Ele passou a mão pelo cabelo de Mary Anne.

— Eu quero ele aqui. Eu preciso dele aqui. Mary Anne colocou os braços em volta de si mesma. Eu desejei que fossem meus braços em volta dela.

— Eu vou mantê-lo por perto para você. Considere isso como um presente.

— Eu só quero ir para casa. Lágrimas escorriam pelo seu rosto, e eu lutei contra o meu captor novamente, mesmo sabendo que o esforço era inútil.



— Vamos todos tomar uma bebida e conversar sobre as coisas. Marni dirigiu-se para a cozinha.

— Scotch está ok para vocês?

— Scotch? Vocês bebem uísque? Quando pensei em uísque, pensei em pessoas ricas e mimadas, não lobos.

— Há algo surpreendente sobre isso? Ela perguntou com um rosto completamente sério.

Eu não conseguia ler a garota. E ela era uma loba também? Ou ela era outra vítima inocente que sofreu lavagem cerebral para ficar com eles? Então um pensamento assustador me atingiu. Essa seria Mary Anne. Mary Anne seria a pessoa que faria algo que Hunter dizia.

Eu estremeci.

Marni deu um tapinha no meu ombro.

— Sim, você precisa de uma bebida.

Eu balancei a cabeça, não tenho certeza do que mais fazer. Morto ou vivo, em coma ou drogado, nossa situação era uma droga. Se houvesse alguma chance de que isso fosse real, eu teria que lutar por Mary Anne. Eu devia a ela levá-la para casa. Talvez este tenha sido outro teste. Se eu pudesse salvar Mary Anne, eu me redimiria. De qualquer forma, eu faria isso. No tempo que passamos juntos, eu já havia percebido algo. Eu me importava com ela. Eu a protegeria com a minha vida se eu também tivesse, e tive um sentimento de que poderia ser exatamente o que seria necessário.



CAPÍTULO QUATORZE

MARY ANNE

Bebendo uísque com lobos. Isso soava mais como um filme ou título de livro do que uma vinheta real da minha vida, mas de alguma forma eu estava sentada em um sofá gasto com um copo de líquido marrom na minha mão.

— Você não está acostumado a beber licor puro, não é?

Hunter sentou-se no sofá ao meu lado. Ele deixou tão pouco espaço que sua coxa tocava a minha. Eu engoli mais scotch. Eu provavelmente não deveria estar bebendo, mas eu estava muito assustada para me importar.

— Não exatamente. Eu nem costumo beber cerveja. Eu passei de um estado de choque para uma leve aceitação. Eu estava provavelmente alucinando ou inconsciente, então decidi ir junto o suficiente para facilitar as coisas.

Hunter descansou um braço atrás de mim no sofá.

— O que você prefere beber? Eu posso conseguir o que você quiser.

— Está bem. Pare. Tentei fugir dele.

— Supondo que eu esteja acordada e viva, e vocês são realmente lobos, por que você estaria preocupado em conseguir o que eu gosto de beber?

Ele se inclinou para perto o suficiente para que eu pudesse sentir seu hálito quente no meu rosto.



— Porque eu pretendo cumprir todos os seus desejos.

Nova possibilidade. Eu estava prestes a ter meu primeiro sonho sexual não-Gage?

— Isso não será necessário. Seus desejos são bem cuidados — Gage interrompeu. Sonho sexual ou não, Gage ainda estava lá.

— Oh, então você é um especialista em Mary Anne então?
— Hunter se virou para ele.

— Do que ela gosta?

— Sim, — ele respondeu confiante. Apesar de tudo, Gage ainda tinha isso. O olhar de Hunter não vacilou.

— O que ela bebe?

— Uh, coisa feminina.

— Isso é verdade, Mary Anne? — Hunter virou seu corpo, então eu estava efetivamente presa contra o braço do sofá.

— Às vezes. — O vinho era o meu favorito, mas guardei essa parte para mim mesmo.

— Diga a verdade, Mary Anne. — Como Hunter sabia o que eu estava realmente pensando?

— Eu gosto de bebidas femininas, mas também gosto de vinho.

— Nós temos um pouco de vinho no porão. — Marni tomou um gole de sua bebida

— Quer que eu pegue um pouco?

— Não. Tudo bem. Eu definitivamente não precisava de mais álcool no meu sistema.

— Você está pronta para voltar para a cama, então?
Hunter colocou de lado o copo vazio na mesa de café. Lobos



com uma mesa de café. Por alguma razão, isso pareceu engraçado. Eu comecei a rir. Eu quero dizer realmente rir. Eu quase caí do sofá. Depois de toda a loucura, eu me perdi completamente.

— Você está bem? Hunter colocou as mãos no meu braço.

— Você está doente?

— Não. Eu tentei parar de rir o suficiente para falar. — Eu estou apenas. Eu estou apenas assim, eu não sei.

— Você precisa dormir. Sua mão se moveu em volta de mim como se quisesse me pegar.

— Ela não vai a lugar algum com você. Você acha que ela só vai deixar você levá-la? Gage não estava rindo.

— Que escolha ela tem? As mãos de Hunter se apertaram ao meu redor.

— Algum de vocês tem alguma escolha?

Suas palavras afundaram. Não tínhamos escolha. Nenhum controle. Ainda assim, eu tive que tentar.

— Por favor, posso dormir sozinha?

— Não. Ele balançou a cabeça. — Mas prometo respeitar suas decisões em qualquer outra coisa.

Gage riu secamente de novo.

— Sim, o cavalheiro lobisomem.

Chet deu um soco nele.

— Ugh— Gage grunhiu.

Chet ficou de pé sobre ele.

— Nós dissemos para não nos chamar assim.

Eu tirei as mãos de Hunter de cima de mim e fui até onde Gage estava sentado no chão. Pelo menos ele se sentou.



— Considerando o que passamos, acho que você pode dar um tempo a ele.

Hunter colocou a mão no meu ombro.

— Venha para a cama, Mary Anne. Chet e Falcon cuidarão dele.

— Cuidar dele? Você quer dizer machucá-lo? Não. Eu não vou apenas subir as escadas com você. Eu já tinha feito isso antes, e não tinha me levado tão longe.

— O que você sugere? Eu dou a ele o quarto de hóspedes? Hunter se levantou, me puxando para ficar com ele.

— Por que não?

— Eu não posso confiar nele.

— Em outras palavras, você não o quer perto de mim.

Antes que Hunter pudesse responder, Marni entrou.

— Eu posso observá-lo. Eu não me importo.

Sua oferta rápida me incomodou. Ela alegou estar com Chet, mas ela estava interessada em Gage? Eu não gostei da ideia de ela passar a noite no mesmo quarto com ele.

Chet rosnou.

— Eu também vou. Evidentemente ele não gostou do pensamento também.

— Não é muito de um quarto de hóspedes se ele está compartilhando com duas pessoas... quero dizer, Were ou lobos. Então um pensamento me ocorreu.

— Você é um lobo, Marni?

Ela sorriu. — Sim. Você duvidou?

— Eu não sabia. Você é a única garota aqui.

— Não mais a única. Ela sorriu ainda maior.



— Finalmente, uma pausa de toda a testosterona.

— Não vamos ficar. Gage e eu dissemos ao mesmo tempo.

Hunter retornou à linha anterior de conversa, ignorando nossa declaração.

— Ele não fica no quarto de hóspedes; ele fica com Chet.

— Então eu não estou dormindo com você. Eu cruzei meus braços. Talvez fingir que eu tinha poder realmente me daria um pouco. Eu sabia que não era provável, mas Hunter continuou dizendo que queria me dar o que eu queria.

— Sim você está.

— Não.

— Eu já expliquei a você que ele é dispensável. Hunter se inclinou para perto. — Completamente dispensável se ele ficar no meu caminho.

Eu estremei.

— Então deixe-o ir. Ele não vai contar. Eu não queria que Gage soubesse, mas ele estaria em segurança e então Hunter não seguraria Gage sobre minha cabeça. Gage diria. Eu tinha que acreditar que ele faria. Seus sentimentos por mim de lado, ele não me deixaria apodrecer nessa casa maluca.

Hunter riu.

— Como se isso fosse acontecer. Vamos voltar para a cama. Apesar dos meus protestos, ele me pegou de novo e me jogou sobre os ombros. A sério?

— Ponha ela no chão, caralho! O grito de Gage me levou a socar e chutar as costas de Hunter com todas as minhas forças.



— Eu diria a seu amigo para seguir ordens. Às vezes os meus homens não conhecem a sua própria força. A voz de Hunter tinha uma vantagem que não existia há um momento. Ele estava perdendo sua paciência. A minha tinha sido perdida horas antes.

— Pare com isso! Pare com isso! Ainda não sei o que está acontecendo, mas não gosto disso.

— O que você não entende? Hunter perguntou sem me colocar no chão.

— Por favor, me coloque para baixo. Eu não conseguia me concentrar com o sangue correndo para a minha cabeça. Eu já estava tonta e ele estava piorando muito.

Surpreendentemente, ele ouviu.

De volta aos meus pés, tentei empacá-lo. Qualquer coisa para adiar a saída de Gage.

— Então estamos vivos? Isso não é um sonho?

— É real, mas se fosse um sonho eu estaria dizendo a mesma coisa, não estaria? Hunter estava tentando mexer comigo?

— Sim...

— Próxima questão.

— E você é realmente lobo? Eu olhei ao redor de Hunter para Gage. Eu queria ele. Eu precisava dele.

Chet suspirou.

— Eu não estou mudando novamente para provar isso.

— Por favor, não faça isso. Gage provavelmente esperava evitar vê-lo nu novamente.

— E nós não estamos autorizados a sair?



— Eu pensei que você fosse uma garota inteligente. Falcon zombou. Eu notei ele me checando mais cedo. Eu preferia o desprezo ao olhar de cobiça.

— Eu sou... mais ou menos, mas isso não tem nada a ver com acreditar no impossível. A parte racional de mim lutava para aceitar isso. Tinha que haver outra explicação.

Eu bocejei. Exaustão e álcool me alcançaram. Eu estava pronta para cair.

Hunter me firmou antes que eu pudesse cair.

— Não vamos resolver nada esta noite e você precisa descansar. Você dorme na minha cama. Gage pode pegar o quarto. Todo mundo vai dormir em turnos.

— Onde você vai dormir? Eu perguntei com hesitação. Eu não podia aguentar ir para a cama com ele novamente. Mesmo se eu acreditasse que ele ficaria do seu lado, eu ainda não gostava de me deitar debaixo dos mesmos lençóis com um cara que não era humano. Honestamente, humano ou não, eu não queria me deitar com ninguém além de Gage.

Ele me observou como se estivesse tentando descobrir o que eu estava pensando. Não havia como ele ler mentes. Se ele tivesse sido capaz, ele teria previsto nossa tentativa de fuga. Ele deve ter sido muito perspicaz e bom em ler expressões faciais.

— Vou dormir no chão como fiz ontem à noite. Com base no que você fez anteriormente, é mais seguro para todos nós assim.

Eu assenti. Que outra escolha eu tenho? Como ele enfatizou anteriormente, não havia nada que pudéssemos



fazer. Estávamos completamente à sua mercê e isso me apavorava. Mas isso não significava que eu estava desistindo.

— Você promete que Gage estará seguro? Eu sabia que sua palavra não poderia significar nada, mas eu tinha que tentar.

— Você tem a minha palavra que ele não será prejudicado hoje à noite. Hunter olhou em meus olhos.

— Minha palavra é lei. Não será quebrada.

Eu olhei para Gage.

— Pelo menos você estará por perto. Eu assisti por sua reação. Eu precisava que ele concordasse com as coisas até que pudéssemos descobrir uma fuga. Parecia que estávamos de volta para onde começamos a noite. A diferença era que agora sabíamos que estávamos lidando com lobos.



CAPÍTULO QUINZE

GAGE

Eu revirei o resto da noite. Como prometido, Hunter me deu o quarto de hóspedes, mas saber que Mary Anne estava em sua cama do outro lado do corredor tornou impossível dormir. O fato de que havia um homem lobo parado na porta, me observando, dificultava também. Eu nunca me senti mais fraco ou desamparado em toda a minha vida. Depois da segunda vez que Chet mudou, parei de tentar me iludir pensando que estava sonhando - ou morto. Qualquer uma dessas possibilidades teria tornado as coisas mais simples, e nada era simples.

— Se você não vai dormir, por que estamos perdendo nosso tempo? Falcon perguntou de seu lugar na porta. Eu olhei para o meu relógio. Já passava das quatro da manhã.

— Eu não sei? Por que você está perdendo seu tempo brincando com a gente?

— Não estamos perdendo nosso tempo. Não foi Falcon quem respondeu. Hunter entrou no meu quarto. Fiquei surpreso por ele ter deixado Mary Anne.

— Não estamos perdendo nosso tempo.

— É isso mesmo? Eu estava tão exausto que era difícil falar coerentemente. Muito sono ruim não era uma opção.

— Vamos dar uma volta.



— Um passeio? De repente você pode tirar o caminhão? Eu não tinha dúvida de que Hunter estava brincando conosco o tempo todo, mas fiquei surpreso que ele estivesse admitindo isso tão cedo.

Ele balançou sua cabeça.

— Nós vamos pegar o snowmobile¹.

O snowmobile. Certo. Porque é assim que os lobisomens viajariam pela propriedade deles. De alguma forma eu sabia que isso não seria um passeio social, nem poderia dizer não.

— Estamos acordando Mary Anne?

— Não. Ela precisa dormir. Ele olhou para o corredor como se pudesse vê-la.

O cara estava obcecado.

— Como eu sei que ela estará segura? Eu olhei na mesma direção que ele.

— Por que eu deveria ir a qualquer lugar com você?

— Porque você não é idiota e quer ficar perto dela. Se você quer isso, então você vai ouvir. Eu não vou te matar. Isso só iria aborrecê-la, e eu não quero chatear Mary Anne.

— Porque você está com tanto medo de perturbá-la? Eu arqueei uma sobrancelha.

— O que, você está tentando cortejá-la?

— Meus planos não são da sua conta.

— Eu não tenho escolha, não é? Ele tinha acabado de me dizer isso, mas eu estava provocando.

¹ Veículo utilizado na neve. Moto de neve.



Sair da casa e Mary Anne não estava no topo da minha lista de tarefas.

— Não. Não, você não tem.

Eu levantei-me.

— Onde estamos indo?

— Você vai ver. Ele voltou para o corredor. Eu coloquei minhas botas e o segui para fora. Eu hesitei na frente da porta de Hunter.

— Continue em frente. Falcon seguiu atrás de mim. Eu estava cansado de ser vigiado.

— Eu estou indo. Eu me arrastei para longe de sua porta. Eu apenas causaria mais problemas se eu atrasasse o inevitável.

A noite estava fria e silenciosa. Nossas botas rangeram ruidosamente na neve. Hunter abriu facilmente um grande celeiro e entrou no espaço escuro. Eu segui, imaginando o quanto as coisas mais loucas poderiam chegar.

— Vamos lá. Hunter latiu quando se sentou no snowmobile. Sentei-me atrás dele, meu estômago se contorcendo ao pensar em deixar Mary Anne sozinha naquela casa. Pelo menos Hunter não estava lá. Ele parecia estar no comando, e eu esperava que isso significasse que os outros lobos não a tocariam em sua ausência. Eu tinha que acreditar nisso.

Hunter ligou o motor e saiu para a floresta. Eu me perguntei se o barulho era alto o suficiente para acordar Mary Anne. Eu esperava que não. Eu não queria que ela soubesse que eu tinha ido embora. Eu não queria que ela duvidasse que



eu a deixaria para trás. Eu tinha visto a hesitação em seus olhos mais cedo naquela noite. Eu jamais queria ver isso de novo. Eu não estava abandonando-a. Nós estávamos nessa bagunça juntos.

O vento doeu quando voamos pelo terreno branco. Eu não andava em uma snowmobile há anos, e essa ocasião não parecia em nada com os passeios que eu fiz na minha juventude.

— Onde diabos estamos indo? Eu chamei o barulho do motor.

— Eu quero ter certeza de que estamos vendo olho no olho em tudo agora.

— Olho por olho? Sim, porque isso está acontecendo. Eu não me incomodei gritando, eu particularmente não queria que ele ouvisse.

— Sim, eu não acho que você entenda a gravidade da situação em que você está. Seus olhos permaneceram fixos na frente dele.

Ele me ouviu? Que tipo de audição ele tinha?

Ele desligou o motor e saiu.

— Reconhece alguma coisa ainda?

Eu saí e segui o seu olhar. Ele estava olhando para os restos carbonizados de algum tipo de caminhão.

— Espera. Esse é meu caminhão? — Bile começou a subir pela minha garganta. Meu Bessy.

— Sim. É uma pena que ninguém tenha sobrevivido ao acidente.

— Que porra é essa? Enfiei o dedo no peito de Hunter.



— Você destruiu meu caminhão? Você quer que as pessoas pensem que estamos mortos?

Ele parecia indiferente ao empurrão.

— Por que não? Eles nunca mais vão te ver de novo. Sua voz era plana. Sem emoção. Eu senti nada, mais. Queimando meu caminhão foi uma declaração. Ele queria que eu soubesse que não tínhamos esperança.

— Você está seriamente fodido.

— Fodido? — Ele me puxou para ele pelo meu casaco. Eu me mudei para dar de ombros, mas descobri que não podia. Esse cara era forte.

— Você não me viu fodido. Continue me desobedecendo, ou se metendo no caminho com Mary Anne, e você vai se ver fodido.

Eu empurrei minha sorte.

— Qual é o seu jogo final? Você acha que vai transformá-la em sua pequena escrava ou algo assim? Aproveitando-se de uma garota inocente?

— Vou tratá-la melhor do que você está tratando. Você a está usando. Ele olhou.

— Não se incomode em negar isso. Eu posso ler isso claro como o dia. Você imaginou que ela viria a calhar para te ajudar até a sua próxima distração. Mas ela é mais que isso. Ela é especial.

— Eu não a estou usando. Só de ouvi-lo falar essas palavras me deixou com raiva. Talvez eu tenha feito algo errado, mas eu iria consertar tudo quando chegássemos em casa.



— Mas por que você se importa? Por que você a quer tanto? É só por causa da aparência dela? Você nem sequer a conhece.

— Eu a conheço tão bem quanto você.

Eu ri secamente.

— Eu a conheço há quase toda a minha vida. O vento aumentou, soprando uma camada de neve sobre os restos de Bessy. Eu ia sentir falta daquele caminhão. Eu não conseguia nem começar a conceber como explicar as coisas para Mary Anne. Nossas famílias não iam nos procurar. Eles iam pensar que estávamos mortos. Isso levantou a questão dos corpos. Eles encontrariam algum? Eu não podia nem seguir essa linha de pensamento ainda. A prioridade número um era proteger Mary Anne e levá-la para longe desses lobos.

— Ela é especial e ela será minha. Não minha escrava, minha companheira. Minha igual em todas as coisas que importam.

— Sua igual? Você é um líder de um bando de lobos. Nenhum humano vai ser igual a você.

— Você precisa parar de tirar conclusões sem evidências. Você não sabe nada sobre nós.

— E você não sabe nada sobre *nós*. — Eu enfatizei a palavra, deixando-o saber que Mary Anne e eu éramos um pacote.

— Eu sei muito. — Havia algo sobre o olhar em seus olhos que me fez pensar no que ele estava realmente dizendo.

— Como você sabia que esse era o meu caminhão?

— Quantos caminhões estão aqui agora?



— Mas está a quilômetros de sua casa. Você procurou? Minha suspeita cresceu. Ele teve alguma coisa a ver com o acidente? Lembrei-me do borrão escuro que me fez pisar no freio e nos mandou para fora da estrada.

— Eu faço minha pesquisa. Ele soltou minha jaqueta.

— Se eu fosse você, pararia de fazer perguntas e seguiria em frente.

Eu pulei no meu lugar assim que ele se afastou. Em outra vida eu teria corrido para a estrada e me salvaria. Mas isso não era outra vida, e Mary Anne precisava de mim. Fugir não era, e nunca seria, uma opção a menos que ela estivesse comigo.

A volta pareceu mais rápida. Fiquei pensando sobre o caminhão queimado e a realidade de que ninguém iria procurar. Se quiséssemos ser resgatados, teríamos que fazer isso sozinhos. Por mais que eu quisesse fazer isso imediatamente, precisávamos jogar junto. Nossa única chance era fazer os lobos acreditarem que havíamos desistido. Os agressores tendem a ignorar aqueles que rolam e fingem estar mortos. O pensamento de fazer isso ia contra todas as fibras do meu ser, e eu sabia que não poderia levá-lo ao extremo, mas não tinha outras ideias. Tempos desesperadores requerem medidas desesperadoras.

Hunter estacionou o snowmobile no celeiro, e eu silenciosamente o segui de volta para a casa. Eu fiz todo o possível para manter meu rosto ilegível no caso de Mary Anne estar no andar de baixo. Ela estaria procurando por respostas, e eu não tinha nada para dar ainda.



Ela estava de pé e esperando a poucos passos da porta da frente. O rosto de Mary Anne brilhou de alívio quando entramos na casa. Seus olhos se fixaram nos meus, enviando-me uma mensagem silenciosa que provavelmente teria sido

— Graças a Deus, se tivesse sido em palavras.

Eu tentei dizer a ela

— Claro. Com o meu, mas por tudo que eu sabia, eu disse algo como:

— Eu quero você.

Seus longos cabelos ruivos estavam molhados, trazendo pensamentos do que o resto dela parecia fresco do chuveiro. Como eu estava pensando nisso? Talvez porque era uma alternativa muito melhor para pensar do que no que Hunter acabara de me mostrar. E porque era algo que eu não poderia ter. Eu não poderia tê-la por causa de um lobo estúpido na floresta que pode ter causado o nosso acidente.

— Onde vocês estavam? Ela perguntou a Hunter e a mim, mas eu sabia que ela não tinha realmente se importado onde ele estava. Ela queria ficar o mais longe dele possível. Eu não tinha dúvidas sobre isso.

— Eu estava mostrando algumas coisas para Gage. A voz de Hunter voltou para sua oitava mais suave. A maneira como ele falava com ela contra a maneira que ele falava comigo era como noite e dia.

— Coisas que você não poderia me mostrar? Sua voz era misturada com uma mistura de suspeita e insulto. Apenas Mary Anne teria sido insultada em um momento como aquele.



Ela provavelmente estava chamando-o de sexista dentro de sua cabeça.

— Coisas que você não precisa se preocupar. Ele caminhou até onde ela estava sentada no sofá, mas ele não se sentou. Ele apenas se elevou sobre ela.

— Há outras coisas que eu preciso mostrar para você.

Meu estômago se agitou com a insinuação que eu tinha certeza em suas palavras. Isso também fortaleceu minha determinação de impedi-lo de passar um tempo sozinho com ela. Não havia como ele ter uma oportunidade de demonstrar qualquer coisa desse tipo.

— Gage. — Hunter se virou para mim.

— Chet levará você de volta a sua casa para que você possa tomar banho. Você vai começar a trabalhar esta tarde.

— Trabalhar? De alguma forma, esse assunto não havia aparecido em nossa expedição de snowmobile.

— Sim, trabalhar. Todo mundo tem que colocar seu próprio peso aqui.

— Eu também vou trabalhar? Mary Anne cruzou as pernas e se sentou.

— Sim. Hunter sorriu para ela.

— Tenho certeza que podemos encontrar muitos empregos para você.

Eu balancei a cabeça com veemência.

— Eu posso fazer todo o trabalho por nós dois. — Quaisquer que fossem os trabalhos que ele tinha em mente para ela, ela não precisava fazê-los.



— Você estará fazendo trabalhos diferentes. Hunter sorriu, e eu queria dar um soco nele. Eu sabia que ele estava apenas brincando comigo, tentando me deixar com raiva, e funcionou. Só que eu não podia deixá-lo saber o quão longe debaixo da minha pele ele estava ficando.

— Vamos. — Chet segurou a porta da frente.

Pensei em discutir, mas o olhar de Hunter manteve minha boca fechada. O que aconteceria com Mary Anne se eu fosse embora? Eu também sabia que indo provavelmente igualava a morte. Todo mundo já ia pensar que eu estava.

— Tudo bem. Voltarei o mais rápido possível. Esperei que Mary Anne entendesse o que eu estava fazendo. Jogar junto não significava que eu estava desistindo de nos tirar. Eu precisava que ela jogasse também, mas ela não podia desistir. Desistir dela significaria entregar-se à vontade de Hunter. Eu morreria antes de deixar isso acontecer. Aquele animal não estava colocando a mão nela.

Hunter dispensou Chet e Falcon.

— Eu vou encontrá-lo lá uma vez que Marni chegar aqui.

Eu senti alívio me lavar. Hunter não estaria sozinho em casa com ela. Eu não gostava de nenhum dos lobos, mas Marni parecia ser a mais inofensiva. Eu também percebi que meu radar poderia estar completamente errado. Talvez ela fosse tão ruim assim. Ainda assim, eu preferia ela aos outros. Pelo menos Marni não parecia interessada em entrar em suas calças.



CAPÍTULO DEZESSEIS

MARY ANNE

Marni era a única do grupo e eu estava usando livremente. Ela supostamente estava me ajudando a encontrar trabalho para fazer em casa, mas na verdade ela estava cuidando de mim. Eu não tenho certeza de como ela ficou com esse trabalho, mas meu palpite é que isso tem a ver com o gênero dela. Hunter não parecia gostar de me deixar sozinha com nenhum dos outros caras, e eu também senti que ele estava tentando me deixar à vontade. Ele estava esperando que baixasse a guarda para que ele pudesse entrar facilmente. O pensamento enviou arrepios através de mim. Hunter não seria um homem fácil de manter à distância. Lobo ou não, ele era todo músculo e força bruta. Ele também estava determinado. Ele parecia o tipo de cara que sempre conseguia o que queria. Eu me perguntava como ele lidaria com as coisas se ele não o fizesse. Provavelmente não estaria bem.

— Nós poderíamos fazer alguma coisa. Marni pulou para cima da velha bancada da cozinha laminada. — Hunter ama biscoitos de chocolate.

— Assar? Eu sou uma menina, então eu estou cozinhando? Diz muito estereótipos de gênero?

Além disso, como eu ia cozinhar com todo o resto?



— Você prefere estar fora no frio? Marni acenou com a cabeça em direção à pequena janela empoeirada.

— Isso realmente atrai você?

Eu olhei para o terreno nevado.

— Não na verdade, mas não é justo que Gage esteja preso lá fora. Percebi que o frio não incomodava muito os lobos, mas incomodaria Gage. Ele já estava lá há mais de uma hora.

— Então vamos fazer biscoitos. Eu sempre guardo lascas de chocolate aqui. Ela balançou as pernas. Havia algo tão infantil sobre Marni. Em outro lugar e horário, eu poderia ter gostado da companhia dela.

— Você tem uma cozinha em sua casa? Eu ainda não tinha permissão para sair da casa de Hunter, então eu não tinha certeza do layout dos outros lugares. Eu ainda não entendia bem como a fazenda, ou seja, lá o que Hunter chamava, funcionava. A única coisa que eu sabia era que Hunter estava claramente no comando, e ninguém parecia interessado em desafiá-lo. Havia uma hierarquia que eu não entendia muito bem e sabia que havia outros membros da matilha que ainda não conhecia.

— Sim, ela pulou do balcão.

— Mas nós sempre cozinhamos e comemos comunitariamente.

— Por quê?

— Por que não? Quem gosta de fazer as coisas sozinho? Eu não posso esperar até que eu possa morar com Chet. Estou cansada de viver sozinha. Ela ficou com uma expressão distante no rosto.



— Eu amo morar sozinha. Pelo menos eu adorava ter um quarto individual no dormitório. Eu teria passado a maior parte das minhas noites na biblioteca se tivesse acabado com um colega de quarto. E se eu tivesse uma como a de Genevieve, do tipo que veio com um namorado embutido, teria sido ainda pior.

— Você gosta de viver sozinha? Ela ficou boquiaberta para mim como se eu tivesse duas cabeças. Foi ela quem admitiu ser capaz de se transformar em lobo.

— Sim. Respondi honestamente. Não parecia haver qualquer razão para negar isso. O que me importava se um lobo pensava que eu era antissocial?

— Eu acho que isso significa que você não viveu com Gage.

Seus lábios se torceram em um sorriso. Eu não gostei disso. Ela tinha Chet. Ela precisava parar de enviar sinais de que achava Gage atraente. Acima de tudo, eu não precisava de competição na forma de um lobo animado e sexy.

— Não. Eu moro em um dormitório. Meu minúsculo dormitório parecia perfeito no momento.

Ou pelo menos perfeito se Gage viesse com isso.

— Vivia. Você não mora mais lá.

— Eu vou de novo. Vocês não podem nos manter aqui para sempre. As pessoas vão nos procurar. Eu puxei as mangas do meu suéter emprestado sobre as minhas mãos. Era grande em mim, então eu não estava esticando.

Ela balançou a cabeça.

— Não, eles não vão.



— Sim, eles vão.

Ela franziu os lábios.

— Se eu te disser algo, você promete não surtar?

Promete não surtar? Isso seria difícil de fazer, mas eu sabia que qualquer informação que eu pudesse obter era útil, então eu assenti.

— Sim.

— Sim, o quê? Eu preciso saber que você está falando sério.

— Eu não vou surtar. Dizer as palavras foi fácil, mas isso só me deixou mais nervosa.

— Hunter levou Gage para ver algo hoje.

— Oh? Meu estômago se contorceu. Então é isso que ele não pode me incluir.

— Hunter queria que Gage percebesse quão permanente é sua nova situação de vida. Eu acho que ele deveria ter levado você também, mas ele achou que você ficaria chateada. Hunter é realmente protetor com você.

— O que ele mostrou a Gage? Eu esperei com a respiração suspensa.

— Seu caminhão.

— Do que você está falando? Eles consertaram? — Eu estava me iludindo novamente.

Esse parecia ser um tema recorrente para mim ultimamente.

— Não está sendo consertado. Ela começou a puxar as coisas dos armários.



— O que isso significa? Apenas cuspa. Eu estava perdendo a paciência.

Ela pôs de lado a farinha e o açúcar. -Ele destruiu o caminhão.

— Quem fez? Eu sabia exatamente quem tinha feito isso, mas eu queria que ela dissesse isso.

— Por quê?

— Hunter. Ele queimou. E o porquê não é o óbvio?

— Óbvio? Nada mais era óbvio. Nada fazia sentido ou somava. É como se a lógica saísse pela porta no segundo em que o caminhão saiu da estrada. Isso até se aplicava a mim. Ter relações sexuais com Gage assim? Não havia nada de lógico nessa decisão.

— Ele queria que as pessoas pensassem que vocês morreram. Ela pegou uma caixa de ovos.

— O quê? Minha garganta apertou, e eu segurei na parte de trás de uma cadeira de apoio.

— Não. Ninguém vai acreditar. A notícia explicou o rosto de Gage. Eu sabia que ele estava escondendo alguma coisa. Ele viu algo que o assustou, e Gage não se assustava facilmente. Ele sabia que estávamos presos.

— Eles não vão? Eles não ouviram falar de você desde que vocês dois deixaram a cidade. Você já nos disse que seus telefones não funcionavam. Agora os restos carbonizados serão encontrados, o que mais eles pensariam?

— Espera. Restos carbonizados? Eles encontrarão corpos? Meu peito se apertou. Eles mataram pessoas pelo



truque? Eu sabia que os lobos eram implacáveis, mas não os tomei como assassinos de sangue frio.

— Eles vão encontrar corpos, mas não se preocupe, eles estavam mortos primeiro. Ela não estava sorrindo, mas ela não estava chateada. Ela estava aceitando o que estava acontecendo com Gage e comigo muito bem. Eu precisava lembrar que Marni não era mais segura que os outros. Ela nos queria tanto assim. Por alguma razão, ela acreditava que se Hunter me tivesse, ela poderia estar com Chet. Eu não entendi muito bem, mas eu entendi o pensamento dela. Uma garota vai desesperadamente para conseguir o cara que ela quer. Eu sabia que minha felicidade ou segurança não atrapalharia seu caminho. Nós não tínhamos aliados. Nós estávamos sozinhos em uma situação confusa, e eu não tinha ideia de para onde iríamos nos virar.

Após a onda inicial de alívio de que ninguém foi morto, as lágrimas começaram e fiquei tonta. Meus pais não conseguiam pensar que eu estava morta. Eles simplesmente não podiam. Isso os destruiria. Eu precisava me afastar dos lobos antes que eles recebessem a notícia. Eu não podia deixar meus pais passarem por isso. Eu balancei a cabeça.

— Não.

— Sim. Eu não te disse para te aborrecer.

— Então por que você fez? Eu não escondi a frieza na minha voz. Eu estava com raiva e não estava com boa vontade de jogar. Ninguém estava fazendo isso por mim. A charada de biscoitos não era para o meu benefício.



— Então você aceitaria que você está conosco para ficar. Mesmo se Hunter não quisesse você, uma vez que viu o que éramos, você não poderia sair. É muito arriscado.

Ela pegou um copo de medição e abriu a farinha. Evidentemente, ela não estava deixando nossa conversa inviabilizar seus planos de cozimento.

— Então, por que nos mostrar?

— Eu tenho que bater em você na cabeça com isso?

Eu sabia que ela não se referia ao grande saco de farinha em suas mãos.

— Eu ainda não entendi.

— Não importa, não é? Quero dizer, ele quer você; ele tem você. Você também pode se acostumar com isso e parar de lutar. Você só vai tornar as coisas mais difíceis para você e Gage.

— Você acha que Hunter vai machucá-lo? Talvez Marni pudesse ser útil. A única coisa boa sobre sua atração por Gage era que era possível que ela quisesse que ele ficasse por perto e continuasse vivo.

— Se ele ficar no caminho do que Hunter quer, e o que ele quer é você, então sim.

Eu estremeci.

— Está bem. Vamos fazer esses cookies.

Ela mediu o açúcar.

— Estou feliz que você entenda.

Eu decidi jogar as únicas cartas que eu tinha. Nossa situação parecia sombria, mas eu me recusei a deixar isso piorar. Pelo menos não para Gage.



— Por favor, ajude-me a protegê-lo.

— Eu farei o que puder, mas principalmente vai chegar até você.

— Eu sei, — eu sussurrei as palavras.

— Hunter não é tão ruim, — ela disse quase tão silenciosamente.

— Não tão ruim assim? Eu imploro para diferir. Nós tínhamos que encontrar uma maneira de sair, mas até então eu tinha que proteger Gage. Ele era a única coisa que me restava.



CAPÍTULO DEZESSETE

GAGE

Cortar lenha não era uma experiência nova, mas de alguma forma, fazê-lo sob o olhar atento de Hunter fazia parecer mais uma punição do que o habitual. Isso diz muito, já que nunca foi um dos favoritos na longa lista de tarefas que meu pai me deu no inverno.

Ainda assim, havia algo de reconfortante no familiar, então peguei de bom grado o machado e comecei a dividir uma pilha de madeira. Eu estava levemente surpreso que eles estavam me permitindo segurar um objeto afiado, mas eles sabiam, tão bem quanto eu, que eu não seria capaz de cortar todos eles, e eu nunca conseguiria chegar rápido a Mary Anne o suficiente, não importa qual distração eu criasse. Foi incrível a rapidez com que minhas prioridades mudaram. Uma e outra vez eu estava desistindo da minha chance de escapar para protegê-la. Em outro momento da minha vida, poderia ter pensado que isso me deixaria fraco, mas agora isso me fez sentir mais forte. Havia outra pessoa no mundo confiando em mim e eu não a decepcionaria.

Eu joguei o machado de volta, colocando toda a minha energia em dividir a madeira. Apesar do meu aborrecimento, havia algo de bom em suar. Eu geralmente era uma pessoa ativa, e ficar sentado não era minha coisa.



— Você pode usar um machado. — Hunter fez parecer que ele estava chocado.

Eu cortei outro grande pedaço de madeira e reservei o machado. — Por que isso te surpreende?

— Você é um menino tão bonito que eu tinha pensado que não daria conta de trabalho pesado.

— Menino bonito? — Eu estava pronto para pegar o machado novamente. Esse era um termo que não se aplicava a mim. Comparado com a maioria dos caras da Eastern University, eu poderia muito bem ter sido um homem da montanha. Eu tinha a aparência de ir junto com a experiência de trabalho ao ar livre. Mayville não era exatamente uma cidade fascinante. Eu acho que é o que me fez tão popular com as garotas de Boston. Eu era diferente dos caras habituais que elas conheciam, mesmo que eu usasse as mesmas roupas.

Ele sorriu: — Você é fácil de irritar.

— E você pode fazer uma piada?

— Às vezes. — Ele pegou seu machado, mas ele manteve os olhos em mim.

Continuamos a dividir a madeira sem falar. A floresta estava quieta, exceto pelo som do machado atravessando a madeira. Até mesmo Chet e Falcon pararam de discutir enquanto terminávamos de trabalhar. Esses lobos devem ter economizado toda a madeira cortada para a temporada, porque demorou uma hora para terminar.

Joguei meu último pedaço na pilha e segui Chet no galpão para pendurar os machados. Eu peguei no inventário para



referência futura. Pás, machados, ancinhos, um cortador e um par de algemas. Algemas? Por que diabos eles precisam disso?

— Eu tomaria cuidado.

Eu me virei para Chet. — Cuidado com o quê?

— Irritando Hunter. Faça o que ele diz e aceite que a menina não é mais sua.

— Por que diabos você se importa?

Ele grunhiu.

— Eu prefiro não ter que limpar a bagunça.

Eu olhei as ferramentas novamente.

— Não tenha ideias, acrescentou Chet.

— Você vai estar morto antes de tirá-lo do gancho.

Ele provavelmente estava certo, mas ele não precisava se preocupar. Eu não estava planejando fazer nada ainda.

Cortar lenha não era uma experiência nova, mas sim armadilhas. Eu estava pronto para entrar para verificar Mary Anne, mas Hunter me disse que eu tinha que ir com Falcon. Minha primeira reação foi que eu estava entrando em uma armadilha eu mesmo. Vá para a floresta e deixe Hunter voltar para a casa com Mary Anne? Além disso, Falcon parecia o canhão mais solto do grupo. Eu particularmente não queria ficar sozinho com ele.

Eu tentei inventar qualquer desculpa para ficar, mas Hunter não me deu a chance.

— Quanto mais cedo você for, mais cedo você voltará.

Ele tinha um ponto, mas não um que eu queria admitir.

Eu caminhei de má vontade com Falcon pela neve.

— Vocês não são lobos? Por que colocar armadilhas?



Ele me empurrou à frente dele.

— Precisamos de muita carne. Nós não podemos caçar muito em nossa terra, então entre viagens de caça nós complementamos com o que pegamos aqui. Hunter é grande em manter as coisas no nível mais baixo.

— E você não é? — Eu murmurei.

— Não seja um burro esperto.

Eu arrastei as armadilhas enquanto nos movíamos mais para dentro da floresta.

Eventualmente, ele me disse para parar, e eu assisti enquanto ele habilmente preparava a primeira armadilha no mato. Era uma armadilha pela aparência dela. Eu não tinha certeza de que animais eles esperavam pegar, mas eu não queria saber. Eu não planejava ficar o tempo suficiente para ter que comer o que quer que fosse.

Ele voltou a ficar de pé e gesticulou para eu continuar na trilha improvisada. Eu olhei de volta pelo caminho que viemos antes de fazer o que ele pediu.

— Então, como ela é?

Sua voz veio mais perto do que eu gostava. Um cara não conseguia respirar? Sua pergunta só me deixou com raiva, então eu o ignorei.

— Vamos lá, ela tem que ser boa com o jeito que você está agindo sobre ela. Eu adoraria sentir o gosto daqueles pequenos seios dela.



Ele estava brincando? Porque Hunter não era o suficiente? E falar sobre ela desse jeito? Não estava acontecendo.

— Feche a porra da boca.

— Ei agora. Qual é o problema? Você tem que estar acostumado com caras que querem um gosto dela.

Eu me virei, ficando cara a cara com ele.

— Eu não aguento caras tentando isso.

— Bem, Hunter estará se satisfazendo. Ele provavelmente já o fez. Ele sorriu.

— E eu não posso esperar para pegar o meu. — Ele lambeu os lábios.

Eu não pensei, apenas balancei.

Eu percebi meu erro assim que meu punho atingiu seu rosto, e ele estava sorrindo e meu punho doía como o inferno. Se eu não tivesse percebido naquele momento, eu teria segundos depois, quando seu punho fez contato com o meu rosto, e acabei deitado de costas na neve.

A risada do falcon veio diretamente acima de mim.

— Humano fraco. Apenas desista. Você perdeu seu pedaço de bunda. Hunter tem ela. Se eu estivesse no comando, eu a teria na sua frente assim que você entrasse na casa. Isso é como faço as coisas. Mostre aos inferiores como eles são impotentes.

Eu me esforcei para me mexer, mas meu corpo todo doía.

— O que é isso? Nenhum comentário sarcástico desta vez? Apenas torne isso fácil para você. Sentei-me.

— Ninguém está tocando Mary Anne.



Ele riu, não oferecendo ajuda enquanto eu me levantava. Isso era bom. Eu não queria a ajuda dele. Falcon era um trabalho. Pelo que entendi, ele não estava com a matilha há muito tempo, e ele parecia o mais propenso a querer desafiar Hunter. Eu poderia ser capaz de usá-lo para minha vantagem mais tarde. Apesar da enorme dor de cabeça e dor nas mãos, socar Falcon valera a pena. Ninguém ia falar sobre Mary Anne dessa maneira. Eu posso não ser tão forte quanto os lobos, mas eles não nos impediriam. Não havia uma chance disso.

— O que aconteceu?

Mary Anne gentilmente tocou o hematoma ao redor dos meus olhos. Ela correu quando eu entrei, e não senti falta do aborrecimento no rosto de Hunter. Eu resisti ao impulso de sorrir para ele. Eu não estava com vontade de adicionar outro olho roxo.

— Acabei de entrar em uma discussão. Nada grande.

Eu agora tinha a atenção de Hunter.

— Não que eu me importe com o rosto do garoto, mas o que aconteceu, Falcon?

Falcon enfiou as mãos nos bolsos de trás.

— Ele me bateu primeiro. Eu estava apenas me defendendo.

Hunter sacudiu a cabeça para mim.

— Você é realmente mais idiota do que eu pensava. — Mary Anne me observava preocupada.

— Alguém poderia me pegar um pouco de gelo?



Eu sorri. Eu não pude evitar. Ela realmente iria tentar congelar meu olho negro?

— Se ele quer gelo, ele pode tirar um pouco de neve do lado de fora. — Hunter não encarou a atenção tão fofa quanto eu. Eu quero saber porquê?

— Eu vou conseguir sozinha. — Ela se afastou.

Hunter se moveu para bloquear a porta da frente.

— Não, você não vai. Está frio.

— Eu não estive fora o dia todo. Acho que posso aguentar alguns minutos no frio.

Um sinal sonoro disparou na cozinha. Eu fiquei tenso antes de perceber que era um temporizador. Compreensivelmente eu estava um pouco nervoso.

— Os biscoitos estão prontos. — Marni entrou na cozinha.

— Venha me ajudar a tirá-los, Mary Anne.

— Biscoitos? Vocês fizeram biscoitos?

— Pepita de chocolate. O favorito de Hunter. Havia algo no olhar que Marni me deu, que veio como um aviso. Ela estava tentando me manter longe de Mary Anne também. Quando essas pessoas perceberiam que eu não estava ficando longe? Quanto mais eles empurravam, mais eu empurrava para trás. Mary Anne estava saindo comigo, e não havia nada que pudessem fazer sobre isso.



CAPÍTULO DEZOITO

MARY ANNE

Eu não poderia passar mais uma tarde fazendo biscoitos ou fazendo qualquer trabalho ridículo que Marni criasse para mim. Eu também não suportava estar tão perto de Gage sem poder tocá-lo. Não mudaria nada, mas ainda desejava segurar a mão dele. A tempestade havia passado, mas deixou para trás uma camada pesada de neve no chão, e o frio escaldante não ia a lugar nenhum.

Hunter continuou a insistir que eu passasse minhas noites em sua cama, e ele continuou a dormir no chão. Gage só conseguiu uma noite no quarto de hóspedes. Depois disso, ele foi forçado a ficar no Chet. Evidentemente, ele deu um soco no Falcon, mas foi ele quem foi derrubado. Muito depois de seu olho negro começar a desaparecer, ele ainda estava sob escrutínio dos lobos. Da minha parte eu estava feliz por ele ter lhe dado um soco. Falcon continuava ficando mais arrepiante comigo. Hunter era irritante, mas pelo menos manteve a insinuação e olhares ao mínimo.

O ponto alto do meu dia comum era o meu banho. Por mais patético que pareça, era a única vez que podia me cuidar, quando podia fingir que as coisas eram normais. Nas primeiras vezes eu me preocupei com alguém entrasse, mas Hunter



manteve os outros lobos fora de seu quarto, e ele era bom em me dar privacidade.

Fechei os olhos, saboreando a sensação da água quente escorrendo pelas minhas costas. Para um lugar tão rústico, Hunter não tinha baixado o aquecedor de água quente. Eu queria ficar debaixo do spray o dia todo, mas sabia que não podia, então relutantemente desliguei a água.

Eu ouvi o rangido da porta.

— Hunter?

Não era como se ele entrasse enquanto eu estava no banho, mas talvez ele estivesse cansado de interpretar o cavalheiro. Ele não respondeu.

— Olá?

Com a água desligada, o frio começou a penetrar. Talvez eu tenha imaginado o barulho. Eu lentamente abri a porta do chuveiro para que eu pudesse pegar minha toalha.

A toalha foi entregue para mim.

— Aqui está, hun.

— Falcon?

Eu peguei a toalha e fechei a porta com força.

— Saia daqui.

— Eu estava apenas me certificando de que você estava bem. Você está aqui há muito tempo.

— Onde está Hunter?

— Já esqueceu Gage? Pobre rapaz.

— Este é o quarto de Hunter. — Embora eu soubesse que ele estava apenas brincando comigo, eu odiava sua insinuação. Eu não tinha interesse em Hunter e nunca o faria.



— Os Dires fazem melhor, não é?

— Dires?

— Então, Hunter ainda não te contou, né?

— Eu não sei do que você está falando, mas você precisa sair daqui.

— Você tem certeza que eu não posso dar uma olhadinha? Através do vidro fumegante eu o vi aproximando-se.

— Saia daqui antes que eu chame por Hunter.

Isso fez o truque.

— A qualquer momento que você mudar de ideia, apenas me avise.

Esperei até ter certeza de que ele tinha ido embora antes de sair do chuveiro e rapidamente me vestir. Tanto para desfrutar dos meus banhos. Eu debati contar a Hunter sobre a intrusão, mas meu instinto me disse para manter minha boca fechada. Hunter seria mais leal a um membro de sua matilha do que ele era para mim.

Os dias começaram a se confundir. Fazia menos de uma semana, mas senti que poderia ter sido um mês. Gage e eu mal nos vimos. Hunter manteve-o tão ocupado em torno da propriedade, e além das refeições, raramente nos cruzávamos. Quando nos vimos, mantivemos nossas conversas ao mínimo, mas os olhares que ele me enviou disseram tudo. Ele estava preocupado e tão determinado quanto eu a encontrar uma saída. Eu ainda não conseguia acreditar que ele estava por perto. Hunter dissera que não o deixaria sair, mas tinha muito mais chances do que eu. Ele estava lá para mim, e esse



conhecimento fez meu coração disparar e torceu meu intestino com culpa. Dizer boa noite a Gage todas as noites foi sempre difícil. Eu queria dormir em seus braços, e sem ele me dizer, eu sabia que ele queria exatamente a mesma coisa.

No dia seguinte ao incidente do banho, sentei-me no meu lugar habitual no sofá depois que todos os outros saíram de casa para passar a noite. As horas após o jantar eram sempre as mais difíceis. Hunter fez todos saírem, e nós éramos apenas os dois sentados ao redor do fogo. Ele nunca tentou nada comigo, mas seus olhos me disseram o quanto ele queria. Geralmente nós caímos em um silêncio quase confortável onde eu sonhava em fugir. Antes da malfadada viagem de carro, sempre sonhava com Gage. Eu não pude mais. Pelo menos não do jeito que eu tinha antes.

— O que você está pensando? — Hunter quebrou o silêncio, deixando de lado um livro esfarrapado.

— Nada realmente. Que livro é esse?

— Isso?

Ele pegou o livro novamente. — É *Moby Dick*.

— Eu nunca li.

Ele entregou o livro.

— Então leia.

— Oh, tudo bem. Você está lendo.

— Eu li mais vezes do que já posso contar. Eu quero que você leia. Eu quero saber o que você acha de Ahab.

— Ahab? Não é o capitão maluco? — Talvez eu não tenha lido o livro, mas sabia o suficiente da cultura pop.

— Apenas leia.



A leitura parecia uma boa maneira de passar o tempo, então eu assenti.

— Eu não tive tempo para ler por diversão em meses.

— A faculdade mantém você ocupada?

— Exatamente.

— Eu considerei a faculdade, mas nunca foi uma possibilidade real.

— Por causa do seu trabalho aqui? — Eu estava pegando canudos e tentando pisar com cuidado no gelo fino de uma só vez.

Ele balançou sua cabeça. — Não, nós não estamos aqui há muito tempo. Nós apenas temos que ter cuidado.

— Cuidado com o quê?

— Não se preocupe com isso. — Ele olhou para o fogo.

Eu precisava saber. Tive a sensação de que minha única chance de fuga era desenvolver uma compreensão melhor de Hunter. Na superfície, ele não fazia o menor sentido. Ele estava me mantendo em sua cama sem me tocar, mas estava interessado. Algo não estava somando.

— Por favor, diga.

— Por quê? Você ainda não me contou nada sobre você.

— Sim, eu tenho. Você sabe que estou na faculdade e em Mayville.

— Você só me disse essas coisas para ser educada. Você nunca me disse nada pessoal. Você nunca compartilhou seus segredos.

— Você não me deu uma razão para isso. — Ele parecia ter sido esbofeteado.



— Eu não te tratei bem?

— Bem? Você está me mantendo aqui contra a minha vontade. Você fez parecer que eu estava morta. Meus pais acham que eu estou morta.

Dizer as palavras não se tornou mais fácil.

— Quem te disse isso? Ele perguntou, desconfiado.

— Você não esteve sozinha com Gage.

— Não importa. Eu sei.

— É mais fácil assim. Por que eles deveriam passar meses procurando por alguém que nunca encontrarão?

Eu estremei.

— Por que você não me deixa ir? Tem que haver garotas que gostariam de estar com você.

Foi duro, mas é verdade.

— Você acha que é isso? Você acha que é por isso que você não pode sair?

— Que outro motivo existe? Não é como se as pessoas acreditassem em nós se disséssemos que vocês eram lobos. Você não teria que se mudar.

— Nós não somos os únicos que sabem que você está aqui.

— O que isso significa? Você falou sobre o perigo do lado de fora antes. O que você não está me dizendo?

— Diga-me uma coisa.

Ele se sentou ao meu lado no sofá.

— Diga-me algo que você nunca disse a ninguém.

— E se eu fizer?

— Eu vou te contar tudo o que você quer saber.



— Tudo?

Seus lábios se torceram em um sorriso devastadoramente bonito. Eu nunca tinha considerado Hunter bonito antes, mais difícil, este sorriso particular o amoleceu de alguma forma.

— A maior parte.

— Eu não sou inteligente. Quer dizer, eu estou acima da média, mas todo mundo acha que eu sou um gênio. A verdade é que eu estudo como uma louca e fico acordada a noite toda só para ficar no topo do meu trabalho.

— E isso é um segredo que ninguém sabe?

Ele descansou a mão ao lado da minha.

— Ninguém.

— Nem mesmo Gage?

— Definitivamente não Gage.

Ele sorriu novamente.

— Você é esperta. Eu entendo o que você está dizendo, e não há nada de errado com isso.

— Sua vez. Conte-me. Por que eu não posso sair?

— Você está confortável?

Eu assenti.

— Sim. Por favor, mantenha sua palavra.

— Eu estava planejando também, mas isso pode demorar um pouco.

— Oh.

Eu puxei minhas pernas para baixo de mim.

— Estou confortável.



— Os lobos não são as únicas criaturas paranormais lá fora.

— Há outros?

— Toneladas. Muitos shifters, bruxos e até vampiros diferentes são reais.

— Vampiros?

— Eu não me preocuparia com eles. Eles são praticamente os mais baixos dos baixos.

— Oh. Eu balancei a cabeça, não tendo certeza do que eu acreditava, mas desesperada para ouvir mais.

— Com os Bruxos que você precisa ter cuidado, eles são poderosos.

— Eles são mais fortes que você?

— Fisicamente? Não. Mas eles podem mexer com sua mente. Especialmente a mente de um humano. Eles podem fazer você fazer quase tudo e qualquer coisa. Alguns bruxos também podem controlá-lo fisicamente.

— Existem bruxos por aí?

— Sim. Um Coven poderoso e mal orientado vive na terra que circunda a nossa. Eles ajudaram a nos encobrir, mas eu nunca deveria ter feito nenhum acordo com eles. Estes não são o tipo bom de bruxos, Mary Anne.

— Um acordo?

— Eles nos encobrem, e nós fechamos os olhos para o que eles fazem.

— O que eles fazem? O que você ignora?

— Eu não quero assustar você.



— Me assustar? Estou sendo mantida em cativeiro por lobos, o quanto mais assustadores podem ser esses bruxos?

Ele pareceu rasgado por um momento, como se não soubesse se deveria continuar.

— Eles usam escravos. Escravos humanos.

— O quê? Eu me afastei dele.

— Você deixou isso acontecer?

— Estamos nos escondendo, Mary Anne. Ele falou tão suavemente que eu mal podia ouvi-lo.

— Escondendo? — Isso explicava muito. Eu sabia que havia algo estranho.

— Nós não somos lobos comuns. Nós somos os Dire Wolves e isso nos torna especialmente perigosos para os Poderes Superiores.

— Os Poderes Superiores? — Essa palavra novamente. Dire.

Ele assentiu.

— A Sociedade. O Rei. Mas nada disso importa. Eu vou manter você segura.

— O que faz um Dire Wolf diferente?

— Somos maiores e muito mais fortes. Como eu disse, somos mais perigosos para o rei.

— Nada disso explica por que não posso sair. Prometo não contar.

Ele suspirou.

— Os Bruxos sabem que você está aqui. Eles estão com raiva... e você nunca iria longe.

— O quê? Como eles sabem disso?



— Você se lembra de como seu acidente aconteceu?

— Algo pulou na frente do carro. Gage pisou no freio e nós saímos da estrada.

— Não foi um acidente.

— Quem saltou na frente?

Hunter se virou.

— Quem saltou na frente?

— Chet

— O quê?

— Nós estávamos apenas tentando proteger os humanos por aqui. Eles começaram a levar pessoas inocentes. Chet imaginou que qualquer cara que dirigisse essas estradas em uma tempestade de inverno merecia os planos dos bruxos para ele.

Meu estômago virou.

— Gage não merecia ser um escravo.

— Não, mas quem merece? Nós tivemos que escolher alguém. Chet não percebeu que Gage não estava sozinho. É por isso que ele não o levou. Quando fomos dar uma olhada, vimos você.

— Então foi tudo planejado? Por que não nos levar apenas para eles? Por que nos deixar andar?

— Porque eu vi seu rosto.

— Meu rosto?

— E seu cabelo. — Ele pegou alguns fios.

— Você parece com ela, Mary Anne. E você é tão linda. Ele gentilmente acariciou minha bochecha. — E uma vez que



te conheci, aprendi mais. Você é tão cheia de vida, tão boa, tão merecedora de amor e proteção. Eu não poderia deixar você cair nas mãos de tal mal. Eu não podia deixar isso acontecer de novo.

— Com quem eu pareço? Ela era sua namorada? O que aconteceu com ela?

— Não podemos continuar esta conversa outra noite?

— Não. Nós vamos continuar agora.

— É tarde. Deveríamos ir para a cama.

— Por favor — implorei.

— Nós conversaremos amanhã à noite. — Ele começou a apagar o fogo.

— Por quê? Por que você está parando?

— Porque eu não quero mantê-la acordado a noite toda.

— A história é tão longa assim? — Eu passei meus braços em volta de mim. Eu estava subitamente congelando.

— Não. A história é muito assustadora.



CAPÍTULO DEZENOVE

GAGE

— Nós vamos caçar.

Hunter disse as palavras estoicamente, como se ele estivesse fazendo um anúncio de proporções épicas.

— Oh, sim?

Eu estava aprendendo onde traçar a linha com o cara. Se eu forçar demais, ele me avisa, mas eu não poderia simplesmente ficar com respostas sim ou não também. Quando fazia isso, ele sempre desconfiava.

— Sim. Há outra tempestade chegando, e não podemos esperar mais.

— Estou supondo que estou sendo arrastado por este pequeno passeio?

— Absolutamente não. Você nos atrasaria. Nós caçamos em nossa forma animal e trazemos para casa a carne.

— Oh. Então, vamos ficar em casa sozinhos? Eu arrisquei uma piscadela para Mary Anne.

— Eu prometo que não vamos roubar o carro ou ficar fora do toque de recolher.

— Essa é boa.

Hunter não sorriu.

— Falcon vai ficar de volta.



— O quê? Eu não posso ir caçar? — Falcon choramingou como uma criança.

— Todos nós temos que contribuir para este bando. Sua contribuição desta vez é assisti-los. Hunter gesticulou para mim, mas olhou para Mary Anne. Nenhuma surpresa lá.

— Vamos trazer para casa muita carne.

— Isso significa que vamos dormir no mesmo quarto? — Mary Anne mostrou muita excitação. Eu silenciosamente amaldiçoei. Ela estava tentando manter Hunter por perto?

— Claro que não.

Ele mudou seu peso de pé para pé.

— Você permanecerá no meu quarto enquanto Gage retorna ao quarto de hóspedes. Falcon vai ver vocês dois no corredor.

Falcon franziu o cenho.

— É melhor que seja a minha única vez em detalhes de babá.

— Você vai fazer o que eu digo se você quiser continuar fazendo parte deste bando. — Hunter não era um líder com quem eu estragaria se estivesse no bando dele. Ele foi duro comigo, mas igualmente duro com os outros. Eu sabia por experiência como era estar do lado ruim dele, e eu não teria querido trazer isso para mim voluntariamente.

— Você vai demorar muito? — Mary Anne, felizmente, fez soar como se estivesse perguntando por curiosidade e não porque não o queria por perto.

— Alguns dias. Se precisar de alguma coisa, o Falcon poderá nos encontrar.



— Tenho certeza que ficaremos bem. — Ela mordeu o lábio e eu sabia que ela estava se esforçando para não sorrir.

— Talvez você possa usar esses dias para reconsiderar seus sentimentos em compartilhar uma cama comigo. Não que eu me importe com o chão.

Eu ainda não conseguia acreditar que o cara estava fazendo isso. Não que eu não entendesse o efeito que Mary Anne poderia ter em um homem. Eu estava repetindo nosso tempo juntos na caminhonete noite após noite. Era o que estava me levando ao inferno de viver com os lobos.

— Talvez. — Ela olhou para o chão.

Ela estava aprendendo. A princípio Mary Anne parecia estar brincando com tudo, depois lutou com unhas e dentes, e agora parecia ter encontrado um equilíbrio. Ela segurou-o na baia fisicamente, mas senti que ela tentava manter as coisas de outra forma. Eu não gostava dela perto do cara, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Pelo menos não havia antes. Com todos, menos Falcon partindo, poderíamos finalmente ter a nossa chance de escapar.

— Quando você vai embora?

Tentei parecer desinteressados, mas já estava formulando um plano. Eu precisava saber exatamente quanto tempo eu tinha para executá-lo.

— Amanhã ao anoitecer. Nós vamos passar amanhã preparando, então não pense que você vai sair do trabalho.

— Eu não estava planejando isso.

— Boa. O Falcon também fará com que você continue a fazer seus trabalhos quando tivermos ido embora. Os próximos



dias não são férias ou uma chance de fazer um bolo com Mary Anne.

— Bolo Patty? É isso que você pensa que eu vou fazer com a minha... Eu parei a tempo mesmo antes de poder dizer namorada. Eu quase arruinei minha farsa de seguir em frente.

— Minha amiga? — Eu sabia que ele não comprou uma palavra, mas ele ainda queria ouvir.

— Tenho certeza que você teve muitas atividades amigáveis planejadas. — Ele olhou para mim. — Mas lembre-se das minhas regras.

— Suas regras? Eu não tinha certeza se havia algum.

— Minhas regras exigiam que você mantivesse distância razoável dela. Se ela está voltando para a casa do pai ou não, não posso fazer nada inapropriado.

— E dormir no mesmo quarto com ela não é inadequado. — Eu não conseguia calar a boca. Às vezes as palavras saíam da minha boca.

— Esta é minha casa, Gage. Seria bom lembrar disso.

— Eu lembro, — eu murmurei.

— Boa. Agora comece a trabalhar.

Eu não precisava ser mandado duas vezes. Coloquei minhas botas e segui Chet para fora. Em menos de quarenta e oito horas estaríamos fora de lá. Eu mal podia esperar.



Hunter beijou Mary Anne de adeus na boca. Foi um pequeno beijo, e pelo rosto desganhado de Mary Anne ela não estava esperando, mas eu sabia exatamente o que a ação significava. Ele estava me avisando. Ele estava marcando seu território e me lembrando de ficar longe. Eu balancei a cabeça, fingindo ser o bom cão que ele esperava, mesmo que eu estivesse internamente amaldiçoando-o. Quem era ele para tocar seus lábios? Eles não eram dele. Eles eram meus. O pensamento me pegou de surpresa. Isso não era um pensamento protetor, era um pensamento possessivo. Os lobos estavam se esfregando em mim.

— Tenha uma segura, uh, viagem. — Mary Anne desajeitadamente se recuperou do contato indesejado. Ela apenas olhou para ele com os olhos arregalados. A expressão me contou tudo o que eu precisava saber. Ele não a beijou antes. Eu tinha assumido isso, mas não tinha certeza. Nós não tivemos exatamente muito tempo para conversar.

— Obrigado. Talvez você termine de ler enquanto eu estiver fora. Ela sorriu.

— Eu vou. Estou em uma parte boa.

Leitura? Eu decidi não perguntar. Eu não queria prolongar a partida de Hunter por mais tempo do que o absolutamente necessário.

Marni abraçou Mary Anne. Eu não conhecia bem o lobo feminino, mas se o gesto carinhoso significava alguma coisa, Mary Anne definitivamente a conhecia. Ouvi as garotas trocarem algumas palavras sussurradas, e então Marni olhou



para mim. Eu não tinha certeza do assunto, mas não me preocupei com isso. Eu só precisava que eles saíssem.

— Falcon, espero que as coisas sejam exatamente como deixei quando retornar. — A implicação nas palavras de Hunter não foi perdida por ninguém. Ele quis dizer Mary Anne. Ele estava advertindo seu homem para me manter longe dela. Se eu estivesse certo, ele estava confiando no último lobo que ele deveria estar com aquele trabalho.

Falcon assentiu rigidamente.

— Claro. Traga de volta as coisas boas.

— Nós não trazemos sempre? Semi sorriu.

— Isso é só porque estou com você.

— Chega dessa competição de mijo, vamos. — Marni puxou o braço de Semi.

— Tchau. — Eu acenei quando o grupo saiu pela porta.

Assim que a porta se fechou, Falcon se virou para nós com um sorriso.

— Então crianças? Pronto para a diversão começar?

Mary Anne tossiu.

— Nós não vamos causar nenhum problema. Você pode relaxar.

— Relaxar? — Ele riu.

— Não é provável. Hunter me mataria se eu não mantivesse meus olhos em você. Seus olhos vagaram para cima e para baixo em seu corpo. Todos nós sabíamos que não era o que Hunter queria dizer. O líder era cego para o interesse do Falcon nela? Mas talvez esse fosse o ponto? Ele pensou que o interesse de Falcon significava que ele se esforçaria mais



para me manter longe, mas ele não se atreveria a tocá-la? Eu precisava parar de tentar aplicar lógica psicológica a esses lobos. Não estava me levando a lugar algum.

Depois de algumas horas sentado sem fazer absolutamente nada, Falcon finalmente se levantou.

— Não se mova um centímetro. — Ele olhou para trás e para frente entre nós.

— Eu estou falando com vocês dois.

Eu assenti.

— Nós não vamos.

Ele deve ter ficado satisfeito com a minha resposta porque ele andou pelo corredor até o banheiro.

— É isso. Nossa única chance. Mantive minha voz baixa, embora Falcon tivesse saído da sala. Os lobos tinham audição incrivelmente boa, e eu não tinha certeza exatamente quão longe o alcance estava.

— Eu sei. Mas como? Mary Anne olhou para a porta do banheiro fechada.

— Temos sorte de ele não deixar a porta aberta para fazer isso.

— Só existe um caminho. Eu não gosto disso e você também não.

Ela suspirou e olhou para o fogo.

— Eu sei o que você vai dizer.

— Você? Eu esperei para ver se ela diria por si mesma.



— Eu preciso seduzi-lo. — Ela se encolheu quando ela disse as palavras.

— Estou feliz que você tenha dito isso em voz alta primeiro. Fiquei aliviado por não ter sugerido isso. Se nosso plano fracassasse, eu a colocaria em uma situação perigosa, mas se não escapássemos ela poderia estar em situação ainda pior.

— E você vai precisar das algemas do galpão.

— Algemas?

— Sim, estranho eu sei. Quem sabe a quem elas pertencem?

— Isso não vai ser fácil.

— Ninguém disse que seria.

O banheiro fez barulho nós nos separamos um do outro. Ele só nos deu dois minutos a sós, mas foi a primeira conversa privada que tivemos em dias.

A porta se abriu.

— Eu perdi alguma coisa?

Mary Anne balançou a cabeça um pouco freneticamente demais. Ela precisava se acalmar. Ela não podia explodir as coisas quando estávamos tão perto.

— Bom. Eu não gostaria de ter que convidá-la na próxima vez, eu iria?

Ele a checkou novamente. Que bastardo doente. Eu assumi que ele não estava falando sobre ela assistir enquanto ele se importava, mas quem diabos sabia com esse trabalho? Eu não queria jogá-la para os lobos, figurativa e literalmente, fazendo-a fazer o trabalho sujo, mas eu não tinha outras



ideias. Falcon não era tão afiado quanto os outros, mas ainda não éramos capazes de passar por ele.

— Eu vou subir e ler. — Mary Anne deu um tapinha no livro gasto em suas mãos. Eu imaginei que era um que Hunter havia lhe dado.

— Oh sim? Seus olhos estavam em seu peito e não em seu rosto. Depois de um minuto ele se virou para mim.

— E você? O que você vai fazer?

Dei de ombros.

— Eu não sei. Eu poderia dormir um pouco.

— Bem. Eu posso organizar isso.

Eu balancei a cabeça e ele sorriu.

— Fico feliz em saber que você está sendo cooperativo.

— Eu realmente tenho outra opção?

— Não.

Subimos e Falcon me seguiu para dentro do quarto de hóspedes enquanto Mary Anne entrava no quarto de Hunter. Não fiquei surpreso quando Falcon checou duas vezes as grades das janelas. Sim, grades. Hunter os tinha em todas as janelas da casa. Eu também não fiquei surpreso quando minha porta trancou do lado de fora quando ele saiu. Eu estava contando com isso. Falcon não estava perdendo a chance de passar um tempo sozinho com Mary Anne. Talvez a sedução seja mais fácil do que pensávamos.



CAPÍTULO VINTE

MARY ANNE

Eu sabia que Falcon estava me observando do corredor. Eu propositalmente deixei a porta do quarto de Hunter aberta o suficiente para que ele tivesse uma visão clara enquanto pensava que eu não sabia. Eu me estiquei na cama, tentando parecer sexy enquanto fingia ler um livro. Eu joguei meu cabelo para trás e passei a mão pelo meu peito. Se eu fosse jogar este jogo, eu realmente iria jogar.

Eu olhei para duas páginas aleatórias no livro. Eu já tinha terminado *Moby Dick*, mas Falcon não precisava saber disso.

Eu gemi. Eu imaginei que adicionar alguns efeitos sonoros não faria mal.

Ouvi uma tábua do assoalho estalar do lado de fora da porta. Ele saberia que eu também ouvi.

— Você está indo bem aí?

— Certo. Você pode entrar. — Eu me preparei. Eu poderia fazer isso.

— Bom livro? — Ele gesticulou para o livro em minhas mãos. Ele ficou na porta.

Eu segurei *Moby Dick*.

— Sim. Eu não esperava que isso me deixasse tão excitada.



— Excitada? — Ele entrou no quarto, suas botas batendo no chão de madeira.

— Sim. Eu não quero pegar uma baleia gigante, mas eu quero que meus desejos sejam satisfeitos se você sabe o que eu quero dizer. — Oh meu deus. O que eu estava dizendo?

— Seus desejos satisfeitos? Seus lábios se torceram em um sorriso apertado.

— Esqueça. Eu entendo que não consigo encontrar o que preciso aqui —

— Não consegue encontrar o que você precisa? — Ele caminhou até a cama.

— E o que é que você precisa?

— Controle.

— Controle no quarto? — Ele deu outro passo mais perto.

— Sim. É por isso que não cedi para Hunter. Ele não entende que eu preciso administrar as coisas. Pelo menos na primeira vez. Parecia uma completa idiota, mas, milagrosamente, Falcon não pareceu notar.

— Executar as coisas?

— Sim. Eu já te disse que quero estar no controle. — Eu deixo de lado o livro.

— Você já deixou uma garota assumir o controle antes?

— Não. Eu tenho tendência a dominar se você sabe o que quero dizer. Ele arqueou uma sobrancelha.

— Eu sei. — Eu me sentei.

— Talvez você devesse dar ao papel submisso uma chance às vezes. Aposto que você gostaria disso.

— Oh sim? — Ele sentou-se na beira da cama.



— Eu iria?

— Definitivamente. — Eu engoli em seco. Eu tinha que fazer isso funcionar. Eu cheguei mais perto dele.

— Você adoraria isso.

— Pena que você é do Hunter. Eu poderia estar interessado em ver se você estava certa.

Eu me levantei e me movi na frente dele.

— Você sempre ouve Hunter?

— Ele é o Alpha. Por enquanto não tenho escolha.

— Isso é muito ruim. — Eu recuei.

— Eu ia mesmo concordar em revezar. — Ele olhou para mim com as pálpebras fechadas.

— Hunter não está aqui.

— Não, ele não está. — Eu me aproximei.

— Como eu sei que você não está tentando me causar problemas?

— Por que eu faria isso? — Eu puxei meu suéter por cima da minha cabeça.

— Está quente aqui ou sou eu?

— É você, mas tire o que quiser. Seus olhos se concentraram na pele do meu estômago exposta pela minha camisa.

— Então, o que vai ser?

— O quê?

— Você vai me deixar tomar o controle? Deixe-me mostrar-lhe o quão divertido podemos ser juntos? — Corri a mão pelo meu corpo. Eu esperava que fosse mais sexy do que estranho.



— Eu não sei. Hunter é um desafio bem grande. Como eu sei que valerá a pena?

— Vai valer a pena. — Eu respirei fundo antes de puxar a camisa sobre a minha cabeça.

Sua respiração acelerou.

— Você é quente para caralho.

— Eu já te disse que estava.

Ele riu.

— Como é que isso funciona?

— Eu ouvi Marni falando sobre algumas algemas.

— Marni? Algemas?

Talvez usar o nome dela fosse um erro.

— Sim. Ela disse que eles estavam no galpão.

— Você realmente acha que eu vou deixar você me algemar? — Ele levantou uma sobrancelha.

— Lembre-se, estamos nos revezando. Você não gostaria de fazer exatamente o mesmo comigo?

Eu desabotoei minha calça jeans, abrindo-a lentamente.

— Você não é um pouco corajosa, hun? O que vai me impedir de ter você em meus termos primeiro?

— Você joga pelas minhas regras e Hunter não sabe. E quem sabe, se nos divertirmos tanto quanto espero, talvez possamos fazê-lo mais vezes. Eu notei que não há muitas garotas por perto.

— Não aquelas que se parecem com você. — Ele segurou meus seios através do meu sutiã. Eu me forcei a gemer em vez de vomitar.

— Então, o que vai ser?



— Vou pegar as algemas, mas se você mudar de ideia quando eu voltar, você terá alguns problemas.

— Por que eu iria mudar de ideia?

Comecei a empurrar minha calça jeans para baixo.

— Isso é, a menos que você demore demais. Se o fizer, talvez tenha que tomar as coisas em minhas próprias mãos.

Ele gemeu.

— Não vá a lugar nenhum.

Assim que ouvi seus passos na escada, destranquei a porta de Gage. Se as coisas dessem errado, eu não estava me deixando à mercê de Falcon.

— Falcon? Você vem? — Eu gritei pelo benefício de Gage. Eu não queria que ele abrisse a porta e estragasse tudo.

— Sentiu minha falta? — Falcon apareceu no topo da escada.

— Não posso ficar excitada?

— Você pode ser o que quiser, desde que o resultado final seja eu pegar um pedaço de você.

— É isso mesmo? — Eu puxei sua mão, puxando-o para o quarto de Hunter.

— Se for esse o caso, comece a se despir.

— Se despir?

— Sim. Estou no controle, lembra? Eu puxei as algemas do bolso com cuidado para deixar minha mão roçar contra a protuberância em suas calças.

— E eu quero sua roupa.

— Você vai tirar o resto da sua?

— Mais tarde.



— Agora. Eu deixarei você jogar o jogo que você quer, mas eu recebo algo primeiro.

— Essas não são as regras.

Ele começou a puxar as algemas de mim.

— Sim, elas são.

— Tudo bem.

Eu alcancei ao redor e soltei meu sutiã. Eu estava fazendo isso pela minha liberdade, por Gage.

Suas mãos estavam em mim em segundos.

— Tais belos seios pequenos. Ele começou a abaixar a boca, mas eu o empurrei de volta.

— É sua vez. Tire a roupa.

— Sim, senhora. Ele estava sorrindo. Tirar o sutiã funcionou.

Ele tirou a camiseta, jogando-a no chão, antes de tirar o jeans.

Ele começou em sua cueca, mas eu acalmei a mão dele.

— Ainda não. Esse é o meu trabalho.

— Oh sim? Então faça isso.

Ele me desafiou. Seus olhos estavam aquecidos.

— Deite.

— Tire mais roupas.

— Eu já estou sem camisa.

— E eu quero ver que calcinha você está usando.

— Deite-se então.

Ele se deitou no meio da cama, e eu tirei meu jeans. Eu já estava meio nua e tão perto de deixá-lo contido, se eu pudesse fazê-lo confiar em mim um pouco mais.



— Rosa. Agradável.

— Mãos na cabeceira da cama.

— Você realmente vai me algemar?

— Nós dois sabemos que você é forte o suficiente para quebrar isso de qualquer maneira. Você não é? Eu passei a mão pelo seu bíceps.

— Sim. Oh, claro. Sua testa se enrugou e eu obtive minha resposta. Ele não podia quebrá-las, mas ele não iria admitir isso. Perfeito.

Eu me inclinei sobre ele enquanto eu segurava as algemas. Eu estava com medo de que, se não o fizesse, ele mudasse de ideia.

— Obrigado, Falcon.

— Obrigado? Ele olhou para mim com confusão.

— Por ser tão cooperativo.

Peguei minhas roupas e comecei a me vestir.

— Sua vadiazinha.

— A putinha com peitinhos fofos, hein?

Na hora certa, Gage abriu a porta.

— Pronto, querida?

Falcon lutou contra as algemas.

— Eu vou te matar, idiota. E eu vou ter você também, sua pequena idiota!

Eu não esperei. Se ele lutasse por muito mais tempo, provavelmente quebraria a cama e se libertaria. Pulei no meu jeans e aceitei a mão estendida de Gage.

Os gritos de Falcon se arrastaram pelas escadas enquanto nos deparávamos com a noite fria e gelada.



— Ele vai estar em muitos problemas quando Hunter chegar em casa.

— Você quer dizer porque ele está quase nu e algemado à cama de Hunter, ou porque estamos fugindo?

— Ambos. Hunter não queria que eu olhasse para você. Eu não posso imaginar como ele vai lidar com qualquer desculpa que Falcon possa dar a ele.

A neve começou sem que eu percebesse. Eu estava preparada para o frio e o vento, mas não para os flocos de neve e granizo que picaram meu rosto quando eles fizeram contato com a minha pele.

— Nós com certeza escolhemos uma ótima noite para sair,
— Gage apertou minha mão.

— Não é como se tivéssemos uma escolha. Nós nos apressamos durante a noite fria, tentando não olhar sobre nosso ombro com muita frequência. Nós dois estávamos com medo de estarmos sendo seguidos.

— Não há como chegarmos à cidade antes do amanhecer. De alguma forma, eu não tinha pensado tão longe. Sair da casa foi o mais distante que eu fiz.

— Precisamos encontrar abrigo.

— Mas não podemos ficar por aqui. Os bruxos podem nos encontrar. Eles provavelmente estão observando a estrada.

— Bruxos?

— Oh. Você não sabe sobre eles?

Gage riu e disse:



— Estou perdendo a cabeça—

— Não. Acho que perdi a conversa do lado do fogo.

Suas palavras picaram se ele queria ou não. Minhas conversas com Hunter não eram por opção.

— Há bruxos psicopatas assustadores por aí.

— Você tem certeza de que ele não apenas inventou? Talvez ele estivesse tentando assustá-la de fugir?

— Se ele fez, não funcionou.

— Não, não. Gage começou a se afastar da estrada principal. Pelo menos ele ouviu.

— Há alguns trilhos de trem abandonados por esse caminho, e estou quase certo de que há outro caminho além deles.

— Eles causaram o acidente; os lobos fizeram. Foi bom dizer isso em voz alta. Gage apertou minha mão.

— Eu sei. Eu simplesmente não sei porque.

Eu me recusei a olhar para ele. Era fácil fazer enquanto marchamos pela noite fria.

— Eles iriam te dar aos bruxos, então eles não levariam um inocente como escravo.

— O resto desse comentário de lado, eu não teria sido inocente?

— Eles pensaram que dirigir através dessa tempestade de neve fez com que você valesse menos a pena, eu acho.

— E você mudou a ideia deles?

— Sim. Eu pareço com a ex dele ou algo assim.

— Hunter?



Gage pegou o ritmo um pouco, e eu trabalhei para acompanhar.

— Sim. Porque isso não é de todo estranho.

— Sem brincadeira... mas ele nunca me contou o que aconteceu com ela. Toda vez que eu falo, ele fecha a boca.

— Tenho certeza que ele tem muitos segredos.

— Você acha que eles vão nos caçar? Quero dizer, eles têm nossos nomes e sabem de onde somos.

— Pensei nisso, mas não podemos nos dar ao luxo de nos preocupar com isso agora. Nós chegamos tão longe.

— Eu concordo. Meu capuz explodiu de uma forte rajada de vento, então eu segurei na minha cabeça novamente.

— Está congelando hoje à noite.

— Eu pensei que depois de todo o tempo fora nos últimos dias você estaria imune, eu provoquei. Foi bom provocá-lo. Normal de uma forma que nada havia sido há dias.

— Não, além disso, parece ainda mais frio.

— Eu sei.

— E mais escuro. — Havia apenas uma fatia da lua naquela noite. Nós caminhamos através da escuridão, ajudados apenas pelo brilho fraco da lua. Eu repetidamente tropecei nas raízes das árvores quando chegamos à floresta, mas Gage continuou me pegando antes de eu cair de cara no chão nevado.

— Acho que encontramos os trilhos da ferrovia. — Gage se abaixou e começou a tirar neve de alguma coisa.

— Então, estamos chegando perto.



— Mais perto. Além disso, talvez tenhamos sorte e encontremos algum abrigo por aqui.

— Sorte? O que é isso?

Ele riu.

— Eu acho que nós dois somos devidos as circunstâncias.

O vento forte continuou enquanto nós tropeçávamos. Meus pés doíam do frio, mas não ousei reclamar. Tudo o que Gage pôde fazer foi me pegar e isso só nos atrasaria. Considerando que eu acabei de seduzir um lobisomem, andar alguns quilômetros na neve não deveria ter sido tão difícil.

— O que é isso? Eu apertei os olhos, tentando distinguir uma estrutura à distância.

— Eu não sei. Vamos descobrir.

— E se forem os bruxos?

— Se houver bruxos, e eu disse se, eles nos encontrarão, não importa onde estamos, certo? Além disso, que outra escolha nós temos?

— Você percebe a última vez que disse que vimos a fumaça e encontramos os lobos.

— É verdade, mas não vejo fumaça.

— Vamos ter cuidado.

Andamos o mais silenciosamente possível, mas mesmo assim nossos pés rangiam na camada superior de gelo da neve. A pequena casa parecia decrepita, mas definitivamente era melhor que nada.

— Ninguém morou aqui em anos. — Gage abriu a velha porta de madeira da casa.



— Esta é uma antiga casa de trem. Foi abandonado por conta da estrada de ferro.

— Vamos esperar que você esteja certo.

— Eu diria para você esperar aqui, mas isso pode ser perigoso.

— Nós ficamos juntos. Lembra?

Ele pegou minhas duas mãos nas dele.

— Claro que eu lembro.

Depois de soltar uma das minhas mãos, Gage entrou na pequena casa primeiro, mas segui logo atrás dele. O quarto estava escuro como breu, e eu não tinha certeza de quanto mais longe deveríamos andar, quando Gage acendeu uma luz.

— Você tinha uma lanterna?

Eu perguntei com surpresa. Eu estava prestes a perguntar por que ele me deixava passar horas tropeçando nas raízes das árvores quando a resposta óbvia me ocorreu. Uma luz teria atraído a atenção, o que pedia a pergunta de por que ele a tinha agora.

— Tenha cuidado com isso.

Ele riu.

— Eu amo saber exatamente como sua mente passou por tudo isso. Eu só estou usando para procurar na casa. Assim que eu souber que estamos sozinhos e assentados, vou desligá-la.

— Estamos realmente ficando aqui? — Eu perguntei, seguindo de perto atrás.

— Eu não vejo outra escolha, não é?



— Nós poderíamos tentar chegar à estrada. Meus pés doendo não exatamente concordavam comigo.

— É tarde demais e muito frio. Precisamos pelo menos parar por algumas horas para nos aquecer.

— Este lugar é muito melhor do que parecia do lado de fora. Apesar de uma camada de poeira, o quarto parecia muito bom. Em outro tempo, eu poderia ter gostado da velha casa por sua história. Considerando que tínhamos acabado de escapar de lobos e tudo o que tínhamos era uma lanterna, não parecia o momento apropriado.

— Eu acho que este é o melhor local. — Ele largou a mochila e começou a puxar cobertores antes de desenrolar um saco de dormir.

Parecia igual ao do caminhão.

— Como você achou isso?

— Os lobos devem ter retirado algumas das nossas coisas antes de queimá-lo.

— Vamos usá-lo novamente, pelos velhos tempos? Meu corpo aqueceu pensando exatamente quais memórias nós fizemos dentro dele.

— Ele tem um lugar especial no meu coração.

Eu ri.

— Nossa primeira vez juntos foi, sem dúvida, memorável.

— Facilmente a minha experiência mais memorável. Ele escorregou a mão sob o meu suéter.

— Eu senti tanto sua falta.

— Eu também senti sua falta.

Corri meus dedos sobre o braço dele.



— Eu preciso de você. — Ele me beijou com força na boca tirando qualquer restrição que eu tinha. Eu o beijei de volta. Ele tinha um gosto tão bom, tão forte, tão intoxicante. Parecia uma vida desde a última vez que seus lábios tinham estado nos meus, e eu precisava de cada toque seu que eu pudesse conseguir.

— Você pode me ter. — O cenário não era ideal, mas eu sabia exatamente como ele se sentia. Cada centímetro de mim ansiava por ele, e uma semana de emoções reprimidas me deixou desesperada por mais de seu toque.

— Eu prometo que vou cuidar de você. Eu prometo que nunca vou decepcionar você novamente. — Seus lábios roçaram no meu ouvido.

— Você não me decepcionou. Nada disso foi culpa sua.

— Sim, foi, mas eu vou compensar isso. Eu prometo a você isso.

— E eu prometo o mesmo. Se eu estava tendo outra chance de liberdade com Gage, eu não estava estragando tudo. Eu afastei quaisquer dúvidas que Hunter colocou na minha cabeça. Ele só estava tentando me perturbar, para me fazer sentir sozinha.

Havia algo real entre Gage e eu. Foi além das minhas fantasias malucas e dos anos de anseio. Se nós íamos fazer isso funcionar, eu teria que passar por esses sonhos antigos, para aceitar o verdadeiro Gage, aquele cujos lábios estavam atualmente se movendo para o meu pescoço e me colocando em chamas.

— Faça-me esquecer tudo, Gage.



— Você pode esquecer tudo, exceto o que aconteceu no caminhão. Não vou deixar você esquecer isso.

— Eu jamais quero esquecer isso. Eu coloquei minha mão sob as costas de seu suéter.

— E eu não poderia esquecer isso. Por mais louco que pareça, foi provavelmente a melhor noite da minha vida.

Ele riu.

— Não é loucura, porque sinto o mesmo. Mas, Mary Anne? Sua mão segurou meu queixo.

— Sim?

— Ao contrário destas primeiras vezes, farei coisas românticas.

— Eu não sei o que você quer dizer. O que poderia ser mais romântico do que a traseira do seu caminhão ou uma casa abandonada?

Ele riu.

— Apenas espere e veja.

— Eu planejo isso.



CAPÍTULO VINTE E

Um

GAGE

Eu precisava dela. Eu não me importava com onde estávamos, eu precisava de Mary Anne, e eu ia tê-la. Eu tirei seu suéter e camisa em um movimento, descartando seu sutiã com a mesma rapidez. Ela tirou meu suéter e recompensou minha pele nua com pequenos beijos ao redor do meu pescoço e até o meu peito.

Saí do nevoeiro criado pelo toque dela o tempo suficiente para tirar o jeans e a calcinha. Eu precisava dela nua. Eu acariciei um seio enquanto meus lábios se assentaram no outro. Ela gemeu, me excitando mais. Meu jeans apertou, mas ela me deu alívio momentos depois, quando ela desfez o meu cinto e me soltou. Ela me pegou na mão, gentilmente acariciando-me sem dizer uma palavra.

Eu coloquei uma mão entre as pernas dela. Ela abriu-se para mim. Foi-se a hesitação que ela mostrou no caminhão. É como se o nosso tempo à parte tivesse tornado a hesitação inútil, e isso me fez perceber o quão rapidamente algo poderia ser tirado de você.

Ela nunca será tirada de mim novamente. Durante a semana em que passamos juntos



como cativos, descobri que meus sentimentos por ela eram muito mais profundos do que uma atração passageira. Eu daria qualquer coisa para protegê-la, e eu a queria, não precisava dela na minha vida.

— Gage.

Ela disse meu nome tão suavemente, tão gentilmente. Combinava o modo como a mão dela trabalhava sobre mim, mas estava em desacordo com a respiração pesada dela.

— Sim?

— Eu preciso de você.

— Eu sei. Eu rocei meus dentes sobre o mamilo.

— Eu preciso de você também.

— Eu não quero que isso acabe para nós.

— Não acabará. — O quarto estava muito escuro para olhar diretamente em seus olhos, mas ela precisava saber que isso não era uma aventura passageira para mim.

— Nós vamos passar por isso, e então podemos ficar juntos a qualquer hora que quisermos.

— A qualquer momento?

— A qualquer momento. É melhor você se acostumar a me ter por perto, porque você vai estar vendo muito de mim em casa e na escola.

— Boa. Isso quase faz todo esse inferno valer a pena.

— Só quase? Mudei meus lábios para o pescoço dela.

— Ficou um pouco assustador por um segundo.

— Só um segundo?

Ela riu.



— Vamos parar de falar sobre isso. Eu só quero pensar em nós.

— Eu também.

Ela suspirou quando me posicionei sobre ela. Eu não disse nada, apenas olhei para ela, desejando que houvesse mais luz. Eu queria vê-la eu queria memorizar cada centímetro de seu corpo. Haveria tempo para isso mais tarde, mas no momento a única coisa que importava era tê-la, conectando-se com ela de um modo físico novamente.

— Gage. Ela gemeu meu nome assim que eu empurrei dentro dela. Ela abriu as pernas, me dando as boas vindas de volta ao que eu sabia que estava se tornando meu lugar favorito. Ela estendeu a mão e colocou os braços em volta do meu pescoço. A ação me deixou louco. Ela me disse que queria muito as coisas, mas eu queria tomá-la gentil dessa vez, queria mostrar a ela que havia mais para mim do que sexo animalesco. Depois de estar com os lobos, eu queria lembrar a nós dois que éramos humanos.

Minha resolução durou um minuto inteiro. Ela cravou as unhas nas minhas costas, e meu lado primitivo assumiu. Eu precisava dela e ela precisava de mim. Ela gemeu de acordo, encorajando-me a continuar com investidas mais duras e profundas até que nenhum de nós pudesse aguentar mais.

Eu fiquei em cima dela, não disposto a sair e deixar o conforto que só ela poderia fornecer. Quando eu me movi, era apenas para mudar ao lado dela e segurá-la em meus braços. Eu não estava deixando ir.



Eu poderia me acostumar a acordar com Mary Anne em meus braços. Acostumar muito com isso. Seu corpo se encaixou tão perfeitamente em meus braços, e sua respiração suave fez parecer que tudo estava bem, mesmo que apenas por um momento.

A luz do sol entrava por uma fenda nas tábuas que cobriam as janelas. Ela se mexeu.

— Gage.

Eu sorri abertamente. Ela estava sonhando comigo. Pelo menos eu sabia que estava causando uma boa impressão.

— Bom dia, linda, eu murmurei em seu pescoço, escovando meus lábios suavemente sobre sua pele.

Ela murmurou novamente. — Gage?

Sou eu. Eu resisti ao desejo de acrescentar

— Quem mais poderia ser?

Era cedo demais para mexer com aquelas feridas.

— É de manhã? Ela esfregou os olhos de uma forma adorável.

— Sim, nós sobrevivemos a noite. Eu segui meus dedos pelo lado dela.

— Ainda está nevando?

— Eu não posso dizer ainda.

Eu relutantemente deslizei para fora do saco de dormir e olhei para fora, não me incomodando em me vestir ainda.

— Deve ser ilegal ter uma bunda como essa.

Eu me virei e ri. Ela corou ligeiramente.

— O quê? Não vai dizer o mesmo da minha frente?

Ela corou ainda mais.



— Está nevando?

— Bom. Ela se sentou.

— Você pode me entregar minhas roupas?

— Ei, eu não consigo te cobiçar também?

— Está muito frio.

— Oh, você está com frio?

Voltei para o saco de dormir.

— Nós precisamos ir.

— Se eu aprendi alguma coisa nos últimos dias é que você nunca sabe quando vai ter outra chance. — Eu segurei seus dois seios com as mãos.

— Gage.

— Mary Anne. É quando você me diz que não?

— Não. É quando eu te digo sim. — Ela se moveu em cima de mim.

— Todo essa conversa de controle com Falcon me fez querer tentar isso.

— Espera. Você nunca esteve no topo antes?

— Quanto sexo você acha que eu tive?

— Você disse que não era virgem.

— Eu não era, mas deixe-me colocar desta forma. Você dobrou oficialmente a quantidade de vezes.

— Bom. — Eu puxei a cabeça dela para baixo para a minha. Eu não queria corromper uma garota inocente, mas gostava de saber que ela esteve comigo muito mais do que qualquer outro cara.

Ela se atrapalhou sob os cobertores, tentando nos alinhar. Eu esperei o mais pacientemente possível. Havia algo



tão fofo em sua inexperiência, e fiquei com medo de que oferecer ajuda mataria sua confiança.

Alguns momentos depois, tive o prazer que estava esperando.

Ela se moveu lentamente em cima de mim até que ela ficou frustrada com o saco de dormir e abriu o zíper. Libertada dos limites da bolsa, ela se moveu mais rápido, me guiando dentro dela com precisão. Fechei meus olhos e deixei ela fazer o que quisesse. Estar dentro dela era um prazer que nada mais podia comparar.

Muito em breve eu me senti perto do lançamento. Sua respiração acelerou e eu esperava que ela estivesse se sentindo tão bem quanto eu.

Ela gritou bem antes que eu estremecesse e ela caiu em cima de mim.

— Ainda está com frio? — Eu perguntei uma vez que minha respiração voltou ao normal.

— Não. Ela sorriu.

— Tudo bem?

— Bem? — Eu corri minhas mãos para cima e para baixo nas costas. — Não. — Seu rosto caiu.

— Babe, foi ótimo. Como você pode não saber disso? — Ela enterrou o rosto no meu ombro.

Passei a mão pelo cabelo dela.

— Você é incrível e mal posso esperar para continuar explorando com você.

— Então você está falando sério? Você quer ver onde as coisas vão?



— Não. Eu não quero apenas esperar e ver. Eu quero estar com você. Eu não planejo deixar você fora da minha vista por um tempo.

Ela estremeceu.

— Nós devemos ir.

— Eu sei.

Nós nos vestimos rapidamente e embalamos nossas coisas. Foi só depois que saímos para o frio que meu medo voltou. Precisávamos encontrar a estrada antes que os lobos nos encontrassem primeiro.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

MARY ANNE

Sexo com Gage me colocou em chamas. Nas últimas duas vezes houve outra coisa lá também. Uma conexão emocional que era impossível ignorar. Segui-o ao longo dos trilhos cobertos de neve com uma mistura de ansiedade e euforia. Eu sabia que não estávamos fora de perigo ainda, mas o pensamento de um futuro com Gage fez tudo parecer bem.

Algumas milhas abaixo, uma estrada apareceu.

— Fizemos isso. — Se meus pés já não estivessem congelando, eu provavelmente teria pulado para cima e para baixo.

Ele exalou alto.

— Finalmente.

— Você duvidou? — Eu envolvi minha mão em torno de seu braço, amando a sensação de seus músculos. Genevieve estaria revirando os olhos, mas não pude evitar. Eu amava o quão forte ele era.

— Não exatamente, mas eu não aguentava pensar em decepcioná-la novamente.

— Você não fez, e isso não está tudo em você. Eu deveria estar ajudando também.



— Oh, você está ajudando. — Ele sorriu.

— Você está me mantendo são e satisfeito, todas as coisas importantes.

— O mesmo para você.

Ele apertou minha mão.

— Boa. Estou feliz por estar fazendo as duas coisas, significa que você gosta de mim por mais do que o meu corpo.

— Como você sabe? Talvez seja o seu corpo me mantendo sã? — Eu sorri.

— Nah, essa seria a parte que te deixaria louca e faria qualquer outra coisa a não ser sã.

Eu ri.

— Bom ponto.

Nós caminhamos ao longo da estrada, não sabia exatamente como longe a próxima cidade era e perguntando quando um carro viria. Era uma estrada secundária raramente usada pela aparência, mas havia algumas marcas na neve.

— Você acha que as pessoas vão acreditar em nós? Quer dizer, nós não temos IDs ou telefones, então vamos ter que confiar em alguém para ajudar.

— Alguém nos permitirá usar um telefone. Isso é tudo que precisamos.

— Verdade. Espero que ninguém tenha encontrado seu caminhão ainda. Eu precisava acreditar que meus pais foram poupados do desgosto. Eu não conseguia nem imaginar o que meus pais estavam passando por outra coisa.

— Eu sei. — Ele olhou para a distância.

— Eu vou sentir falta de Bessy.



— Eu estou supondo que o seguro não cobre lobos malucos por queimá-lo na floresta.

— Não, mas nós não estávamos nele quando ele queimou, então eu não posso reclamar muito.

Eu me inclinei para o lado dele, tão grata por estarmos ambos vivos e juntos. — Exatamente.

O som de um motor atrás de nós nos fez girar. Gage me empurrou para trás dele. Um grande SUV verde desacelerou na nossa frente. O que teria sido uma visão bem-vinda antes de conhecer os lobos agora nos deixava tensos.

— Precisa de ajuda? — Uma leve voz feminina perguntou da janela parcialmente aberta. A janela estava tingida, então não podíamos ver nada.

Gage e eu nos entreolhamos. Nenhum de nós estava se sentindo particularmente confiante.

Ele respondeu por nós.

— Acho que estamos bem. A que distância fica a próxima cidade? O motorista abriu mais a janela. Eu assisti o rosto de Gage relaxar quando ele viu o motorista. Ela era uma morena linda, não muito mais velha que nós.

— São mais de dez quilômetros. Deixe-me dar-lhe aos dois uma carona. Está congelando.

— Não. Está tudo bem. — Uma garota bonita, não me fez mais confiante, isso me fez menos.

Gage apertou minha mão. Eu esperava que ele discutisse comigo, mas ele não.

— Tudo bem, mas obrigado. — Ele puxou minha mão ligeiramente para me fazer andar.



— Eu acho que você pode querer mudar de ideia, — a menina chamou do carro.

— Estamos bem. — Respondi sem me virar.

O motor cortou, então comecei a andar mais rápido. O que essas pessoas querem? Depois de tudo que passamos, eu sabia que provavelmente não era nada bom. Eu nunca fui uma pessoa particularmente confiante, mas depois da minha experiência com os lobos, eu era cética em relação a todos.

Segundos depois, havia uma mão no meu ombro girando em torno de mim.

— Ignorar-nos foi um grande erro—

Eu tomei uma respiração. Eu estava olhando para o rosto de uma garota que parecia muito semelhante a mim. Ela tinha os mesmos longos cabelos ruivos e olhos verdes.

Eu apenas olhei para a garota na minha frente.

— Quem é Você?

— Quem sou eu? A pergunta não deveria ser — quem é você— ? Quero dizer, você não gosta do meu ex, o que parece bobo quando você tem um homem assim disponível. — Os olhos dela passaram por cima de Gage.

— Uh, nós realmente não queremos problemas. Então, se você não se importa, nós iremos. — Gage colocou o braço em volta de mim.

— Sem problemas? Oh querido, você não será problema algum. Tenho certeza que você vai ser divertido. Ela lambeu os lábios antes de se virar para mim. — Esta vagabunda será problema embora.



— Vagabunda? Meus olhos provavelmente saltaram da minha cabeça.

— Vamos. — Gage começou a se virar.

— Você não vai a lugar nenhum, querido. — Ela agarrou o braço dele.

— E pensar que Hunter tentou manter você longe de mim. Ele sempre foi um garoto ciumento.

— Hunter? — Gage exalar alto.

— Eu entendo que você não é fã dele também?

— Ele tentou roubar minha namorada e nos manteve cativos. Não realmente.

— Este foi a mesma ex que foi levado pelas bruxas?

— Você deveria ter deixado ele tê-la. Eu lhe garanto que você vai se divertir mais com a gente. Ela colocou a mão em torno de seu bíceps.

— Venha agora.

Ele deu de ombros.

— Nós não vamos a lugar nenhum com você.

— Oh sim, você vai.

— Não, sem chance.

Ele deu um passo em direção a ela.

— Saia do nosso caminho. — Seus olhos se encontraram com os dele, e ela estendeu a mão na frente dela.

— Que diabos? — Gage ficou congelado.

— Eu não posso me mover.

Eu cheguei para ele.

— Deixe-nos sozinhos. — Ela era uma bruxa agora também? Porra, quando vamos ter uma folga?



Ela se virou para mim.

— Agora o que fazemos com você? O que você acha, Helen? — Ela chamou o motorista que agora estava fora do SUV.

— Podemos usá-la para alguma coisa?

— Eu não sei... por que não a devolver a Hunter? Talvez o cara mereça um brinquedo. Todos nós sabemos que ele gosta de cabeças ruivas. Helen riu.

— Eu me pergunto o quanto ele a quer... talvez ele pagasse.

— Eu aposto que ele faria. — Helen mastigou sua unha.

A ruiva estendeu a mão na frente dela enquanto ela olhava para mim. Eu senti uma estranha sensação de formigamento. Eu tentei me mover, mas cada centímetro de mim estava presa. Incluindo minha boca.

— Qual é o problema, o gato tem sua língua? — Ela riu.

— Cala a boca! Evidentemente, a boca de Gage ainda funcionava muito bem.

— Pare de tentar interpretar o herói, querido, não é isso que queremos de você.

— Então o que você quer?

Por favor, deixe alguém aparecer, eu disse repetidamente na minha cabeça.

— Você verá. Eu sabia que Hunter tinha me pegado um novo animal de estimação, eu não tinha ideia do quão legal, no entanto. — Ela agarrou o braço dele e puxou-o para a parte de trás do SUV. Ele não estava lutando contra isso, mas pela



expressão confusa e irritada em seu rosto, ele não estava indo por conta própria.

A ex de Hunter se virou para mim.

— Estou tentando decidir se vou deixar você aqui para congelar ou levá-la para casa. Não tenho certeza de qual seria melhor. — Ela empurrou Gage e bateu a porta.

— Decisão difícil. — Helen riu.

—Deixe-a, Vanessa. Talvez Hunter vai encontrar seu corpo. Isso iria irritá-lo, não é?

Vanessa sorriu.

— Boa ideia. Dessa forma, não temos que nos desfazer dela. Ela deu a volta até o lado do passageiro do carro.

— Tenha um bom dia, vagabunda. Eu não posso esperar para descobrir o quão bom é o seu menino aqui. Tenho certeza que ele vai esquecer de você sobre o que... hmm cinco minutos. Ela bateu a porta. Helen se aproximou e cuspiu na minha cara antes de entrar no banco do motorista. Momentos depois, ela ligou o SUV e foi embora.

Era isso. Gage se foi e eu ia congelar até a morte na beira da estrada. Lágrimas escorreram pelo meu rosto. Evidentemente ela não as congelou.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

GAGE

— Não! Você não pode deixá-la aqui! — Eu gritei a plenos pulmões enquanto ouvia as garotas insultarem Mary Anne enquanto elas iam embora.

Eu fui agradecido perdendo a capacidade de falar. Essas tinham que ter sido as bruxas que Hunter tinha avisado Mary Anne sobre. Eu acho que ele não estava mentindo.

Meu coração quase bateu para fora do meu peito enquanto as meninas continuavam pela estrada. A cabeça vermelha virou-se para o motorista.

— Agora que nos livramos do lixo, podemos ir para casa.

Casa? Ela estava louca? O que diabos estava errado com todas essas pessoas? Como havia tantos psicopatas vivendo a poucas horas de onde eu cresci? De onde Mary Anne cresceu? Estava congelando e ela não conseguia se mexer. Quanto tempo ela poderia sobreviver? Apesar dos meus sentimentos sobre ele, eu esperava que Hunter voltasse e a encontrasse. Ele era provavelmente sua única esperança.

— O que há de errado, querido? — A cabeça vermelha olhou para mim. — Você não está pensando nela, está?



Eu não disse nada, não consegui. Ela tirou minha capacidade de falar.

— Você vai aproveitar sua nova gaiola quero dizer, sua casa.

A garota de cabelos escuros riu. Eu lembrava vagamente da amiga dela chamando-a de Helen, mas eu preferia deixá-la sem nome. Afinal, foi ela quem me afastou de Mary Anne.

Gaiola? Eles queriam me manter em uma gaiola? Eu não me importei. Tudo o que eu queria fazer era voltar para Mary Anne. Mais uma vez eu a decepcionaria.

O motorista saiu da estrada e a cabeça vermelha subiu pelo console central até o banco de trás. Ela correu as unhas pelas minhas costas.

— Você é realmente uma boa pessoa. Todo o músculo. Eu gosto de músculos.

Sem aviso ela arrancou minha camisa. Agora eu tinha muitas fantasias sobre mulheres atraentes arrancando minhas roupas, mas nenhuma delas me envolvia sendo congelado no lugar, depois que essa mulher atraente deixou minha namorada para morrer na beira da estrada.

Ela passou os olhos por cima de mim.

— Agradável.

A cabeça vermelha se virou.

— Muito agradável. Ele vai ser divertido. Ela riu. — Muito divertido. Ela chupou meu lóbulo da orelha em sua boca e passou a língua sobre ele. Ugh. Eu teria feito qualquer coisa para afastá-la.

— Eu sou Vanessa a propósito. Qual o seu nome?



— Oh sim. Você não pode falar. As duas meninas riram.

— Vamos chamá-lo de Sprinkles. Ele tem essas sardas adoráveis no peito. Vanessa passou os dedos pelo punhado de sardas.

Que porra é essa? Sprinkles? O que, eu era um cachorro?

— Oh sim. Esse é um ótimo nome. Landa vai amá-lo. Ela ama os tipos altos e escuros.

— Existem outros tipos? Vanessa riu.

— Eu gosto de um belo loiro de vez em quando.

— Você pode acreditar que nós temos um de cabelos escuros com sardas? Que achado.

Se eu não tivesse passado apenas uma semana com uma matilha de lobos, teria pensado que estava sonhando. Voltei para a ideia do Inferno. Um monte de garotas gostosas que são vadias e matam a única garota que me interessa? Isso era o inferno.

Continuamos ao longo da estrada de terra até o SUV parar em frente a uma cabana. Era velha e parecia que vinha de um conto de fadas. O que era isso João e Maria?

— Estamos em casa, Sprinkles. — Vanessa abriu a porta e me puxou para fora. Parecia que meu corpo se movia quando ela queria, como se ela tivesse assumido todo o controle.

— Landa? Você está em casa? — Vanessa gritou.

— Sim. — Uma loira impressionante saiu de uma cabana.

— OH, MEU DEUS, ele é tão bonito!

Ela veio e colocou as mãos em ambos os lados das minhas bochechas.

— Qual o nome dele?



— Sprinkles.

— Por causa dessas sardas? — Ela passou um dedo sobre o meu peito.

— Sim! — As outras garotas gritaram.

— Deixe-me ir pegar sua coleira. — Landa voltou para dentro. Ela saiu segurando um colar de couro.

— Deixe-me colocá-lo. — Vanessa colocou o couro preto em volta do meu pescoço.

— Aqui está a coleira. — Ela anexou uma corrente a ela. — Vamos, Sprinkles. Hora de ver sua nova casa.

— Tootsie, venha mostrar Sprinkles.

Outro cara com um colarinho similar saiu e pegou minha coleira.

— Claro, madame. Eu vou levá-lo.

Esse cara estava indo junto com elas?

Ele me puxou para o lado da cabana para algum tipo de celeiro. Ele empurrou a porta do celeiro e me rebocou atrás dele. Ele parou em frente a uma cela. Sim, uma gaiola. Eles não estavam brincando. Dentro, havia dois colchões gêmeos na palha. Um dos colchões estava ocupado por um cara olhando para o teto. Além do colarinho, ele estava usando um colar de cânhamo no pescoço. Tootsie se inclinou para sussurrar.

— Faça o que elas dizem, ou você vai acabar como o Granola por lá.

Granola? Eu assumi que o cara poderia agradecer o colar de cânhamo por esse nome. Tootsie me empurrou. Eu não



tinha descoberto de onde veio o nome dele ainda, mas eu provavelmente não queria saber.

— O congelamento vai se desgastar em breve, mas faça um favor a si mesmo e mantenha a boca fechada.

Manter minha boca fechada? Como isso ia acontecer.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

MARY ANNE

Meu nariz coçou. Isso parece um pequeno detalhe considerando a minha situação, mas era garantia de que todo o meu corpo não estava frio. Durante a primeira hora, esperei que eles reaparecessem. Gage encontraria um jeito de se mexer e estaria de volta. Ele nunca me deixaria para trás. Ele encontraria uma maneira de voltar no tempo.

Eventualmente, essa esperança ilusória desapareceu e foi substituída pelo desespero. Que maneira de morrer. Pelo menos eu fiz sexo com Gage, várias vezes pelo menos. Isso foi alguma coisa.

Apenas quando eu pensei que a coceira no meu nariz não poderia piorar, percebi que poderia mover meu braço. Talvez o que quer que a bruxa tivesse feito estivesse acabando. No começo eu não conseguia mover meu braço além do cotovelo, mas meu dedo fez contato com meu nariz. Uma dor surda como a que se tem depois de uma injeção de tétano me fez descansar meu braço momentos depois. Eu tive que trabalhar um pouco de energia antes que eu pudesse movê-lo novamente.



Eu tentei mover minhas pernas, mas foi um não. Nada mais funcionou. Eu olhei para cima e notei pelo menos dez corvos alinhados nas linhas de energia acima de mim. Ótimo, eles já estavam circulando como se eu estivesse morta. Se os pássaros pensassem que eu era um caso perdido, que tipo de esperança eu tinha?

Um uivo baixo na distância me deu uma chance de esperança. Aquele era o Hunter? Ele me encontraria? Mas e se fosse o Falcon? Ou o lobo ficaria bravo, mas Hunter teria menos probabilidade de me machucar. Depois de alguns momentos de hesitação, meu corpo congelante, o desejo de viver e a determinação de encontrar Gage venceram. Eu tentei gritar. Nada aconteceu. Evidentemente minha voz não estava de volta.

Eu ouvi outro uivo, desta vez mais perto. Eu tentei gritar, mas foi inútil. Outro uivo anunciou a abordagem do lobo, e antes que eu pudesse processar o que estava acontecendo, havia um borrão de pele e um grande lobo cinzento com uma faixa de prata estava na minha frente. Hunter, Ele me achou. Eu senti uma mistura de alívio e medo.

Eu pisquei meus olhos, eles estavam piscando de novo, e Hunter estava em pé na minha frente em toda a sua glória nua.

— Mary Anne.

Ele me puxou em seus braços.

— Quem fez isto para você?

Eu não consegui falar.

— Foi Vanessa. Ele respondeu sua própria pergunta. Ele correu as mãos pelos meus braços.



— Você está congelando. Precisamos levar você para dentro. Ele me pegou e me segurou contra seu peito enquanto corria pela floresta. Pela segunda vez em poucos dias eu estava sendo carregada por um Hunter nu. Estava começando a parecer um padrão, mas desta vez Gage não estava comigo. Depois de ver o que as bruxas poderiam fazer, eu sabia de uma coisa. Ele estava em maior perigo que eu. Pelo menos eu sabia o que Hunter queria.

Eu tentei manter meus olhos abertos enquanto Hunter corria sobre a neve, mas eventualmente minhas pálpebras se fecharam. A única coisa que eu sentia era a batida de seu coração e o frio do vento.

— Fique comigo, Mary Anne. Fique comigo. Suas palavras sussurradas continuavam me puxando do sono que eu queria afundar.

— Gage. Minha voz retornou, e eu precisava que Hunter soubesse. Ele precisava me ajudar a salvá-lo.

— Não, é Hunter. Sempre vai ser eu.

Tentei levantar a cabeça para explicar mais, mas me senti fraca demais. Parei de tentar e deixei Hunter me levar de volta. Eu não poderia ajudar Gage até que recuperasse minha força.

— Ela está bem?

A voz de Marni me tirou do meu nevoeiro quando fui recebida por uma onda de calor.

— Precisamos de cobertores mais quentes, tudo o que você puder encontrar.

Eu finalmente abri meus olhos para me encontrar nos braços de Hunter na frente do fogo.



— Sente-se no sofá com ela, podemos cobrir os dois melhor assim.

Marni estava assumindo o comando. Apesar de tudo, sorri para mim mesmo. Eu nunca ouvi Hunter ouvir mais ninguém.

— Boa ideia. Hunter sentou-se, rapidamente me lembrando de como ele estava nu.

Pelo menos ele não estava excitado.

Ele me mexeu levemente e eu me enrolei nos cobertores.

— Estou tão feliz por você estar bem. Hunter escovou meu cabelo para trás do meu rosto.

— Obrigado por me salvar. — Eu sabia que ele salvou minha vida. É claro que eu nunca teria estado nessa situação se ele não estivesse ajudando as bruxas.

— Você sabe que eu faria qualquer coisa para mantê-la seguro. — Ele me segurou mais apertado.

— Você precisa parar de correr.

— Precisamos encontrar Gage.

— Não se preocupe com isso agora. Você está segura. Você precisa descansar. Ele beijou minha testa.

— Descansar? Eu empurrei os cobertores.

— Eu não posso. Precisamos salvá-lo. — Eu sabia que era louco pensar que Hunter ajudaria, mas foi a ex-namorada de Hunter que o levou.

— Você tem que esquecer dele. Ele se foi.

— Não. — Eu me levantei, quase caindo.

Hunter me firmou.



— Sim. Essas bruxas não o estão devolvendo. Ele deixou os cobertores caírem quando se levantou e ficou ali nu. Eu não podia nem me preocupar com isso. Tudo o que importava era conseguir Gage.

— Sim. As bruxas. Você nunca me contou o que elas faziam com seus escravos.

— Não vale a pena se preocupar. — Ele estendeu a mão para mim.

— Você precisa esquecê-lo. Ele se foi.

— Esquecer? Você está louco? Eu recuei.

— Por favor acalme-se.

— Como posso me acalmar?

Ele suspirou.

— Você percebe que nada disso teria acontecido se você tivesse ficado aqui. Se você não tivesse enganado o Falcon.

Falcon. Eu quase esqueci. Eu olhei ao redor.

— Ele não está aqui. A mandíbula de Hunter apertou.

— Onde ele está? — Eu não gostei do cara, mas eu esperava que Hunter não o tivesse machucado muito.

— Eu encontrei alguns outros trabalhos para ele.

— Não é totalmente culpa dele...

— Eu imagino que você deve ter sido bastante convincente. Ele andou em minha direção.

— Talvez você vai exercer esse tipo de esforço comigo algum dia.

Meu alívio por Falcon ter desaparecido não durou muito. Eu cometi o erro de olhar para baixo. Tanto para Hunter não



estar excitado. Examinei o quarto procurando por Marni. Nós não estávamos sozinhos, estávamos?

— Nós só fugimos porque você estava nos mantendo em cativeiro. Se você tivesse nos deixado sair quando quiséssemos e nos levasse para a cidade, elas nunca nos teriam encontrado.

— Isso não era uma opção.

— Eu preciso ir encontrá-lo.

— Absolutamente não. Suas mãos se fecharam em punhos. Pela primeira vez eu estava com medo de Hunter. Cada músculo estava lá em exibição para mim, e eu sabia que se ele quisesse, ele poderia me machucar em um piscar de olhos.

— Elas vão te matar.

Eu reuni toda a coragem que eu tinha.

— Eu tenho que tentar.

— Eles deixaram você para morrer uma vez antes. Você realmente quer enfrentar isso de novo?

— Gage vale a pena. — Eu sabia disso inequivocamente.

Um olhar de admiração cruzou o rosto de Hunter. Ele ficou surpreso por eu arriscar minha vida por Gage? O olhar desapareceu rapidamente.

— E o quê? Você espera que eu o salve por você?

Eu coloquei uma mão no meu quadril.

— Não. Espero que você me deixe ir.

— Por quê? Então você pode me deixar por ele? Então você pode sacrificar sua vida por um menino que não deveria significar nada para você?

— Mas ele significa algo para mim. — Tudo.



— Eu não vou deixar você.

— Então você terá que me manter aqui à força.

— Você está ameaçando seriamente correr de novo? Mesmo depois do que as bruxas fizeram com você? Depois do que eu te disse?

Eu decidi jogar a cautela ao vento. Eu estava disposta a concordar com qualquer coisa, se isso significasse trazer Gage de volta. Hunter estava agindo como se fosse uma causa perdida, como se ele não sobrevivesse. Isso não poderia acontecer. Hunter estava certo, eu não tinha chance contra as bruxas, mas ele tinha. Eu só tinha que dar a ele uma razão suficiente para ajudar.

— Eu vou parar de correr se você o trouxer de volta. Eu ficarei aqui. Eu vou deixar você me manter segura. Eu usei as palavras que eu sabia que ele queria ouvir. Elas tinham que ser o suficiente. Mesmo que isso significasse ficar com os lobos por mais tempo, valia a pena. Depois de apenas alguns minutos com as bruxas, soube que eram perigosas. Quem sabe o que eles poderiam estar fazendo com Gage?

— Se eu o trouxer de volta, as regras permanecem as mesmas.

— Sim. Eu prometo.

— E você acabou de correr? Eu não vou ter que mantê-la aqui à força?

Eu solto uma respiração profunda. Uma visão do rosto de Gage quando ele foi empurrado para dentro do SUV passou pela minha mente.

— Sim. Eu parei de correr.



— Prove.

— Provar isso?

Ele me observou.

— Dê-me algo para me mostrar que sua palavra significa alguma coisa.

Eu andei em direção a ele.

— Ok. — Eu me inclinei e escovei meus lábios contra os dele.

— Eu prometo que vou parar de correr.

Eu esperava que ele tentasse aprofundar o beijo, e me preparei para isso. Qualquer coisa por Gage. Ele não fez isso. Em vez disso, ele me puxou para um abraço.

— Eu voltarei com ele. Então eu espero que você mantenha sua palavra. — Ele soltou.

— Eu não deveria ter que postar um guarda, mas eu vou ter Marni vindo para fazer companhia a você.

— Obrigado.

— Sim, bem, não há muito que eu não faria por você. — Ele tirou um pouco do meu cabelo do meu rosto.

— Você continua correndo, mas o que você não entende é que você pertence aqui ao meu lado. Só eu posso te manter em segurança. Só eu posso te proteger.

Meu coração doeu. Por que ele se importava tanto? Eu era algum tipo de substituta para sua ex-namorada? Mas como ele a amava? Como alguém assim poderia amar uma garota tão cruel?

Eu não tive muito tempo para pensar sobre isso antes que ele saísse pela porta.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

GAGE

Como Tootsie previra, o que diabos Vanessa fez comigo acabou. Eu poderia andar por aí e eu poderia conversar. Eu gritei algumas vezes sem sucesso. Nem mesmo Granola se virou para olhar para mim. O pobre rapaz continuou olhando para o teto. Ele parecia fisicamente bem, mas eu não tinha certeza se alguma coisa estava acontecendo em sua cabeça.

Eu esperei no lado mais distante da gaiola de Granola. Granola, eu odiava até mesmo pensar no nome idiota que eles inventaram.

Eu sabia que estava em apuros. Ser trancado em uma gaiola por um bando de bruxas não era bom, mas tudo que eu conseguia pensar era em Mary Anne. Ela ainda estava lá fora? Desde que o feitiço se desgastou de mim, eu esperava que o mesmo tivesse acontecido para ela. Talvez ela já estivesse a caminho da cidade. Eu esperava que ela não fizesse algo louco como tentar me encontrar. Ela não iria. Ela tinha que ter alguma autopreservação e eu não valia a vida dela. Mesmo que ela estivesse de volta com os lobos, seria uma alternativa melhor. Eu não gostava de Hunter, mas ele não a mataria. Ele se importava com ela em seu jeito estranho e bagunçado.



— Elas estão prontas para você. — Tootsie abriu a porta da gaiola. Ele trocou os jeans e o suéter que estava usando quando cheguei. Ele agora estava vestido com o que parecia ser um uniforme de marinheiro dos anos 50. Inacreditável.

-Elas estão prontas? — Eu me virei. Eu não conseguia manter o rosto sério olhando para o cara. — Que diabos isso importa? Eu não estou atendendo a elas.

— Você deve.

— Por que você está fazendo isso? — Eu me virei para olhar para ele. — Você gosta de ser tratado como um animal de estimação?

— É melhor do que acabar como ele. — Tootsie apontou para Granola que agora estava babando.

— O que elas fizeram com ele? — Eu realmente não queria saber, mas eu precisava saber o que estava enfrentando.

— Espero que você não descubra em primeira mão. — Ele estendeu a coleira. — Venha. — Saí da gaiola fingindo que iria junto com as coisas. Eu deixo ele prender a coleira estúpida e esperei que ele abrisse a porta do celeiro.

Eu ainda não tinha camisa, mas congelar na neve parecia uma opção melhor do que lidar com essas pessoas. Havia uma melhor chance de sobrevivência no primeiro. Uma vez fora, tirei a coleira da mão e saí correndo. Eu fiz alguns metros antes de todo o meu corpo congelar novamente.

— O que temos aqui? — A voz estridente de Vanessa veio logo atrás de mim. Ela se moveu na minha frente e correu um dedo pelo meu peito.

— Você não é muito obediente, não é?



— Obediente? Caso você não tenha percebido, eu não sou um cachorro. Ela não congelou minha voz dessa vez.

— Não, os cães não se parecem com você. — Ela me segurou através do meu jeans. — Diga-me, você é bom na cama?

A sério? Essa era uma questão real?

— Eu acho que vou descobrir isso por mim mesma. — Ela sorriu maliciosamente. Eu não queria descobrir como ela ficaria louca se ela me visse nu. Eu estava com frio, e nem consegui mover meus braços para afastá-la.

— Venha junto, Sprinkles. Nós podemos terminar esta avaliação lá dentro. — Ela puxou a coleira.

— O que você quer comigo?

Ela riu. — É para isso que serve a avaliação.

Foi isso. Eu não poderia simplesmente ir junto com isso. Eu usei cada grama de força que eu tinha e empurrei com o objetivo de resistir. Parei de repente, finalmente saindo do feitiço.

A vitória só durou um momento antes de ela puxar a coleira. — Vamos, Sprinkles. Eu não quero ter que fazer outro feitiço.

— Eu não vou a lugar algum com você. Vou voltar para encontrar Mary Anne. Eu lutei contra o seu puxão surpreendentemente forte.

— Mary Anne? Você quer dizer a garota que provavelmente é um picolé agora? Eu não me preocuparia com ela. Tenho certeza que um animal vai limpar a bagunça.



Eu me lancei para ela, mas meu punho só chegou a poucos centímetros de seu rosto antes que estivesse congelado no lugar.

— Agora Sprinkles. — Ela balançou um dedo na frente do meu rosto.

Tentei parar de andar de novo, mas não consegui.

— Venha, você tem que conhecer a Gerry. Ela está morrendo de vontade de conhecer você. Ela puxou a coleira.

Mais uma vez senti a estranha sensação. Ela deve ter fortalecido o feitiço.

Fantástico.

A porta da cabana se abriu e uma mulher provavelmente de quarenta e poucos anos saiu. — Este é o novo?

— Sim, Sprinkles. — Vanessa puxou a coleira novamente.

— Oh. Nome apropriado. Ela tocou meu peito.

— Mais sobre as sardas?

— Ele não é muito obediente, mas acho que vamos encontrar um uso para ele. — Vanessa colocou a mão na parte de trás do meu jeans. Se eu pudesse me mover, eu teria pulado.

— Eu serei o juiz disso. Traga-o para dentro. A mais velha das bruxas, que eu assumi que se chamava Gerry, virou-se e entrou.

Vanessa me puxou para dentro, onde Gerry esperou com as outras duas jovens bruxas.

A loira, Landa, ou qualquer que fosse o nome dela, sorria para mim. — Ele está pronto para a avaliação?



— Sim. Ele está pronto. Vanessa deixou cair a coleira e todos os quatro se sentaram em um longo sofá de couro preto.

A de cabelos escuros recostou-se no sofá. — Ele é grande. Isso é sempre útil —

— Sim. Ele seria útil para o trabalho manual. Gerry comentou.

— Você pode dançar? — Landa tirou alguns dos cabelos do ombro dela.

Eu não disse nada. Mais uma vez eu não conseguia me mexer. Caso contrário, eu estaria correndo.

— Responda-lhe. — Gerry retrucou.

Eu fui abrir minha boca e fiquei surpreso quando minha voz saiu. — Dançar? Você está brincando comigo?

— Não fale assim conosco, — Vanessa rebateu.

— Eu vou dizer o que eu quiser dizer. Você não pode me manter aqui. Eu não estava indo para baixo sem uma briga.

— É assim? — Gerry se aproximou de mim. — Você realmente acha isso?

— Sim.

Gerry fez um som de nojo. — Eu voltarei para vê-lo mais tarde. Certifique-se de tê-lo na linha. Ela saiu pela porta.

— Muito obrigado. — Vanessa abanou o dedo na minha cara novamente. — Minha primeira chance de me provar, e você teve que estragar tudo?

— Provar-se? Apenas me deixe sair daqui.

— Eu posso fazer você obedecer.

— Devo pegar a água? — O homem de cabelos escuros perguntou.



— Sim. Vou pegar as correntes. — Landa saiu correndo.
Água? Correntes?

Momentos depois, um balde cheio de água fria foi derramado sobre a minha cabeça.

Eu estremeci. O pequeno chalé não era muito aquecido e a água fria era um choque.

— Sente-se, Sprinkles. Vanessa apontou para mim.

— Não. — Eu parecia ter controle de volta.

— Sente-se, Sprinkles.

— Eu não sou um fodido cachorro.

Em um flash, meu corpo bateu no chão de madeira e as correntes foram amarradas ao redor das minhas mãos e pés.
— Você vai fazer o que dissermos.

— Não. Não farei nada que você diga. — Eu estava cansado de saber o que fazer. Eu preferiria morrer do que jogar seus jogos.

Meu corpo todo se convulsionou quando a eletricidade pareceu passar por mim.

As bruxas riram.

Eu pisquei algumas vezes, tentando me recuperar.

Quando abri os olhos, Vanessa estava bem na minha frente. — Ainda vai me desobedecer?

— Sim.

Um choque ainda mais forte passou por mim. Eles estavam me eletrocutando? Depois que me recuperei, cerrei os dentes. — Eu nunca vou ouvir.



— Oh, Sprinkles. Eu não quero continuar fazendo isso. Você viu Granola? Ele ficou paralisado três vezes. Você realmente quer se tornar como ele?

— Eu nunca faço nada que vadias dizem.

Outro choque correu por mim. Este foi mais intenso e durou mais que os anteriores. Eu não conseguia abrir meus olhos, mas ouvi o som de uma batida forte.

— Quem é? — Vanessa retrucou.

— Sou eu. Me deixe entrar.

Eu reconheci essa voz. Eu não deveria ter ficado aliviado ao ouvir isso, mas pelo menos Hunter não tentou me eletrocutar.

Vanessa exalou alto. — Deixe-o entrar.

Eu forcei meus olhos abertos. Eu pisquei várias vezes para colocar minha visão em foco. Hunter ficou a poucos metros completamente nu. Ele deve ter vindo como um lobo. Sua forma grosseira ofuscando a pequena sala.

— Eu preciso disso de volta. — Ele apontou para mim.

— Por quê? Estamos usando ele. Vanessa sorriu.

Eu fechei meus olhos novamente. O esforço para mantê-los abertos não valia a pena quando eu não conseguia me mexer de qualquer maneira.

— Eu preciso dele.

— Por quê? Por que ele? Você nunca pegou os outros.

— Eu disse que preciso dele. — A voz de Hunter soou mais alto. Eu forcei meus olhos abertos. Ele ficou a poucos metros de mim. — Minhas razões não dizem respeito a você.



— Oh, é a garota. Não é? Aquela pequena vagabunda com o qual você obviamente esteve. Ela tem você buscando seus outros homens? Você não é suficiente para satisfazê-la?

— Não fale dela. — Hunter rosnou. — Eu estou levando ele.

— Eu vejo como é. Você está com ciúmes. Ela riu.

— Com ciúmes?

— Sim. — Ela passou a mão pelo peito dele.

— Você sente falta da minha atenção.

— Eu não sinto sua falta. Sinto falta da garota que conheci antes. Ele a empurrou para fora do caminho.

Ela suspirou de um jeito exagerado. — Tudo bem, você pode tê-lo, mas eu preciso fazer mais uma coisa. — Um choque final correu através de mim, foi ainda mais forte, e gradualmente piorou. Meu corpo começou a tremer incontrolavelmente. Então, tão subitamente quanto a dor e os solavancos começaram, tudo ficou negro.

— Volto em breve. Tente relaxar e ficar quente.

Eu balancei a cabeça, esperando que eu não estivesse esperando por muito tempo.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

MARY ANNE

Eu assisti pela janela da frente com o meu rosto pressionado contra o vidro como uma criança olhando para o Papai Noel. A neve recomeçou. Eu adorava ver os flocos caindo, mas depois de tudo que passamos, eu esperava nunca mais ver neve. Eu estava pronta para me mudar para os trópicos.

Finalmente, o que pareceu uma eternidade depois, vi Hunter correndo em direção à casa. Ele estava segurando algo em seus braços e meu peito se apertou. Era Gage?

Eu não esperei por Marni. Eu apenas saí pela porta. Ela não tentou me impedir.

Em vez disso, ela apenas me seguiu.

Corri para encontrar Hunter, tentando dar uma olhada no que ele segurava. Eu sabia que era Gage, mas não queria aceitar que ele não pudesse andar sozinho.

— Ele está bem? — Eu olhei por cima.

Hunter sacudiu a cabeça.

— Não. Eu estava muito atrasado. Ele colocou o corpo imóvel de Gage na neve.

Cada centímetro de mim estava congelado, mas não do frio. Eu poderia ter me importado menos



com o vento e a neve, mas o rosto pálido de Gage tinha meu peito apertando e meu coração acelerado. Ele não podia morrer. Ele não podia. Eu apertei sua mão, desejando que algumas das minhas energias saltassem do meu corpo para as dele. Ele deveria ter escapado quando teve a chance. Ele não deveria ter esperado por mim. Eu não valia pena. Eu não valia a vida dele.

— Por favor, abra seus olhos. — Eu nunca quis não ver seus olhos castanhos mais. — Por favor, faça isso por mim. — Gage era mais do que apenas minha fantasia, ele era muito melhor. Ele era tão merecedor de uma vida plena e longa.

Memórias da noite anterior me inundaram. A sensação de suas mãos na minha pele, o gosto de sua boca, a maneira como seus lábios percorriam meu corpo. Gage me fez sentir viva de uma maneira que nunca imaginei ser possível. Eu não estava desistindo dele. Eu não podia. Eu precisava dele. Eu nunca precisei tanto de alguém. Ele era tudo que eu tinha, e eu sabia que mesmo se voltasse para a minha vida real, estaria vazio sem ele. Eu teria desistido de qualquer coisa por ele. Eu já tinha desistido da minha liberdade, mas eu desistiria de mais. Eu desistiria de tudo.

— Ele não está acordando. — A voz profunda de Hunter me assustou. Eu quase esqueci que não estava sozinha com Gage. Eu não conseguia ver nada além do rosto dele.

Eu ignorei Hunter. Claro que ele diria isso. Ele não queria que Gage ficasse bem.



— Mary Anne. Ele está morrendo. Você não pode mudar isso. — Havia algo nas palavras de Hunter que me fizeram parar.

— Mas você pode? Eu me virei, levantando-me enquanto segurava um pequeno raio de esperança.

— Não vai ser fácil.

— Faça! Faça qualquer coisa. Por favor. Eu caí de joelhos na frente dele. — Salve ele. Por favor. Você prometeu. Você prometeu que o traria de volta.

— E eu tentei. Eu o trouxe de volta aqui.

Eu apertei minhas mãos juntas. — Não conta. Você tem que salvá-lo.

— Tem uma coisa que eu posso fazer, mas está correndo um grande risco. Eu estaria colocando meu bando inteiro em perigo.

— Faça. Eu juro que serei sua. Eu farei qualquer coisa. Por favor.

— Cuidado com o que você oferece.

— Estou falando sério. Qualquer coisa. — Eu olhei para ele através dos olhos com lágrimas.

Qualquer coisa valia a pena salvar Gage, não importava o custo.

— Não importa. — Ele balançou a cabeça. — Eu não posso fazer isso.

— Você pode. — Agarrei suas pernas. — Por favor. Por favor. As lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto.



— Ninguém vai te julgar por isso. — A voz de Marni era forte, assertiva. Eu olhei ao redor das pernas de Hunter para encontrá-la. — Todos nós vamos entender.

— É muito perigoso.

Ela encolheu os ombros. — E o que não é?

Hunter se ajoelhou ao meu lado. Seu rosto brilhou com indecisão. — Por favor. Eu já te disse. Eu farei qualquer coisa.

Ele assentiu e colocou a mão no meu ombro. — Seja minha companheira.

— Sua companheira? — Eu sabia que esse termo tinha um forte significado, mas eu teria concordado com qualquer coisa.

— Sim. Minha companheira. Você pertencerá a mim em todos os sentidos.

— Se eu prometer, você o salvará?

— Sim. Da única maneira que posso.

— E o que isso seria? — Eu tremi.

Ele se esquivou da minha pergunta. — Ele pode não apreciar a decisão que você está tomando.

— Ele estará vivo?

— Sim. Mas ele não será o mesmo.

— O que isso significa?

— Eu tenho que mudá-lo. Eu tenho que fazer dele um de nós.

Eu não me importava se Gage concordaria ou não. A vida de qualquer espécie era melhor que a morte. Eu não podia perdê-lo.

— Faça. É melhor do que deixá-lo morrer.



— Afaste-se.

— Não. Eu preciso ficar com ele.

— Afaste-se. Estamos ficando sem tempo, — Hunter rosnou.

— Marni, segure-a. Não a solte.

— Claro. — Ela agarrou meus braços.

— Você está pronto para isso Hunter? Eu sei que eu lhe disse que não iríamos julgar, mas você realmente quer fazer isso? — Ela estava representando o advogado do diabo, e eu queria sacudi-la para dizer a ela para calar a boca. Nós estávamos ficando sem tempo.

— Vale a pena. Vale a pena por ela. O ar zumbiu quando Hunter se transformou em lobo. Seus olhos de lobo se encontraram com os meus antes de ele morder o pescoço de Gage.

Eu me forcei a ver como o sangue escorria.

— Ele está machucando ele?

Marni hesitou antes de responder. — Eu nunca vi isso antes. Apenas um Alpha Dire pode mudar alguém é uma das coisas que nos diferencia de outros shifters. Nós somos os únicos que ainda têm o poder.

Hunter soltou Gage e soltou um uivo alto e profundo.

O corpo de Gage começou a convulsionar e eu chorei. Chorei pelo garoto que quase perdi e pelo garoto que nunca mais poderia ter. Eu sabia que não poderia sair do que prometi a Hunter, e não tentaria. Não se ele salvasse Gage. Não se ele lhe desse outra chance na vida.



Os minutos se passaram e, sem nenhum aviso, Hunter recuou e se transformou em sua forma humana. Corri a tempo de ver os olhos de Gage se abrirem. Eu me movi em direção a ele, mas Hunter me segurou. Eu empurrei seu braço até que Gage se levantou e soltou um grunhido trovejante.

— ***O que nós fizemos?***

*Continua em **Dusk***

